



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA

SHEILA IZOLETE MENDES EVANGELISTA

**O arraial do Espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas,
espíritas e católicos em Belém (1918-1923)**

Belém
2012

Sheila Izolete Mendes Evangelista

**O arraial do Espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas,
espíritas e Católicos em Belém (1918-1923)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Couto Henrique

Belém
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA-Brasil)

Evangelista, Sheila Izolete Mendes

O arraial do Espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas, espíritas e católicos em Belém (1918-1923) / Sheila Izolete Mendes Evangelista ; orientador, Márcio Couto Henrique . – 2012.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2012.

Sheila Izolete Mendes Evangelista

**O arraial do Espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas,
espíritas e Católicos em Belém (1918-1923)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Márcio Couto Henrique
Universidade Federal do Pará – Faculdade de História
Orientador

Professor Doutor Agenor Sarraf Pacheco
Universidade Federal do Pará – Programas de Pós-Graduação em Artes e Antropologia
Examinador externo

Professor Doutor Aldrin Moura de Figueiredo
Universidade Federal do Pará – Faculdade de História
Examinador Interno

Dedico este trabalho
a Heitor Evangelista
Cuns, pela sua
doação e amor
incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um momento sublime, momento de reflexão e retribuição.

Agradeço inicialmente a meu orientador Professor Doutor Márcio Couto Henrique, ou simplesmente Couto, amigo brilhante da graduação, exemplo de superação das adversidades, foi muito mais que um orientador, conviveu com minhas falhas e dificuldades, sendo tolerante, disposto, leu minhas composições criticamente e me fez crescer do ponto de vista intelectual, sendo sempre muitíssimo sincero. Todos os méritos dessa produção a ele pertence, em relação às falhas sou a única responsável. Muito obrigada Márcio Couto Henrique.

No exame de qualificação as avaliações levantadas pelos Professores doutores Aldrin Moura de Figueiredo e Antonio Maurício Dias da Costa foram relevantes, apontando problemas e soluções que permitiram dar qualidade a este trabalho.

Agradeço também ao Professor Doutor Emerson Giumbelli, que na primeira troca de e-mail mostrou-se disponível em tirar dúvidas.

Meus sinceros agradecimentos aos amigos da UFPA Marcelo Carvalho, Nonato Castro, Eurico Júnior e Walter Pinto, pelo apoio e incentivo nos momentos de dificuldades, somados a contribuições bibliográficas e discussões.

Quero agradecer também aos amigos que sempre vibraram com minhas conquistas: Fernando Amorim, Juacilene Tostes, Lourdes e Luciana Pará pelas constantes orações a mim direcionadas e em especial a Cleodir Moraes pelo incentivo sempre presente e a Rosângela Fiel Lopes pela disponibilidade e apoio constante nestes últimos dois anos.

Sou também imensamente grata à bibliotecária da Federação Espírita Brasileira que coincidentemente se chama Anna Prado, esta foi extremamente atenciosa e me enviou dois livros digitalizados raríssimos do acervo dessa instituição.

E por fim a minha família, instituição cuja importância não pode ser medida, João Alberto Mendes Evangelista, meu irmão generoso e aos meus amores Heitor Evangelista Cuns, meu filhote, e Márcio Roberto Ribeiro Cuns, meu marido, meu amor, que não poupou esforços para me apoiar, companheiro de todas as horas que em sua imensa capacidade de perdoar, suportou minhas crises e estresses, sempre me oferecendo seu abraço reconfortante e palavras de incentivo a quem sou eternamente grata não apenas por este trabalho, mas por tudo que tenho nessa vida, pois sem esses dois eu não sou absolutamente nada.

RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo discutir e analisar a repercussão das atividades fenomênicas da médium Anna Prado durante os anos de 1918-1923, sua importância na popularização do Espiritismo e os acirrados debates motivados pelos fenômenos. Para fundamentar a discussão e a análise, é avaliada a bibliografia produzida sobre o espiritismo e a médium Anna Prado, os artigos jornalísticos que se ocuparam em divulgar e debater os fenômenos e a atuação da elite letrada em expor suas convicções acerca dos acontecimentos, contribuindo para a produção de mais de uma interpretação específica sobre os eventos mediúnicos.

Palavras-chave: Anna Prado. Espiritismo. Catolicismo. Positivismo.

ABSTRACT

This study aimed to discuss and analyze the impact of the activities of the medium phenomenal Anna Prado during the years 1918-1923, its importance in the popularization of Spiritualism and the fierce debates motivated by the phenomena. To ground the discussion and analysis, we evaluate the bibliography on spiritualism and psychic Anna Prado, newspaper articles which are occupied in disseminating and discussing the phenomena and the role of the literate elite to expose their beliefs about the phenomena contributing to the production of more a specific interpretation on the psychic events.

Key words: Anna Prado. Spiritualism. Catholicism. Positivism.

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

APL – Academia Paraense de Letras

FEB – Federação Espírita Brasileira

UEP – União Espírita Paraense

UFPA – Universidade Federal do Pará

CRÉDITO DAS IMAGENS

- Fotografia 1 – *Família Prado*. Ettore Bosio, imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos* (O livro do João). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.....19
- Fotografia 2 – *Anna Prado em transe mediúnico produzindo ectoplasma*. Ettore Bosio, imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *A renascença da alma*. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré -Escola Profissional do Estado, 1924.22
- Fotografia 3 – *O João*. Ettore Bosio, imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos* (O livro do João). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.....26
- Fotografia 4 – *Anna Prado em transe mediúnico*. Ettore Bosio, imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos* (O livro do João). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.....29
- Figura 5 – *Croqui da sala de reuniões*, QUINTÃO, Manuel. *Phenomenos de materialização*. Rio de Janeiro: FEB, 1921.30
- Fotografia 6 – Florêncio Dubois. Anônimo, imagem retirada do livro COLOMBO, Pe. Giancarlo. *Pe. Florêncio Dubois*. Rio de Janeiro, 1973.53
- Fotografia 7 – *Um espírito materializado*. Etorre Bosio. Belém-Pa, imagem retirada do jornal O Estado do Pará e a Folha do Norte. (20.05.1920, p.01).57
- Fotografia 8 – *Ettore Bosio*. Anônimo, imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos* (O livro do João). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002,59
- Fotografia 9 – *Grade onde a médium seria encerrada por ocasião da experiência*. Anônimo, imagem retirada do jornal Folha do Norte. (06.08.1920, p.01).79
- Figura 10 – *Impressões digitais de Anna Prado*. Imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos* (O livro do João). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.....83
- Figura 11 – *Impressões digitais dos dedos do Fantasma*. Imagem retirada do livro FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos* (O livro do João). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.....83

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	05
AGRADECIMENTOS.....	06
RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
LISTA DE SIGLAS.....	09
LISTA DE IMAGENS.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo I – O arraial do espiritismo.....	16
1. No princípio um vulto.....	16
1.2 Em seguida, “fantasmas”.....	17
1.3 As habilidades mediúnicas de Anna Prado.....	21
1.4 O Espiritismo sob a perspectiva acadêmica.....	34
1.5 Anna Prado temática de produções espíritas e não espíritas.....	39
1.6 Belém, cidade “Fantasma”.....	47
Capítulo II – Um Padre no meio do caminho.....	50
2. O debate religioso.....	50
2.2 Uma pena a serviço da Igreja Católica.....	58
Capítulo III – Homens de ciência desafiam e são desafiados por “fantasmas”.....	71
3. O cientificismo.....	71
3.1 A experiência.....	72
3.2 “Fantasmas” desafiam os homens de ciência.....	79
CONCLUSÃO.....	100
REFERÊNCIAS.....	102

INTRODUÇÃO

Atualmente a maioria das pessoas mantém com o mundo pós-morte uma relação de proximidade e interesse, a nível nacional no ano de 2010 os cinemas brasileiros foram atingidos por uma febre de filmes com a temática espírita. Em apenas duas semanas em cartaz, o filme *Nosso Lar*, que é baseado em um dos livros de Chico Xavier e que acompanha a jornada de um médico após a morte, foi visto por mais de dois milhões de espectadores quando a maioria dos longas nacionais não alcança cem mil. Antes disso, as películas Bezerra de Menezes e Chico Xavier já haviam sido fenômenos semelhantes de bilheteria chamando a atenção para a força da doutrina espírita, religião discreta, mas de presença constante na sociedade brasileira.¹

Os três filmes lançados tratam da continuidade da vida após a morte, ambos com boa receptividade do público brasileiro, além dos três primeiros longas-metragens, em fevereiro de 2011 foi lançado “*As mães de Chico Xavier*”, ratificando esse perfil. O interesse pela vida extra-túmulo não se limita a nós brasileiros é um fenômeno mundial. Hoje são veiculados os mais variados programas referente à temática nos canais por assinatura a nível nacional e internacional, os Estados Unidos da América é um dos maiores produtores deste tipo de programa que enfatiza o contato entre os habitantes do mundo natural tangível, do qual fazemos parte, e o do mundo sobrenatural ou invisível onde atuam os espíritos. Dentre os vários programas destaco *Famosos e Fantasma*, *Caçadores de Fantasmas*, *Instinto Paranormal*, *Minha História de Fantasmas*, *Mysteryquest*, *Crianças médiuns e Paranormal*, entre outros.

Diferente de muitas pessoas, minha intimidade com a morte remonta a infância, quando aos três anos de idade minha família perdeu em um acidente de carro um sobrinho de apenas um ano e seis meses. Apesar da pouca idade lembro-me com clareza absoluta, os acontecimentos que sucederam ao terrível acidente, o velório, a dor dos parentes, os terços rezados e as palavras de minha mãe dizendo, que os mortos retornavam ao sétimo dia para visitar os parentes com o objetivo de fazer contato, depois desse episódio foram tantas mortes seguidas em minha família que passei a achar inteiramente natural perder um parente a cada dois anos e ficava apavorada com a ideia de um deles aparecer, trazendo alguma mensagem do “outro mundo”.

Durante muito tempo a morte e a possível continuidade da vida significou para mim um período de contraste, dor e tristeza intercalado por momentos de conforto e

¹ <http://www.traca.com.br/clipping/exibir/9635/a-onda-espirita-nos-cinemas>, acessado em 20/01/2011.

união, uma vez que minha família, tão distanciada, se unia pela dor em pleno exercício de solidariedade. O ritual de rezar o terço exprimia a certeza de que “A vida prolongava-se depois da morte e os mortos estão presentes, especialmente durante as cerimônias em que são associados aos vivos. Eles são evocados constantemente nos locais de oração [...]” (DUBY, 1999, p.124); o pleno hibridismo do mundo natural e do sobrenatural. Depois de 1981, não morreu mais nenhum parente próximo, porém minha familiaridade com a morte e o mundo invisível, cemitério e fenômenos paranormais continuou, o que me deixou totalmente à vontade para pesquisar as atividades fenomênicas de Anna Rebello Prado, médium de efeitos físicos que viveu em Belém e que durante os anos de 1918 a 1923, teria materializado, para uma assistência seleta, vários ‘espíritos’ em sua residência; despertando um vendaval de discussões que envolveram a Igreja Católica, a elite letrada e o corpo médico-científico.

As repercussões das atividades da médium foram publicadas nos jornais durante cinco anos o que me levou a questionar qual o impacto causado pelas materializações de espíritos junto à elite letrada? Qual a importância do corpo médium científico na avaliação dos fenômenos? Qual a reação da Igreja Católica diante dos eventos? De que forma as atividades da médium contribuíram para a divulgação de uma nova orientação religiosa: o espiritismo? Essas são algumas das perguntas que pretendo responder ao longo do trabalho.

Anna Rebello Prado já fazia parte do meu universo acadêmico desde a conclusão graduação em 1997, na Universidade Federal do Pará (UFPA) -, que resultou na monografia intitulada *O caso Anna Prado: espíritas, católicos e positivista em Belém 1919-1921* (EVANGELISTA, 1997), Sob orientação de Rafael Chamboleyron. A dissertação ora apresentada é resultado da continuidade de minha monografia, após receber os pareceres favoráveis, porém críticos dos professores Rafael Chamboleyron, Pere Petit e Maria de Nazaré Sarges, muitas questões passaram a me inquietar e o curso de pós-graduação em história apresentou-se como uma oportunidade para respondê-las.

Quando recomecei os estudos iniciados em 1997 e passei a socializá-los com alunos do curso de graduação da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), assim como por meio dos trabalhos propostos pelo curso de mestrado percebi o interesse e a receptividade que o tema despertava nos ouvintes e o principal questionamento sempre foi o mesmo: O que acontecia na casa dos Prado era verdade ou era fraude? E sempre respondo que isso é o que menos interessa, o que importa é de fato perceber porque

alguém que supostamente manteve uma íntima relação com o mundo pós-morte causou tanto desconforto para seus contemporâneos.

As pesquisas iniciadas revelaram que a atuação dos médiuns foram de suma importância para a propagação do espiritismo e conversão de novos seguidores da doutrina, principalmente através das curas mediúnicas realizadas pela intervenção dos habitantes do além, que utilizavam os médiuns para receitar remédios. Essas atividades fizeram a doutrina kardecista tornar-se popular transformando esses médiuns em agentes muito procurados pelos enfermos, fenômeno que para Quintão (1921) só foi possível porque os médiuns tratavam dos males do corpo e do espírito conjuntamente. Tratando-se de Anna Prado sua atuação enquanto agente de cura não se limitou a receituários, a médium realizou intervenções cirúrgicas auxiliadas por espíritos materializados que vieram do além ajudar os doentes.

Assim, no primeiro capítulo “O arraial do espiritismo”, procuro analisar a atuação dos médiuns como Anna Prado para a divulgação do Espiritismo e conversão de novos adeptos, seus diversos dotes mediúnicos somados a sua habilidade diferenciada de supostamente materializar espíritos que a transformaram em médium singular a época, fazendo que suas atividades mediúnicas tornarem-se temática de produções espíritas. Papel de destaque é facultado também ao debate teórico no qual ficam expostos os caminhos percorridos pela doutrina kardecista no Brasil. Os sites especializados sobre Espiritismo, verdadeiros ‘museus digitais’, foram de suma importância, pois guardam os acervos de muitas agremiações espíritas como, por exemplo, a Federação Espírita Brasileira (FEB); uma das mais importantes instituições espíritas do país.

No capítulo II, “Um Padre no meio do caminho”, centro minha análise no debate religioso, início mostrando a situação que Igreja Católica se encontrava no início do período republicano e sua reorganização no intuito de manter sua hegemonia religiosa no país, combatendo de forma enérgica outras orientações religiosas. A Igreja Católica se posicionou frente aos fenômenos mediúnicos de Anna Prado por meio da atuação do Padre barnabita Florêncio Dubois que nos artigos publicados diariamente nos jornais belenenses *Folha do Norte* e *A Palavra*, condenou os fenômenos e sua origem alémtúmulo, censurando severamente espíritas e suas práticas, o que me permitiu discutir a importância da imprensa e o papel desempenhado pela fotografia como instrumento de crítica e convencimento da existência do mundo dos mortos nos tensos debates travados nos jornais entre espíritas, católicos e os assistentes.

No terceiro e último capítulo é abordado de forma mais específica o tenso conflito entre as práticas de cura, a medicina oficial exercida pelos esculápios e a doutrina espírita, pois Anna Prado realizou cirurgias mediúnicas num momento em que a medicina, enquanto ciência, travava luta pelo monopólio das artes de curar frente a outros agentes de cura. Também se analisa as repercussões dos fenômenos espíritos junto à elite letrada, que se identificava com o ideário positivista, buscando compreender como a filosofia contiana foi filtrada por esse grupo, que buscou submeter Anna Prado a uma experiência controlada, com vistas a conseguir provas que ratificassem ou não a existência de espíritos. As obras sobre a história da medicina no Brasil me auxiliaram bastante na compreensão e análise das experiências dos sujeitos envolvidos neste campo conflituoso.

Sem o livro de Raymundo Nogueira de Farias *O trabalho dos mortos: o livro de João* (1922) documento que registrou e descreveu minuciosamente os acontecimentos que envolveram os fenômenos mediúnicos de Anna Prado, esta pesquisa se tornaria muito mais difícil. O Trabalho de Farias não me serviu apenas como referencial bibliográfico foi também fonte de valor inestimável para o desenvolvimento deste estudo. Somado a esta obra, analisei os artigos produzidos nos jornais *Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e a *A Província do Pará* pelos sujeitos que se posicionaram em relação às atividades da médium, uns contra, outros a favor, seus textos serão associados à respectiva posição social que ocupavam, as preocupações de grupos, assim como a postura religiosa que defendiam. Com isso, identificaremos os interesses religiosos, científicos ou profissionais que sustentavam tais posicionamentos e o alcance destas palavras.

As palavras dos articulistas serão analisados como expressão de interesses particulares ou de grupos que traduzirem estratégias ideológicas de convencimento ou repulsa por um novo ideário religioso: o Espiritismo. Os antagonismos e adversidades provam que as atividades fenomênicas de Anna Prado tornaram as páginas dos periódicos matinais belenenses um ambiente pouco pacífico. Convido o leitor, que chegou até aqui, a caminhar comigo nesse intrigante percurso povoado por espíritos ora silenciosos, ora graciosos, bem como as diversas e conflitantes narrativas que estas supostas aparições causaram entre os vivos do século passado.

Capítulo I: O arraial do Espiritismo

1. No princípio, um vulto...

Em 1995, os principais telejornais locais de Belém do Pará exibiram reportagens que podemos considerar, no mínimo, curiosas. Em missa em ação de graças celebrada na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, no bairro da Pedreira², foi produzido vídeo amador da celebração. Seria mais um vídeo como qualquer outro, daqueles utilizados para serem guardados como lembrança de algum momento importante, se nele não aparecessem dois ‘espíritos’, que estiveram ‘presentes’ ao evento. Após adentrarem a igreja pela porta da frente, as duas ‘aparições’ se encaminharam para um dos bancos, sentaram-se e depois simplesmente desapareceram. A família ficou intrigada e, ao mesmo tempo, emocionada quando assistiu as imagens³, pois um dos ‘espíritos presentes’ no vídeo logo foi reconhecido. Tratava-se de Cláudio Ronaldo, ente querido falecido cinco anos antes, em 16 de agosto de 1990, vítima de anemia hemolítica. Já seu acompanhante, outro homem que trajava blusa branca e usava óculos, não foi identificado pela família.

A partir da divulgação dessas imagens na mídia local e, posteriormente, nacional, a cidade foi invadida por verdadeiro “rebuliço”. Em toda a cidade de Belém, escutavam-se opiniões e comentários a respeito do ocorrido. Grande parte da população não ficou indiferente ao fato, o que se supõe pela quantidade de vezes que a notícia foi veiculada. Diante dos acontecimentos, não faltaram interessados que tentaram dar explicação ao fenômeno. Representantes de diversas crenças – pastores de igrejas evangélicas, umbandistas, padres, espíritas⁴ e estudiosos no assunto, como os parapsicólogos – foram convidados por programas locais a darem explicações sobre o ‘fenômeno’ ocorrido. Os debates foram exaltados, cada qual pretendia defender seu ponto de vista.

² O referido bairro é um dos mais antigos de Belém, situado na periferia da cidade.

³ Vídeo disponível em dois endereços: <http://www.garotonervoso.com/2009/10/espírito-de-rapaz-morto-aparece-em.html> e <http://www.youtube.com/watch?v=cciVM9IKSCA>. Acesso em: 25 nov. 2010.

⁴ Ao longo desse trabalho, os termos espírita e kardecista serão utilizados para designar os adeptos do corpo doutrinário codificado por Allan Kardec. Esse esclarecimento se faz necessário porque nem sempre esta palavra foi utilizada para se referir especificamente a eles, pois outras religiões como a umbanda e o candomblé, por haver intercessão de espíritos em seus rituais, também denominam seus seguidores como espíritas.

A filmagem permaneceu sendo veiculada na mídia da capital por aproximadamente três semanas. Posteriormente ao ocorrido, alguns programas transmitidos nacionalmente continuavam repetindo-a. Possivelmente, se isso aconteceu era porque de alguma forma aguçava a curiosidade do público e uma das expectadoras que mais torcia para que as imagens fossem veiculadas de forma reiterada era eu, por ter ficado bastante impressionada com essa história naquela época.

1.2 Em seguida, “fantasmas”.

Justamente durante esse período de debates, obtive conhecimento sobre os fenômenos paranormais produzidos pela médium Anna Prado no início do século XX, por meio de uma entrevista de Jonas Barbosa, naquele momento presidente da União Espírita Paraense, a um programa local. E pensei: se a aparição de Cláudio Ronaldo causou um turbilhão de sentimentos e sensacionalismos na década de 1990, o que tais fenômenos produzidos por uma médium⁵, que supostamente realizava fenômenos espíritas de efeitos físicos considerados sobrenaturais, como a materialização de espíritos, poderia ter causado para a sociedade belenense dos anos vinte? Apesar de se tratar de fenômeno de difícil realização e demonstração, o que mais chama atenção no caso de Anna Prado, é que a materialização de espíritos tinha lugar e hora marcada para acontecer. Fato que, num só tempo, intrigou e aguçou a curiosidade das pessoas. Portanto, estudar esse evento particular e saber qual a repercussão dos ofícios da médium Anna Prado e de que maneira os moradores da capital belenense na época concebiam a ideia de alguém manter ligação íntima com o mundo dos mortos, tornou-se objeto de investigação em minha monografia de graduação em História, concluída em 1997, com o título *O caso Ana Prado: espíritas, católicos e positivistas em Belém de 1919-1921*.

O que apresento aqui é uma leitura mais aprofundada, com análise detida e mais ampla daqueles fenômenos e dos debates por eles suscitados, discutidos sem a adequada profundidade em minha monografia.

⁵ Segundo a doutrina kardecista, os médiuns apresentam uma variedade de habilidades, o que os torna mais ou menos propensos à obtenção de determinados fenômenos ou gênero de comunicações. Segundo suas aptidões, distinguem-se os médiuns de efeitos físicos, comunicações inteligentes, videntes, falantes, audientes, sensitivos, desenhistas, políglotas, poetas, músicos, escreventes, etc. Não se pode esperar de um médium o que está fora de sua faculdade (KARDEC, 1998, p. 129).

O que impressionava assistentes e adeptos da causa kardecista era o controle que a médium exercia sobre os fenômenos, principalmente, os de materialização. Nas raras vezes em que ocorrem, sucedem de forma aleatória, não tendo o médium controle sobre os acontecimentos. Isso não acontecia com Anna Prado, pois o encontro com os habitantes do “além-túmulo” tinha local, hora e data marcada, geralmente com relativa antecedência.

As sessões mediúnicas realizadas na casa da família Prado e de amigos próximos, como o maestro Ettore Bosio, o médico espírita José Teixeira Matta Bacellar e o jornalista João Alfredo de Mendonça, atraíam considerável número de homens públicos como médicos, advogados, comerciantes, farmacêuticos, militares, jornalistas, diplomatas e autoridades políticas, tais como os ex-governadores da província do Pará, Lauro Sodré⁶ e João Coelho⁷ e o senador da República Justo Chermont⁸, bem como o médico legista Renato Chaves⁹, entre outras personalidades da época.

A divulgação dos fenômenos produzidos por Anna Prado pela imprensa local coube aos jornalistas presentes às sessões mediúnicas. Dessa forma, uma “onda” de comentários tomou conta da cidade:

A grande impressão e interesse que despertam há mezes nessa capital os phenomenos espiritas, assistidos por numerosas pessoas em casa do Sr. Eurípedes Prado, formaram duas correntes de opinião, uma afirmando teorica e practicamente a existencia dos phenomenos de materialização dos espiritos, outra, rejeitando a ideia e dando ao phantasma apparecido uma procedencia equivocada produto de um “truc” ou hipnose [...] (O ESTADO DO PARÁ, 24.08.1920, p. 01).

Foram nestes termos polêmicos que os fenômenos produzidos pela médium despertaram a curiosidade e o interesse da imprensa, dos leitores paraenses, da elite intelectualizada e, principalmente, da Igreja Católica.

⁶ Político, militar e jornalista paraense que governou o estado por duas vezes, sendo o primeiro mandato no período de 1891-1897 e o segundo entre os anos de 1917-1921, aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro e de Benjamin Constant, ainda jovem se tornou ferrenho defensor do republicanismo e da filosofia positivista (ROQUE, 1968, p. 832).

⁷ Político paraense que exerceu vários cargos, entre eles de deputado estadual e senador, e governou o Pará entre os anos de 1909-1912. Sua administração é lembrada pela erradicação da febre amarela no estado, estando à frente dos trabalhos realizados o consagrado médico sanitariaista Oswaldo Cruz (BORGES, 1986, p. 182-183).

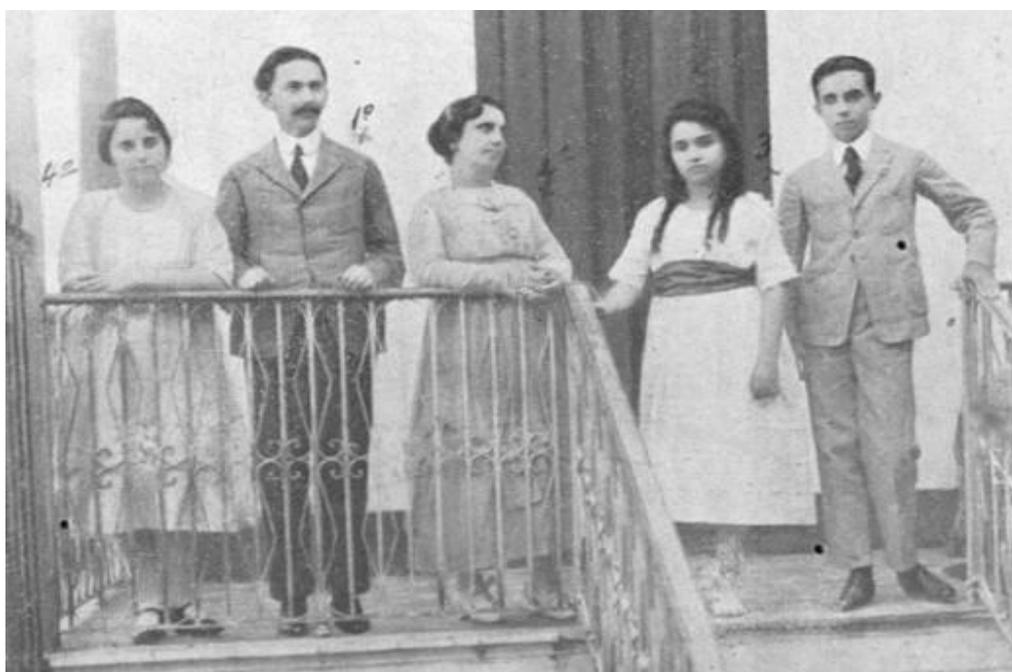
⁸ Político paraense que governou o Pará de 1889-1891, também exerceu os cargos de deputado estadual, federal, Ministro das Relações Exteriores, sendo eleito senador em 1912, permanecendo no cargo até 1917 (ROQUE, 1968, p. 494).

⁹ Médico legista precursor da medicina legal no estado do Pará, grande interessado em serviços de perícia. (Diário do Pará, 12.08.2010, p 2-3. Coleção Personalidades Históricas do Pará – 2ª Fase)

As atividades fenomênicas de Anna Prado constituíam novidade extracotidiana, que pairava sobre a capital belenense, dando materialidade a um novo ideário religioso: o espiritismo, dialogando, desta forma, com variadas dimensões da sociedade da época, entre as quais a religiosa, a cientificista e a das práticas de cura, sendo a existência das fotografias um ingrediente a mais que incitava as discussões, pois os espíritos materializados se faziam presentes nos diários matutinos paraenses.

Fotografia 1 – Família Prado (FARIA, 1943, p.23)

Da esquerda para direita: 1) Antonina Prado (médium psicográfica); 2) Eurípedes Prado; 3) Anna Prado (a médium); 4) Alice Prado; 5) Erastóstenes Prado.



A imagem acima faz parte do acervo, como as demais que se revelaram ao longo do trabalho, com exceção de duas apenas, dos livros publicados por Raymundo Nogueira de Faria *O trabalho dos Mortos*, cuja primeira edição data de 1922 e *A renascença da alma*, datando a primeira edição de 1924. O fotógrafo dos espíritos e da família Prado foi o maestro Ettore Bosio que não poupou empenho em retratar a família, não consegui informações sobre o lugar e a data em que esta imagem foi captada, provavelmente a fotografia ocorreu na varanda da casa dos Prado ou na casa do próprio Bosio, que era amigo muito próximo da família Prado, entre os anos 1920-1921. O leitor pode observar que da parte do fotógrafo não houve inocência no olhar e muito menos um registro mecânico do momento vivenciado. Ao longo da pesquisa, também, não foram encontradas informações sobre a motivação da produção da referida imagem

se ela foi resultado da vontade do fotógrafo ou encomendada por Faria ou Eurípedes Prado, já que “[...] toda a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinada época e lugar.” (KOSSOY, 2001, p.36)

Podemos observar com exatidão os aspectos básicos que envolveram a produção da fotografia, primeiro a preocupação técnica, a fotografia foi tirada na varanda de certa residência, indicando simbolicamente propriedade, ao ar livre aproveitando a luminosidade do dia o que conseqüentemente teria como resultado uma imagem com maior nitidez e qualidade devido aos recursos disponíveis ao fotógrafo a época; segundo, Bosio teve uma preocupação artística nada alheia a seu ofício de músico, é notória a intencionalidade do fotógrafo com a representação estética da família Prado, inquietação quase teatral. Os membros da família estão vestidos elegantemente, o que indicaria sua posição socioeconômica e cultural. Os cabelos cuidadosamente penteados revelam a artificialidade da situação gerada, apoiando graciosamente seus membros no gradil de madeira e ferro os Prado estão enfileirados ao redor da médium, que ao centro parece receber a proteção e apoio de seus parentes, observe leitor que a organização visual dos personagens fotografados configura a atuação do fotógrafo.

Outro detalhe que não deve passar despercebido são os olhares, Anna e Eurípedes Prado tem o olhar perdido, como que a deixar seus pensamentos irem a outra direção, transparecendo certa preocupação. A médium também tem sua cabeça levemente inclinada para a direita e sua imagem quase de perfil não enfrentando o fotógrafo, já os demais familiares notam a presença do fotógrafo. Eurípedes Prado destaca-se na composição da imagem, ele é o mais alto, seu bigode indica idade diferenciada dos restantes, sua posição frontal reafirma a figura do patriarca que com seus punhos cerrados sobre o gradil parece estar pronto a defender a família. Neste sentido, Bosio teria alcançado seu intento ao eleger como tema de sua produção a família Prado. O resultado apresentado pela fotografia conseguiu reunir e mostrar um pequeno, porém, significativo inventário de informações sobre os Prado, testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes a cena, a família retratada acabaria transparecendo em sua imagem seu estado de espírito e sua conversão ao kardecismo.

A família Prado era composta por seis membros Anna Rebello Prado, Eurípedes Albuquerque Prado que tinham como filhos: Antonina Albuquerque Prado, Erastóstenes Albuquerque Prado, Eurides Albuquerque Prado e Dinamerico de Albuquerque Prado, este último de apenas 12 anos de idade não está presente na fotografia, possivelmente

por se tratar de uma criança, que se estivesse na referida imagem poderia não soar bem aos críticos sempre atentos aos passos da família Prado. Ao longo da pesquisa não descobri o grau de parentesco de Alice Prado, que presente se faz, fitando o maestro Bosio com seriedade. Antes de publicada por Faria, a fotografia analisada teria sido aprovada por Eurípedes Prado, o que se deduz pela proximidade dos dois. Era desta forma que a família queria se deixar ver, sólida, unida, bem sucedida e portadora de nova orientação religiosa, o espiritismo.

1.3 As habilidades mediúnicas de Anna Prado

Anna Prado, segundo o escritor espírita Samuel Nunes Magalhães, em entrevista realizada pela Rede TV no programa Transição¹⁰ de número 173, em 29 de janeiro de 2012, teria nascido em Parintins, no estado do Amazonas em 1884, vindo para Belém por volta de 1913 com seu marido Eurípedes Prado, comerciante muito conhecido na capital paraense, a médium era mãe de quatro filhos. Acreditavam alguns de seus contemporâneos, que Anna Prado seria portadora de inúmeras habilidades mediúnicas, pois possuía a capacidade de produzir uma série de fenômenos de efeitos materiais, entre os quais: transporte de objetos, ruídos, operações mediúnicas¹¹, germinação¹², trabalhos em parafina líquida com a produção de esculturas de difícil formato¹³, além de produzir o mais intrigante e, sem dúvida, o fenômeno que seduzia o maior número de assistentes, que consiste na materialização de espíritos¹⁴, raro aspecto da fenomenologia espírita que transformou Anna Prado em alguém singular na época. Segundo a doutrina kardecista, “[...] a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe, nos que dispõem dos mais perfeitos meios de comunicação quais a escrita e a palavra [...]” (KARDEC, 1998 p. 196). O que mais impressionava os simpatizantes, os adeptos da causa kardecista e os assistentes em geral era o controle parcial que a médium exercia sobre os fenômenos, principalmente os de materialização, pois nas raras vezes em que

¹⁰ Disponível em http://programatransicao.tv.br/samuel-nunes-magalhaes/programa-transicao-173-fantasmas-video_51a7ee15f.html, acessado em 24/03/2012.

¹¹ Operações realizadas com a interferência de espíritos.

¹² Fenômeno no qual plantas germinam durante as sessões mediúnicas. Foi o que teria acontecido na casa dos Prado em 30.05.1922, quando foi colocado um prato contendo um pouco de terra colhida no quintal, um recipiente com água, sementes de eucalipto e um pires contendo uma colher de café. No final da reunião, em que teria havido manifestações de espíritos materializados, as sementes de eucalipto haviam germinado (FARIA, 2002, p. 115-117)

¹³ Ainda existem alguns moldes de parafina produzidos nas sessões mediúnicas de Anna Prado, eles se encontram em posse da Federação Espírita Brasileira.

¹⁴ Fenômenos de materialização ocorrem quando os espíritos utilizam-se dos fluídos ou energias de pessoas vivas combinadas a seus próprios fluídos, tornando-se visíveis e muitas vezes tangíveis.

ocorriam, aconteciam de forma aleatória, onde o médium não conseguia de forma alguma ter domínio sobre os acontecimentos, diferentemente do que sucedia com a médium Prado, pois, como antes mencionado, o encontro com os habitantes do “além-túmulo” era previamente agendado.

O controle parcial pode ser explicado da seguinte forma, no momento da evocação dos espíritos a serem materializados Anna Prado tinha total domínio, porém a partir do instante em que a médium entrava em transe, ficando totalmente imóvel, seu comando desaparecia, estando à frente das atividades mediunímicas os espíritos materializados, ou seja, Anna Prado fornecia aos espíritos, considerados pelos kardecistas entidades inteligentes, o ectoplasma¹⁵, que os envolvia, tornando-os visíveis e palpáveis.

**Fotografia 2 – Anna Prado em transe mediúnico produzindo ectoplasma.
(FARIA, 1924, p.139)**



Na imagem posta para análise a médium produz a substância que envolveria os fluídos mediúnicos lhes dando matéria, tornando os espíritos materializados, Anna Prado é retratada em transe exercendo seu ofício de médium em plena comunicação

¹⁵ Ectoplasma: termo criado por Charles Richet. É uma substância que se acredita seja a força nervosa e tem propriedades químicas semelhantes as do corpo físico, donde provém. Apresenta-se viscoso, esbranquiçado (quase transparente, com reflexos leitosos) e é evanescente sob a luz. É considerado a base dos efeitos mediúnicos chamados "físicos", pois através dele os espíritos podem atuar sobre a matéria. Disponível em <http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/ectoplasma.htm>, acessado em 21 jan de 2011.

com o mundo dos mortos. Segundo Faria (1924, p.137), essa imagem foi capturada na noite 30 de outubro de 1922, na casa dos Prado. Garbosamente vestida e sentada em imponente cadeira de palhinha, a médium teve os pulsos amarrados à cadeira para garantir a ausência de qualquer espécie de *truc* durante a sessão, de sua face germina ectoplasma assim como dos orifícios: boca, nariz e ouvidos, a nevoa branca também envolvendo seus olhos e seu rosto, desponta a substância de suas mãos formando um véu esbranquiçado que atravessa de ponta a ponta seus punhos projetando-se sobre o vestido, sua cabeça levemente inclinada para a direita, evidencia o sofrimento da médium, permanecendo o objetivo do olhar do fotógrafo e sua intenção de informar sobre os fatos ocorridos na casa dos Prado a partir de sua posição privilegiada ao registrar o evento dando-lhe caráter fidedigno.

Depois do início das sessões os espíritos conduziam os trabalhos, mostrando à assistência que Anna Prado era seu veículo de comunicação com o mundo dos vivos. A médium teria chegado a materializar mais de quatro espíritos de uma única vez, e as sessões impressionavam a quem as presenciava, como bem descreveu José Carvalho, articulista do jornal *Folha do Norte*, participante de reunião realizada em 16 de novembro de 1918:

Depois de alguns minutos às vezes meia hora, seguramente: quando no lugar em que esta a médium começa a se divisar uma pequena mancha branca.

Essa mancha vae aumentando, tornando-se gradativamente accentuada e por fim se desenvolve um vulto.

É um vulto como que luminoso ou phosphorecente. Abre distintamente os braços, gesticula, ainda, levanta a uma altura regular a mesa de três pés, que pesa alguns kilos, distribue flores e folhas de begônia: deixa numa tabua polvilhada as impressões de um pé ou uma mão, e por fim desaparece acenando, em despedida com um lenço branco. Já deixou, também, de uma vez, dois cálices. Faz-se luz. A Senhora, a médium jaz adormecida (FOLHA DO NORTE, 16.11. 1918, p. 01).

Esclarece o artigo de José Carvalho a não participação da médium nas atividades desenvolvidas durante as sessões, devido Anna Prado encontrar-se em estado letárgico, ou seja, em sono profundo, dando desta forma total liberdade para a atuação dos habitantes do mundo espiritual. Segundo o kardecismo, Anna Prado estava harmonizada com o mundo dos espíritos, aparentemente vivia entre o mundo material e/ou tangível e o mundo imaterial e/ou espiritual, que em virtude de suas habilidades mediúnicas tornava-o tangível, suas evocações de espíritos denotam essa relação, pois “Os espíritos

não se comunicam quando o querem, ou o podem, não estão a capricho de ninguém, nenhum médium tem o poder de fazer virem quando desejam e contra a sua vontade” (KARDEC, 2005 p. 129); ainda segundo a doutrina espírita, os médiuns modernos “[...] igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem os intérpretes dos Espíritos para instrução dos homens, para mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los a fé [...]” (KARDEC, 2003, p. 300). Para Anna Prado, a mediunidade não era uma profissão, como para tantos outros médiuns que utilizavam seus ‘poderes’ para “ajudar as pessoas”, cobrando determinadas quantias. Era uma atividade exercida em público por insistência de seu marido, Eurípedes Prado, que segundo Raimundo Nogueira de Faria¹⁶, nada desejava provar a ninguém, nunca cobrou nenhuma quantia à assistência das reuniões e relutou com a ideia de convidar pessoas ilustres para assistir os fenômenos; apesar das pretensas boas intenções do Sr. Prado este era seguidor do espiritismo e experimentador, tinha por hábito buscar estabelecer contato com o mundo dos mortos em sua casa, portanto seu pretenso desinteresse na divulgação dos fenômenos não se justifica.

A princípio, as experiências de materializações, entre outros fenômenos, ficaram restritas a limitado número de amigos da família e estes, impressionados com o que presenciavam, convidavam outras pessoas para assistir as intrigantes experiências. Inicialmente, Eurípedes Prado relutou em aumentar o número de assistentes, porém “[...] os pedidos foram tantos que fui cedendo, até consentir na divulgação pela imprensa desta cidade.” (FARIA, 2002, p. 22). Apesar de não haver aparente intencionalidade do Sr. Prado, a presença de pessoas com “capital social” dava ao Espiritismo a credibilidade e aceitabilidade que precisava para se afirmar como doutrina religiosa. A ligação de Eurípedes Prado com o Espiritismo se traduziu com a presença de Carlos Barros de Souza, presidente da União Espírita Paraense, em uma das sessões em 1920.

Eurípedes Prado acreditava na autenticidade de fenômenos espíritas e, como os numerosos contemporâneos intelectualizados de sua época, também compartilhava da mentalidade cientificista tão em evidência na sociedade letrada paraense nos anos seguintes à proclamação da República. Por conta de sua orientação espírita buscou realizar em sua casa experiências, objetivando a evocação de espíritos e, para tanto, convidava sua família a participar. No início de 1918, Anna Prado se recusava em tomar

¹⁶ Raymundo Nogueira de Faria publicou em 1922 o mais completo trabalho sobre o caso Anna Prado intitulado *O trabalho dos mortos*.

parte dessas tentativas devido a sua formação católica. Entretanto, por insistência de seu esposo acabou cedendo e, no momento em que tomou parte da evocação dos espíritos dos mortos, eles se manifestaram lançando ao chão um porta-retrato da família. Após esse primeiro contato, muitos outros se sucederam, especialmente fenômenos de efeitos físicos, entre eles a materialização de espíritos que se tornou frequente (FARIA, 1943, p. 51).

A casa dos Prado, situada à rua Padre Prudêncio, n. 123¹⁷, bairro da Campina, era o local onde se realizavam a maioria das sessões, depois em 1922 a família mudou-se para a estrada Conselheiro Furtado, número 42, porém algumas reuniões foram realizadas em casa de amigos como o maestro Ettore Bosio e o médico Matta Bacellar. Entre os mais variados espíritos que por lá possivelmente se manifestavam destacavam-se o de Anita e o de João¹⁸. “O João” como era conhecido tornou-se uma espécie de “espírito coordenador” das mais variadas atividades, ele foi descrito pelos vários assistentes, quer nos jornais ou nos depoimentos presentes no livro de Nogueira de Faria, como um espírito teimoso, porque quando não conseguia realizar determinada tarefa, insistia até atingir seu objetivo. “[...] hoje em todas palestras, seja no interior confortável dos palácios ou no “deshabillé” bohemio das tavernas, fala-se do João e suas mil proezas [...] (O ESTADO DO PARÁ, 24.08.1920, p. 01).

¹⁷ A antiga casa da família Prado não existe mais, o quarteirão todo onde se localizava a residência deu lugar a um imenso estacionamento.

¹⁸ Recebeu o nome de “João” o espírito que supostamente se manifestava com bastante frequência nas reuniões mediúnicas, em vida teria sido tio de Anna Prado e atendia pelo nome de Felismino Rebello, o nome “João” foi dado devido sua primeira manifestação datar de 24.06.1918, dia da comemoração do nascimento de São João Batista pela Igreja Católica, este fato nos permite perceber a influência do calendário católico e a dualidade religiosa presente no caso Anna Prado (FARIA, 2002, p. 52).

Fotografia 3 – O João (FARIA, 2002, p.40)



A fotografia tirada de João é emblemática e expressa certa complexidade, revelando a vontade de Ettore Bosio em convencer seus contemporâneos de que o mundo dos mortos existia de fato, e que os habitantes do mundo invisível abandonaram sua morada e vieram fazer-se presente entre os vivos através das faculdades mediúnicas de Anna Prado, a atividade espírito-fotográfica ocorreu em situação indefinida, a imagem de João materializado foi apanhada pelo maestro, não existe registro da data ou ocasião da captura da imagem na qual envolto em túnica branca, em posição plástica, quase grega, um braço estendido outro coberto sobre a túnica, o fantasma aparece pisando descalço no chão de madeira e com uma espécie de arco na cabeça, João se deixa apanhar pelo retratista com a boca entreaberta, e na imagem esbranquiçada destaca-se os cabelos negros. Fixando seu olhar diretamente nas lentes do fotógrafo, João ratifica sua existência material no mundo natural, fotografia cuidadosamente elaborada sob o prisma estético.

João era mesmo personagem conhecido pelos arredores de Belém, o que revela o alcance dos ritos espíritas de Anna Prado. Duas reportagens publicadas no jornal A

Província do Pará, respectivamente, em 4 e 12 de fevereiro de 1921, não deixam dúvidas. Na primeira matéria *Aparições estranhas. Será o João*, o narrador conta a estória de um suposto fantasma de homem, que tomava várias formas e desaparecia repentinamente, assustando os moradores da rua João Balbi, entre as travessas 22 de Junho (atual Alcindo Cacela) e 9 de Janeiro, sendo a aparição vista por vários moradores, o desconhecido autor do artigo questionou: “Será alguma arte do célebre João?” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 04.02.1921, p.01). João não só era célebre, como também conhecido, servindo de referência para explicar supostas assombrações que rondavam a cidade.

O desfecho da história foi apresentado aos leitores do jornal em 12 de fevereiro de 1921 sob o título *Aparições estranhas. Não era o João, era o Manuel! É Mais* surpreendente ainda. Os moradores da João Balbi, envolvidos pelo pavor, resolveram investigar e descobriram que não se tratava de *João* e suas peripécias que andava a assustá-los, e sim que o temido fantasma não passava de um rapaz que morava na referida rua, n. 14. Tratava-se de Antônio Barradas, que constantemente via-se acometido de ataques nervosos incorporando o espírito de Manuel Leal, morto em Bragança¹⁹ e que se manifestava com frequência em Barradas por encontrar nele temperamento apropriado. O suposto espírito do finado Manuel não encontrava paz, pois em vida teria prometido mandar rezar uma ladainha a São Pedro, promessa que não conseguiu cumprir já que morrera antes. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 04.02.1921, p.01).

Para resolver o impasse, os moradores daquela rua e de outras próximas, atraídos pelo noticiário jornalístico, resolveram desempenhar a tarefa do falecido e rezaram a ladainha. Segundo o jornal, depois da celebração religiosa, Antônio Barradas, sob o poder do espírito do falecido Manuel Leal, agradeceu aos presentes a caridade da ação que finalmente deu descanso a sua alma e *João*, apesar de lembrado e servir de referência quando o assunto era o mundo dos mortos, desta vez não tinha nada a ver com a história.

Em 1919 *João* novamente era citado pelo jornal católico *A Palavra*, que destacou no artigo *O João voltou*. A atuação do galhoifeiro espírito materializado que em determinada sessão realizada no mês de outubro daquele ano exigiu música clássica, cantou bem e para finalizar “[...] ralhou com o senador Virgílio de Mendonça, por sua impaciência... e s.s. aquietou-se.” (A PALAVRA, 1919, p.01)

¹⁹ Município da Messoregião do Nordeste Paraense.

João gostava mesmo de se manifestar nas reuniões mediúnicas na casa dos Prado e apesar do rito espírita englobar três aspectos fundamentais: a prece, o passe e as manifestações, as sessões da médium em Belém seguiam uma ritualização própria e realizavam-se da seguinte maneira:

Numa pequena sala são colocados algumas ordens de cadeiras em que todos se assentam, em frente a um pano preto, em quadro, formando fundo.

Junto a um pequena mesa redonda de tres pés, senta-se a medium, que é a senhora do Sr. Eurípedes Prado, vestida de fazenda escura (A FOLHA DO NORTE, 16.11.1918, p. 01).

Os assistentes, como já mencionado, sentavam-se em forma de semicírculo, enquanto Anna Prado dirigia-se para o outro lado da sala onde sentava próximo a uma parede coberta por um pano escuro ao fundo. Os tecidos de cor escura eram fundamentais para contrastar com as formações fluídicas dos espíritos que iriam se materializar e geralmente apresentavam aparência esbranquiçada. Posteriormente, a médium entrava em transe, que era facilitado pela execução de trechos musicais que a deixavam sensibilizada, acelerando seu estado de entorpecimento. Nesse instante, apagavam-se as luzes da sala, ficando acesa apenas a luz do corredor, pois os fenômenos de materialização necessitam de meia luz²⁰, seguia-se o transporte de objetos e as materializações: “[...] dentro de cinco minutos, via-se o primeiro núcleo branco de formação fluídica destacar-se do fundo negro, pois a parede caiada fora forrada com um pano preto. Em breve distinguia-se perfeitamente o fantasma [...]” (FARIA, 2002, p. 54)

²⁰ Anna Prado realizou sessões durante o dia com as mesmas atividades mediúnicas da noite, transporte de objetos, trabalhos em parafina, psicografia, porém a luz do ambiente onde os espíritos foram supostamente materializados era graduada para torná-los mais visíveis à assistência (TOURINHO, 1993, p. 79).

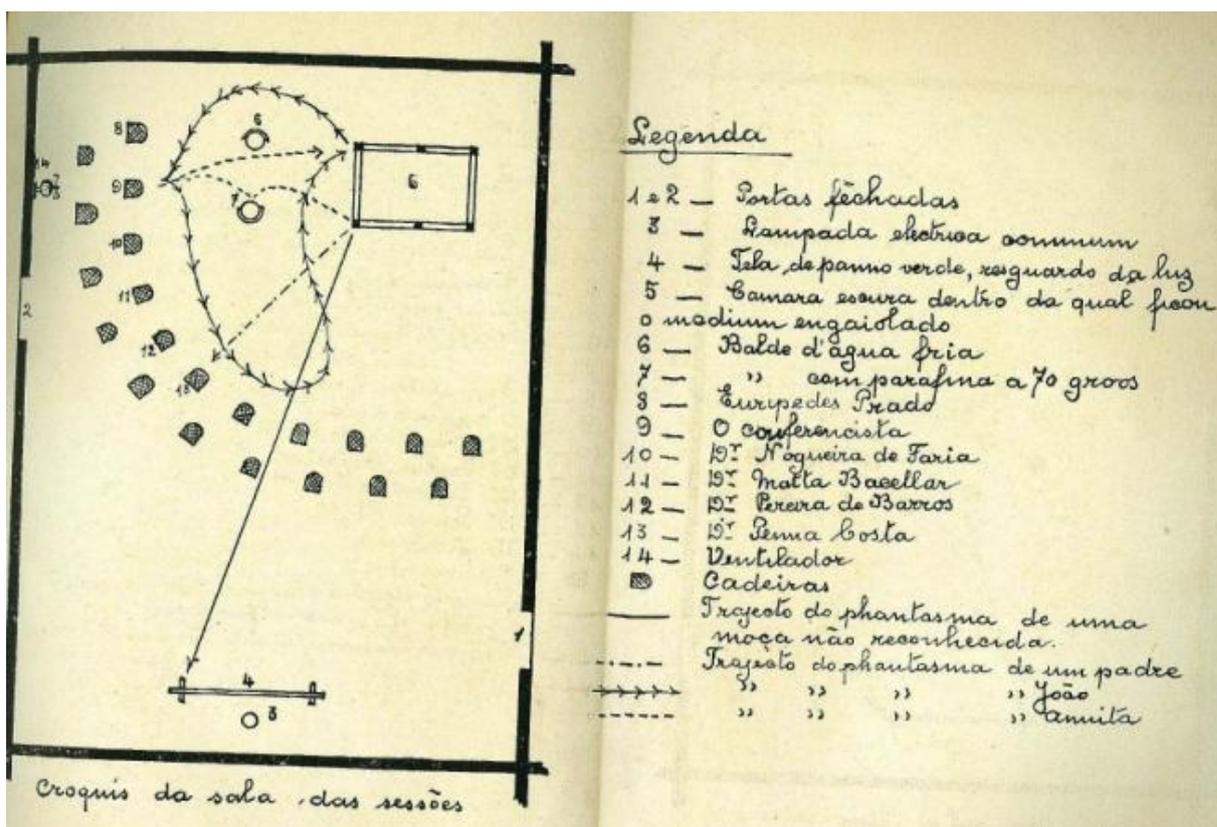
Fotografia 4: Anna Prado em transe mediúnico, observe o tecido escuro ao fundo. (FARIA, 1943, p.87)



Aqui mais uma vez temos retratado a médium Anna Prado no momento de transe, ao fundo o pano escuro, as mãos agora livre de amarrações, diferente da figura 2, olhos fechados, cadeiras dispostas ao lado da médium que se movimentava, ora sentada em uma cadeira ora outra, pergunto-me se essas cadeiras estariam esperando algum assistente, concluí que não, pois em todas as sessões descritas tanto nos periódicos quanto nos livros a médium sempre ficava afastada dos presentes a reunião.

Manuel Quintão, no livro *Phenomenos de materialização* (1921), apresenta um croqui da sala de reuniões, onde está assinalada a disposição dos assistentes e da médium.

Figura 5 – Croqui da sala de reuniões (QUINTÃO, 1921, p. 12)



Diferente da reunião presenciada pelo articulista José Carvalho, a sessão a qual Quintão esteve presente foi distinta, nesta a médium foi colocada em um gabinete, atitude que era tomada em algumas reuniões para garantir a transparência dos trabalhos o que para os opositores do kardecismo seria mais uma das estratégias que encobriria os truques praticados pelos espíritas, Quintão mostra uma visão aérea da sala enfocando os elementos que compõe o local, bem como os cuidados tomados visando a credibilidade da reunião espírita, portas fechadas, garantindo a permanência dos presentes e a não entrada de intrusos, a tela de pano verde assegurando a penumbra, fator imprescindível para que as materializações ocorressem, a câmara escura onde a Anna Prado foi encerrada também afastava a possibilidade de fraude, em geral a distância entre o gabinete e a assistência ficava em torno de três metros. Eurípedes Prado acomodou-se na cadeira bem em frente ao gabinete da médium, seguido na primeira fila por parte da elite letrada belenense que frequentava assiduamente as reuniões espíritas, motivados por inúmeros fatores, sendo sem dúvida o mais enfatizado a curiosidade diante do sobrenatural, percebi que Quintão identifica alguns letrados. Os espíritas no Brasil geralmente buscavam com frequência associar sua imagem às pessoas que de alguma forma se projetavam positivamente na sociedade, exercendo cargos públicos ou se

fazendo conhecidas por suas produções literárias, artísticas, científicas ou práticas de caráter solidário e no Pará esse postura se ratifica.

Outro aspecto diferencial desta sessão é a presença do espírito de um padre, afinal tratava-se do espírito de alguém que em vida processaria outra religião, agora este antigo opositor teria, após a morte, conhecido a verdade incontestável proclamada pelos kardecistas, sua presença testemunharia a necessidade de mudança e aceitação da nova mensagem do mundo invisível pelos seus confrades que continuariam negando a possível comunicação entre vivos e mortos. Quintão chama atenção para a movimentação dos fantasmas e as inúmeras materializações que poderiam ocorrer em uma única reunião, com destaque para as presenças constantes dos espíritos de João e Anita.

Depois de materializado, o espírito produzia uma série de fenômenos, entre eles a produção de esculturas de flores, pés e mãos em parafina. Quintão pontua a presença de dois baldes, um de parafina quente com temperatura de 70 graus onde os espíritos mergulhariam seus pés e mãos materializados para posteriormente moldá-los na água fria, colocada em outro balde, para não quebrar os artefatos depois de moldá-los os espíritos desmaterializavam mãos e pés, a seguir as esculturas eram apresentadas à assistência das sessões e impressionavam tanto que o maestro Bosio decidiu colocá-los em exposição para a população em geral como bem registrou o articulista do jornal *Folha do Norte*:

Acham-se ha dias em exposição, nas vitrines d' *A Brasileira*, a rua João Alfredo, as curiosas mãos em parafina trabalhadas pelo espírito de João [...]

O maestro Ettore Bosio, no intuito de demonstrar a authenticidade da modelagem das mãos pelo espirito manifestado, tirou em gesso um molde de uma das mãos, revelando-se na forma obtida todos os detalhes daquele membro. (A FOLHA DO NORTE, 24.07.1920, p. 01)

A exposição dos moldes em parafina em loja do centro comercial de Belém só confirma a popularidade atingida pelos fenômenos. Além dos trabalhos em cera, os fantasmas eram interrogados pelos assistentes, respondendo as várias perguntas propriamente com suas vozes roucas ou através da médium. Esse padrão de procedimentos era importantíssimo para o sucesso da reunião, sem música, por exemplo, a médium demorava em torno de 20 a 30 minutos para entrar em transe, com a luz elétrica acesa as materializações dificilmente ocorriam, embora Anna Prado tenha

materializado espíritos durante o dia e, se algum assistente chegasse atrasado às reuniões que geralmente começavam entre 20 e 21 horas, poderia comprometer os trabalhos, assim como a presença de pessoas descrentes.

Após 2 a 3 horas, tempo em média que as reuniões duravam, chegava-se ao seu término, Anna Prado era acordada do transe em que se encontrava, geralmente exausta, sendo muitas vezes despertada pelos próprios espíritos materializados, escutando-se bem, segundo alguns dos assistentes, o barulho das palmadas no rosto da médium, encerrando as sessões mediúnicas.

As atividades fenomênicas da médium saíram do anonimato em 1918, suas habilidades começaram a atrair a atenção de cidadãos belenenses, que ocupavam destacadas posições sociais. Como já citado, o número de assistentes só fazia aumentar, assim como os artigos publicados na imprensa, tornando Anna Prado mais e mais conhecida a cada dia, o que também ocorreu com a nova religião por ela anunciada: o Espiritismo, que passou, por meio dos fenômenos, a ocupar espaço considerável nos debates dos principais diários da cidade, entre eles: *A Província do Pará*, *O Estado do Pará*, *Folha do Norte*, além do jornal *A Palavra*, porta-voz da Igreja Católica.

Os articulistas, que se posicionaram acerca dos fenômenos com determinada frequência, foram João Alfredo de Mendonça, Raimundo Nogueira de Faria, Inácio Xavier de Carvalho, Angione Costa Pena e o padre Florêncio Dubois²¹, este último escrevia artigos para a *Folha do Norte* e *A Palavra*, entre outros autores de artigos que presenciaram alguma reunião espírita. O principal conteúdo dos artigos remetia à discussão sobre a autenticidade ou não dos fenômenos, explorando a opinião dos vários agentes envolvidos em explicar o acontecido, ficando manifesto o caráter polemista dos debates, fazendo com que eles se estendessem por longo período, sendo outra característica dos artigos o requinte literário que os envolvia.

Mas que tipo de contribuição essas histórias de fantasmas que tanto impressionaram o público leitor na década de XX do século passado podem trazer para o conhecimento histórico acerca de Belém?

Acredito que o campo religioso deve ser enfrentado pelo historiador, pois nos conduz à compreensão de certos fenômenos históricos e seus desdobramentos políticos e sociais, sendo o exemplo mais contundente a clássica obra de Marc Bloch *Os reis taumaturgos*, de 1933, o primeiro livro de história das mentalidades que se voltou para

²¹ Padre barnabita, principal crítico dos fenômenos e de sua origem além túmulo, defendeu suas ideias em dois diários matutinos paraenses *Folha do Norte* e no jornal católico *A Palavra*.

a história de um milagre, a crença que os reis podiam curar com o seu toque as escrófulas²² de seus súditos; neste livro Bloch se propôs investigar “[...] aquilo que até o presente era anedota” (BLOCH, 1993, p. 43). E pesquisou a crença durante a Idade Média e Moderna descobrindo que o poder miraculoso dos reis taumaturgos vigorou na Europa, especificamente na França e Inglaterra entre os séculos XII ao XVIII.

A obra de Bloch abriu novas perspectivas para a história ao dar atenção especial ao poder das crenças, o poder de cura vindo dos céus e exercido na terra pelos reis que não eram simples senhores temporais, mas sim representantes da vontade divina, permitindo desta forma ao historiador ampliar o conhecimento das ideias religiosas e compreender seus desdobramentos políticos, que se traduziram na imposição do poder monárquico sobre os grandes senhores feudais, e suas consequências sociais que podem ser compreendidas na popularidade da figura do rei junto ao povo pelo exercício do dom da cura.

O estudo do poder miraculoso dos reis franceses e ingleses permitiu a Bloch estudar o sagrado, o religioso, o imaginário coletivo e o campo político, ou seja, a pesquisa da dimensão religiosa proporcionou o entendimento de outras esferas presentes no contexto da sociedade e a atuação dos personagens nele envolvidos dos reis aos escrofulosos onde “[...] todas as classes estavam representadas na multidão sofredora que vinha ao rei (BLOCH, 1993, p. 101).”

A maior contribuição da obra de Bloch repousa no seu olhar criterioso para os estudos religiosos que permitem o entendimento das esferas econômicas, políticas, sociais e culturais, mostrando a fertilidade do solo sobre o qual os estudos religiosos podem ser explorados pelos historiadores. É exatamente neste chão fecundo que os dons mediúnicos de Anna Prado nos levaram a conhecer as especificidades da religião proclamada pelos fenômenos: o Espiritismo.

1.4 O Espiritismo sob a perspectiva acadêmica

Hoje, quando pensamos em Espiritismo, o identificamos automaticamente como uma religião, porém nem sempre foi assim. A bibliografia acadêmica estudada permitiu identificar a existência de trabalhos de pesquisa que podem ser divididos em três grupos: (a) os que tentam explicar a feição religiosa que o Espiritismo irá adquirir em

²² Localização primária de infecção tuberculosa em gânglios linfáticos do pescoço, e que acompanha, com frequência, de abscessos que se desenvolvem lentamente, e de fístulas (FERREIRA, 2009, p. 795)

terras brasileiras; (b) os que se destinam a analisar as características atuais do movimento espírita no Brasil; (c) pesquisas de caráter religioso que tendem a apostilar os princípios kardecistas para seus seguidores, convencendo-os das verdades espíritas.

Os trabalhos dos antropólogos José Luiz dos Santos (1997), *Espiritismo: uma religião brasileira* e Emerson Giumbelli (1997), *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo* discutem a trajetória percorrida pelo ideário kardecista. Santos objetivou fazer um apanhado histórico do movimento kardecista, nos permitindo compreender os mecanismos de atuação dos adeptos do Espiritismo em suas ações, para tornar a doutrina aceitável no país. Por sua vez, Giumbelli (1997, p.14) analisou “[...] a discussão e o conflito em torno da legitimidade do Espiritismo e o investimento explícito na delimitação de fronteiras e identidades em função das quais um campo de agentes e práticas acaba se definindo.”

A pesquisa de Santos tem como lócus os grandes núcleos urbanos do Rio de Janeiro e de São Paulo, mesmo assim o autor não ignora as atividades espíritas em outras capitais como Belém, Fortaleza, Porto Alegre, Maceió, Aracaju e na região do Triângulo Mineiro, o que confirma que as práticas espíritas se manifestavam por todos os rincões do país, inclusive em pequenas cidades do interior.

Santos percebe a identificação da doutrina kardecista com certas categorias profissionais, destacando-se jornalistas, médicos e militares (SANTOS, 1997, p. 32), logo após a chegada dessas ideias ao Brasil, por volta de 1860. O movimento espírita no país, segundo o autor, deparava-se com duas frentes de conflitos: a primeira representada pelas dissidências dentro do próprio movimento entre a tendência cientificista, que defendia o Espiritismo como ciência e pregava as experimentações controladas envolvendo fenômenos espíritas, e a tendência religiosa, cuja principal preocupação era a comunicação com os espíritos dos mortos para o recebimento de mensagens e instruções espirituais, que viriam contribuir para o aprimoramento moral de seus seguidores (SANTOS, 1997, p. 18-20). Dessa contenda, a corrente religiosa saiu vencedora. Para Santos essa conquista só foi possível devido a dois fatores fundamentais: atmosfera religiosa existente no Brasil e a semelhança das ideias kardecistas com tantas outras aqui vivenciadas.

Giumbelli (1997) direciona sua análise à legitimação do Espiritismo, à construção identitária e à condenação de suas práticas religiosas através das construções discursivas sobre o kardecismo no Brasil, produzidas por espíritas, padres, médicos, jornalistas, autoridades policiais e sanitárias, juristas e psiquiatras.

Entre os textos analisados de Giumbelli, apresentam-se duas possibilidades de estudo do Espiritismo no Brasil: a sociologista, que examinaria a relação do Espiritismo enquanto fenômeno cultural e sociológico, com os domínios que lhes são exógenos; e a culturalista, que buscaria revelar as marcas da ‘cultura brasileira’, presentes no Espiritismo (GIUMBELLI, 1995, p. 22).

Em seu exame, o autor adotará a perspectiva sociologista. Serão levados em conta não só os elementos externos ao Espiritismo, bem como os que lhes são endógenos, pois os espíritas reagiram e se posicionaram frente a discursos e intervenções das autoridades sanitárias e policiais, por estarem concretamente envolvidos, sendo a edição do código penal de 1890²³ o momento em que intensificaram esses conflitos. Em confronto com esses discursos e intervenções, os espíritas construirão seus estatutos, de onde emergiria a definição do Espiritismo como ‘religião’. Giumbelli busca compreender como ocorreu essa construção histórica, através de uma investigação antropológica, opondo-se à ideia, presente em outros trabalhos, de que o Espiritismo se constituiu enquanto religião por englobar aspectos que “[...] em qualquer tempo ou lugar, permitiriam identificar práticas e doutrinas de caráter religioso” (GIUMBELLI, 1995, p. 29).

Confrontando os trabalhos dos dois antropólogos, ficaram perceptíveis suas leituras diferenciadas sobre o contexto que envolveu a chegada e o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil. Partindo das categorias de análises propostas por Giumbelli, Santos, em seus estudos, adotaria a perspectiva culturalista, analisando o Espiritismo e seus desdobramentos no país como resultado da associação da doutrina kardecista a certas características culturais da religiosidade popular disseminada na sociedade brasileira, o que conseqüentemente teria facilitado sua aceitação por parte da população. Enquanto Santos defende a ideia da oposição entre a tendência científica e a religiosa dentro do movimento espírita desde suas origens, Giumbelli ratifica que essa animosidade só passa a existir por volta de 1895, quando a disputa dentro do movimento espírita, pela hegemonia de certos grupos, tornou-se explícita. Os dois antropólogos, que divergem sobre aspectos relevantes do Espiritismo no Brasil, concordam em outros, pois em ambos os trabalhos fica expresso formalmente a

²³ No código penal de 1890 existem três artigos que criminalizaram diversas práticas – ‘espíritas’, ‘mágicas’, ‘adivinhatórias’- em virtude de suas pretensões ‘curandeirísticas’ representarem um perigo para a saúde pública. Esses artigos serão “munição” para os opositores dos espíritas condenarem suas práticas (GIUMBELLI, 2005, p. 36).

importância da doutrina kardecista em nosso país e os incômodos que provocou nos mais variados meios sociais após sua chegada.

Diferentemente de Giumbelli e Santos, Sandra Jacqueline Stoll (2004) apresenta no livro *Espiritismo à brasileira* (2004) a investigação de certas características assumidas pelo movimento espírita no Brasil. Afastando-se da tendência que situa o movimento no campo das religiões mediúnicas, como o candomblé e a umbanda, Stoll centra sua análise em personagens paradigmáticos para os kardecistas, como Chico Xavier e Luiz Antônio Gasparetto, que definiram determinadas conjunturas contemporâneas do Espiritismo em nosso país.

A partir de então, Stoll procura apresentar as tendências contemporâneas do movimento espírita brasileiro, sem realizar trabalho de reconstrução histórica e sim de investigação das tendências assumidas pelo movimento a partir da atuação de personagens emblemáticos como Allan Kardec, codificador do Espiritismo, que para a autora “[...] pareceu-me figura obrigatória, uma vez que trata do formulador das características com que primeiro emerge a doutrina espírita no século XIX” (STOLL, 2004, p. 18-19); Bezerra de Menezes, responsável pela consolidação da tendência religiosa em nosso país; Chico Xavier, um dos médiuns mais conhecidos e respeitados do país; e Luiz Antônio Gasparetto, que com a ajuda da mídia associara o Espiritismo kardecista a novos conceitos religiosos como a “Nova Era” que considera “[...] ideias do universo neo-esóterico, da auto-ajuda e elementos da mística umbandista” (STOLL, 2004, p. 241).

O “modelo de virtudes” propagado por Chico Xavier, segundo a autora, passou a sofrer severas críticas da vertente cientificista, como também por correntes ligadas ao médium Luiz Antônio Gasparetto, que no início da década de 1980 se tornou conhecido internacionalmente pela prática da pintura mediúnica e sob sua liderança novos grupos demandavam mudanças na vertente espírita hegemônica. Gasparetto questionou o modelo de espiritualidade de Chico Xavier, rompendo na mesma década com o Espiritismo, sendo por este fato considerado dissidente pelos kardecistas. A partir de então, Gasparetto passou a interagir com as correntes da chamada “Nova Era”²⁴, difundindo suas práticas mediúnicas com os recursos da multimídia e suas ideias e atividades passaram a servir de exemplo para outros médiuns. Gasparetto propala a

²⁴ New Age ou "Nova Era" é um movimento religioso que surgiu na década de 1970 e atingiu seu ápice nos anos 1980 ao propor o caminho para uma nova etapa na história da humanidade baseada no amor e na iluminação espiritual. Disponível em: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/new-age.htm>. Acesso em: 12 jan. 2012.

“ética da prosperidade” e, como é estudioso da psicologia, envolveu-se com práticas de “auto ajuda”, associando-as aos exercícios mediúnicos.

Stoll, ao referendar as tendências contemporâneas do Espiritismo no Brasil, apresenta contraponto aos debates propostos por Santos e Giumbelli . A autora percorre outro caminho, não adotando a perspectiva culturalista ou sociologista. Ela parte da trajetória de seus principais personagens no Brasil, sendo que o mérito de seu trabalho repousa no fato de atingir seus objetivos sem fazer biografia laudatória de seus agentes sociais em determinados contextos históricos e sim percebe a contribuição que cada um deles deu à doutrina, principalmente no que se refere a sua ampla aceitação na atualidade.

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa percebi certa “miopia historiográfica”, quando o assunto é religião, a maioria dos trabalhos de pesquisa sobre religião e religiosidade se concentram nas áreas de Antropologia e Sociologia, ao que parece os estudos religiosos na história ainda estão em busca de espaço.

Quando a temática é Espiritismo, a miopia torna-se quase uma “cegueira”, pois o Espiritismo enquanto objeto de pesquisa nas ciências de maneira geral torna-se coadjuvante de outras temáticas maiores. No que se refere à Amazônia podemos identificar nos trabalhos examinados a temática espírita como sub-tema de uma discussão maior. Heraldo Maués (1995) em *Padres, pajé, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico* faz referência ao Espiritismo quando percebe no exercício da pajelança as influências recebidas de “[...] práticas católicas, kardecistas e africanas” (MAUÉS, 1995, p. 18). Por sua vez, Éden Moraes da Costa (2004), em *Médico de ontem e de hoje: ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará*, se reporta ao Espiritismo ao examinar o culto ao médico falecido, considerado ‘milagreiro’, Camilo Salgado. O autor afirma que o kardecismo seria “[...] o exemplo mais evidente dessa tentativa de unir religião e ciência, mais ainda que o catolicismo (COSTA, 2004, p. 82)”, dessa forma pretendia:

[...] ser o laço de união entre o “mundo material” e o “mundo espiritual” explicando pela experimentação, as leis que regiam o mundo dos espíritos, deixando que esses seres que incorporavam nos médiuns explicassem aos vivos as propriedades da vida espiritual e suas relações com o mundo da natureza. O Espiritismo deveria ser a “nova ciência” que viria mostrar aos seres humanos que o “sobrenatural” não era um mistério, uma fantasia, mas o elemento que trazia o entendimento, o progresso para as pessoas, mediante a união religião e ciência, fé e razão, coisas que não deveriam mais ser vistas como incompatíveis (COSTA, 2004, p. 82).

O Espiritismo, na leitura de Costa, buscava essa união entre a racionalidade científica e a fé expressa pela religiosidade popular presente no culto aos santos populares e a pessoas consideradas santificadas não pelas instituições responsáveis como a Igreja Católica, mas pela crença da população resultado dos milagres e graças atribuídos a esses santos populares.

Silvio Ferreira Rodrigues (2008) em *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará (1889-1919)* menciona não o Espiritismo enquanto doutrina, como o faz Costa, mas a ação dos kardecistas no conflituoso campo de luta entre a medicina oficial e as práticas de cura populares. Seriam os “Curandeiros, parteiras, espíritas, ciganos, homeopatas e farmacêuticos sem diploma [...]” (FERREIRA, 2008, p. 51) os agentes de cura, fortes concorrentes dos esculápios na Amazônia.

A quase inexistência de produções que tratam do Espiritismo não ocorre apenas na Amazônia. Os trabalhos de perspectivas científicas, destinados ao estudo do Espiritismo, concentram-se no Rio de Janeiro. Segundo o antropólogo Emerson Giumbelli (1997, p. 18-21) apenas em 1960 é que serão produzidos os primeiros trabalhos sociológicos sobre o Espiritismo em outras regiões do país que não o Rio de Janeiro.

Em se tratando do estudo do Espiritismo no Pará o livro da escritora kardecista Verônica Neuma Ferreira Santana *A história do Espiritismo no Pará: 100 anos de União Espírita Paraense* (2006), nos traz alguns esclarecimentos sobre a trajetória do Espiritismo no estado, desde suas primeiras manifestações na capital belenense, por volta de 1860-1870, até o ano de 2005. O livro foi resultado de quatro anos de pesquisas, sendo publicado por ocasião das comemorações dos 100 anos de fundação da União Espírita Paraense (UEP).

A despeito de todo o cuidado metodológico apresentado por Santana, o livro apresenta características laudatórias, de caráter essencialmente religioso, expondo em alguns momentos, de forma apologética, as dificuldades e conquistas do movimento espírita no estado do Pará, assim como destaca a atuação de determinadas personalidades. Porém, a obra apresenta importantes contribuições sobre a trajetória histórica do Espiritismo no Pará.

Os principais meios utilizados pelos espíritas com vista a propagar a doutrina em Belém segundo a autora foi a divulgação de palestras, criação de órgãos de assistência aos necessitados, bibliotecas de obras espíritas, curso primário noturno e farmácia.

Verônica Santana apresenta, ainda, pequeno resumo das habilidades mediúnicas de Anna Prado, baseado nas informações encontradas no livro de Nogueira de Farias, *O trabalho dos mortos* (1922). A autora comenta as repercussões dos fenômenos em Belém e a reação da Igreja Católica através do pe. Florêncio Dubois, frente ao crescimento do movimento espírita na capital, destacando também a atuação de médicos e jornalistas (SANTANA, 2006, p. 48-53).

Com a fundação da União Espírita Paraense o movimento espírita tomou novo direcionamento, mais sintonizado com a prática da caridade e o ideário kardecista. Neste novo contexto a médium Anna Prado desempenhou papel de destaque, pois os fenômenos de efeitos físicos produzidos por ela são percebidos por Santana como importante fator de contribuição para a causa espírita no estado. Anna Prado não foi lembrada apenas por Santana, pois suas habilidades mediúnicas motivaram algumas produções de caráter religioso e científico.

1.5 Anna Prado tema de produções

Dentre os estudos sobre o caso Anna Prado, a produção mais significativa é o livro *O trabalho dos mortos*, de Raymundo Nogueira de Faria, jurista, político e professor paraense, o qual foi o mais destacado defensor da autenticidade dos fenômenos produzidos pela médium. Publicada em 1921, esta obra é também conhecida como *O livro do João*. Este livro tornou-se a principal referência para a realização deste trabalho sendo utilizado não só como referencial bibliográfico, mas também como fonte por ser o mais completo e minucioso registro dos acontecimentos que envolveram as práticas espíritas da médium.

Na leitura de Nogueira de Faria, percebemos três preocupações latentes. Primeiro, defender de maneira incontestável a veracidade dos fenômenos produzidos pela médium. Para justificar sua crença, centra sua análise na associação entre Espiritismo e ciência, ratificando que os espíritos materializados seriam elementos de estudo para a ciência, em especial para os experimentadores²⁵, sobretudo, por acreditar que “[...] o fim capital do Espiritismo é todo moral e científico” (FARIA, 2002, p. 19).

Segundo, o autor mergulha na intimidade dos Prado procurando enfatizar o sofrimento pelo qual passou a família, em especial o casal Eurípedes e Anna, devido aos

²⁵ Homens de ciência que defendiam o método de trabalho baseado na observação e experimentação dos fatos por meio de relações estabelecidas pelo raciocínio.

constantes ataques de pessoas que questionavam a autenticidade dos fenômenos e a idoneidade do casal, que em várias ocasiões foi acusado de charlatanismo. Charlatão era adjetivo que se aplicava ao trapaceador, embusteiro, ladrão, enganador, que se aproveitava da inocência e credibilidade alheia para enganar e, de alguma forma, se beneficiar. Os charlatões estavam tão em evidência em 1921 que *A Província do Pará*, a pedido de seus leitores, dedicou um artigo inteiro para comentar a definição verdadeira de charlatão que seria: “[...] homem que emprega a linguagem de incorfecia ou d’ um modo que faz confundir e enganar seus semelhantes” (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 1921, p. 01). Segundo Faria, Eurípedes Prado ofendia-se constantemente com esse tipo de acusação chegando inclusive a adoecer. Entendia o autor que o casal Prado havia recebido uma missão divina e árdua, a tarefa de revelar à sociedade paraense e, conseqüentemente, ao resto do país a comprovação da existência do mundo espiritual através de provas cabais e irrefutáveis como a materialização de espíritos, sendo os fenômenos a base sobre a qual se assenta a doutrina espírita, mostrando a comunicação entre vivos e mortos.

Faria buscou dar legitimidade às sessões mediúnicas realizadas pelo casal Prado, firmando sua estratégia discursiva de convencimento nos depoimentos de pessoas crentes nos fenômenos espirituais ou que não questionavam a idoneidade de Anna e Eurípedes Prado. Um dos depoimentos presentes no livro é o do ex-governador do estado do Pará, Lauro Sodré, um homem de ciência conhecido por defender os princípios positivistas e que após assistir uma das sessões declarou não acreditar “[...] que haja aí uma intervenção de almas. São a meu ver, forças ainda desconhecidas. Mas o que repilo, pelos meus sentimentos de justiça, é a idéia de fraude” (FARIA, 2002, p. 32).

Os assistentes dos fenômenos citados no livro eram aqueles que tinham *status* na sociedade belenense, pessoas que formavam grupo seletivo e respeitado, afinal em 1921, quando o livro foi lançado, pretendia-se dar prestígio, credibilidade e, acima de tudo, popularidade à doutrina espírita. Entre os renomados assistentes da médium, Nogueira de Faria destaca a presença de médicos, juristas, jornalistas, comerciantes, diplomatas e entre tantas pessoas com “capital social” uma se destaca, o maestro Ettore Bosio, bastante elogiado pelo autor por suas habilidades artísticas como músico e por ser o autor das fotografias presentes em sua obra, que pretendiam apresentar a prova da existência do mundo espiritual, através das imagens de espíritos materializados.

Continua Faria seu debate fundamentando seu ideário espírita em Léon Denis²⁶, um dos principais divulgadores do Espiritismo na Europa, após a morte de Allan Kardec, em 1869. Em suma, a proposta de Faria foi documentar com detalhes os fenômenos produzidos pela médium paraense entre os 1918 a 1921, utilizando como fontes os depoimentos dos assistentes e experimentadores, entre eles os médicos Renato Chaves, Ferreira Lemos e Porto de Oliveira, alguns artigos publicados nos jornais locais durante o período, que o autor julgava importante, as atas das reuniões espíritas na casa dos Prado e dos amigos Ettore Bosio e Dr. Matta Bacellar, somados a sua percepção enquanto observador presente às sessões. É interessante notar que, para além de um livro que buscava defender a existência de um mundo espiritual, o trabalho de Faria foi também o estandarte de defesa do casal Prado, das práticas espíritas e do próprio Espiritismo, com a intencionalidade de naturalização dos fenômenos paranormais.

A renascença da alma foi o segundo trabalho de Raymundo Nogueira de Faria referente às atividades fenomênicas da médium paraense, publicado em 1924, após a morte de Anna Prado, em 23 de abril de 1923. O livro era dedicado ao tema da mediunidade e nele fora apresentado material complementar ao livro *O trabalho dos mortos*, de 1922.

Na primeira parte do livro, Faria apresenta o conflito existente entre o Espiritismo e a Igreja Católica que se intensificou no início do século XX, pois a instituição católica enxergaria na doutrina espírita adversário perigoso e, por conta disso, o clero romano liderou luta obstinada contra os seguidores do kardecismo, valendo-se de discurso agressivo. Complementarmente, o autor ressalta a afinidade entre o Espiritismo e sua finalidade moral. Diante de todos os avanços expressos pela evolução intelectual do homem existiria a deserção dos sentimentos elevados (amor, compaixão, caridade, respeito, tolerância etc.), esse afastamento seria corrigido pela doutrina espírita, que colocaria em prática sua função moral.

Dando prosseguimento ao raciocínio, Faria enfatiza analogias entre o Espiritismo, a filosofia e a ciência. Aponta que a doutrina espírita iluminaria a consciência do homem na busca pelo conhecimento, defendendo que o kardecismo teria finalidade científica, ou seja, constituiria campo de conhecimento em formação que pouco a pouco ganharia adeptos, contudo, isso não o livraria de críticas severas de seus

²⁶ Leon Denis (1846-1927) foi um dos mais fervorosos divulgadores do espiritismo após a morte de Allan Kardec (CARNEIRO, 1996, p. 223)

opponentes. O Espiritismo não seria uma religião e “[...] sim, a prova, comprovada por experiências, das verdades abstratas pregadas pela religião” (FARIA, 1924, p. 52).

Faria buscou em cientistas como Spencer²⁷, Darwin²⁸, Newton²⁹, Claude Bernard,³⁰ entre outros, a base para fazer/discutir a relação do Espiritismo com a ciência. Diferente da obra anterior, *O trabalho dos mortos*, o debate sobre a questão espírita abrangiu análise mais expoente de suas ideias acerca da doutrina, fundamentada no conhecimento científico, demonstrando a necessidade de legitimar a doutrina espírita no período.

A segunda parte do livro é composta por conjunto de depoimentos de pessoas ‘ilustradas’ da sociedade paraense do período, sobretudo, médicos³¹, que crentes ou não no Espiritismo, forneceram ao autor depoimentos favoráveis à autenticidade dos fenômenos observados pela mediunidade de Anna Prado. Provavelmente, como forma de garantir a credibilidade dos relatos, que são compostos majoritariamente por cartas enviadas a Faria e ao maestro Ettore Bosio, percebe-se que o material se encontra devidamente identificado com os nomes completos e endereços dos depoentes. Através dos relatos, podemos perceber de forma detalhada a descrição de determinados fenômenos como a germinação, a levitação³² e uma cirurgia mediúnica.

Do conjunto de depoimentos, o relato do maestro Ettore Bosio é ressaltado, por ser abrangente e demonstrar grande emoção, Bosio não se furtou de revelar sua crença no Espiritismo e nos fenômenos produzidos pela médium. Sem dúvida foi junto com Faria defensor incansável. A amizade e confiança que o unia à família Prado fez com que várias sessões fossem realizadas na casa do maestro. Segundo o próprio Bosio, depois de anos de ateísmo, encontrou a orientação espiritual na doutrina kardecista, revelando inclusive habilidades mediúnicas como a tiptologia³³ e desenhos espíritas.

²⁷ Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês, criador do sistema positivista, organicista e evolucionista de interpretação do universo (Enciclopédia Escolar, v. 6, p. 1562)

²⁸ Charles Robert Darwin (1880-1882), naturalista inglês que formulou a teoria da Evolução pela seleção natural (Enciclopédia Escolar, v. 2, p. 479).

²⁹ Isaac Newton (1642-1727), físico e matemático inglês, um dos mais importantes cientistas dos tempos modernos (Enciclopédia Escolar, v. 5, p. 1219).

³⁰ Claude Bernard (1813-1878), fisiologista francês considerado pai da medicina experimental (Enciclopédia Escolar, v. 1, p. 214)

³¹ Existe um tópico do livro intitulado testemunhos valiosos no qual contam doze depoimentos de participantes das sessões, entre os assistentes dez eram médicos (FARIA, 1922, p. 79-101).

³² Na sessão de 11.11.1921 objetos teriam levitado na sala da casa dos Prado. Segundo o relato, uma mesa foi levantada até o teto (FARIA, 2002, p. 183).

³³ Forma de comunicação mediúnica através de pancadas ou batidas dadas em materiais sólidos (FARIA, 2002, p.168).

Apesar de ter sua visão prejudicada por conta de catarata, produziu diversos desenhos espíritas (FARIA, 1924, p. 167).

O relato mais emocionado de Bosio foi decorrente da sessão de 23 de outubro de 1922, quando a médium teria materializado o espírito de seu irmão Guilherme Bosio, falecido 10 anos antes. O relato impressiona pela riqueza de detalhes, pelo número de espíritos materializados por sessão; pelas vozes guturais dos fantasmas, quando não falavam através da médium; assim como o pedido dos espíritos para evitarem olharem em seus olhos (FARIA, 1924, p. 122-167), olhos sem vida. Portanto, *A renascença da alma* enaltece a importância do Espiritismo para o progresso da humanidade no caminho da evolução espiritual e, Anna Prado e os fenômenos de efeitos físicos por ela produzidos, são utilizados como a confirmação por excelência da vida após a morte. Enfatizamos que os livros de Faria devido sua importância para este trabalho continuarão a ser discutidos nos capítulos seguintes.

O presidente honorário da Federação Espírita Brasileira (FEB), na época e também redator do jornal *O Reformador*, órgão oficial da instituição e o mais antigo periódico da imprensa espírita brasileira ainda impresso hoje, Manuel Quintão esteve em Belém em 1921. Na ocasião participou de três sessões de materialização realizadas pela médium Anna Prado, reunindo suas experiências no livro *Phenomenos de materialização*, lançado no Rio de Janeiro no mesmo ano. Para Quintão (1921, p. 27), as materializações seriam “[...] a prova testemunhal daqueles phenomenos que tantas conversões haviam produzido”.

Antes de adentrar na discussão principal do livro, Manuel Quintão pontua debate acirrado naquele momento, referente ao conflito entre a medicina oficial e a mediunidade curadora dos espíritos. Quintão relata sua própria experiência com o mundo espiritual, afirmando que teria sido desenganado por médicos e que encontrou a cura de sua moléstia nas mãos de um homem simples que morava no Rio de Janeiro, à rua Álvaro, nº 6, o médium Domingos de Barros da Silva Filgueiras, que por intervenção espiritual o teria curado, fato que ocasionou sua conversão ao Espiritismo (QUINTÃO, 1921, p. 10-12). Outros que se convertiam à doutrina espírita eram pessoas vítimas do exame de loucura. Mesmo que atestados pela medicina oficial como loucos, para Quintão, muitas vezes poderiam ser vítimas da presença de espíritos obsessores³⁴. A cura para as vítimas acometidas por espíritos não estava na ciência, no caso na

³⁴ Espíritos obsessores seriam espíritos não evoluídos e de caráter moral duvidoso, inclinados a todos os vícios, caracterizados pela ignorância e o desejo de fazer mal às pessoas (KARDEC, 1993, p. 75-80).

medicina, mas sim na intervenção de médiuns, sendo os únicos que poderiam devolver a sanidade mental.

Após breve introdução, Manuel Quintão prossegue descrevendo três sessões em que esteve presente apontando com riqueza de detalhes os fenômenos observados, bem como a nitidez da visualização dos espíritos materializados, o transporte de objetos, o contato direto com os espíritos materializados através do toque, a delicadeza dos trabalhos em parafina, assim como o contexto de complexidade que envolvia as reuniões. A linguagem empregada por Quintão é direta e acessível, conseguindo transportar o leitor para as cenas, percebemos que seu olhar diante dos fenômenos é misto de admiração e encantamento, permanecendo totalmente absorto com os fenômenos que diz ter presenciado. O autor não se eximiu de criticar os descrentes e detratores dos fenômenos espirituais, entre eles o pe. Florêncio Dubois, que é tratado pelo autor como, “[...] homem inteligente, mas sem escrúpulos, porque lhe franquearam a primeira coluna de um órgão da imprensa, della fez pelourinho para denegrir pessoas e coisas espíritas, com grande gaudio de sua ‘claque’ estulta e fanática” (QUINTÃO, 1921, p. 30). Diferente de outros espíritas que tiveram embates com o citado reverendo, Quintão adotou postura agressiva e depreciativa enfrentando as acusações do padre nos jornais locais, referindo-se a ele como “famigerado pitorra³⁵”.

Utilizando como referencial de suas análises Gustavo Geley,³⁶ Quintão comparou os fenômenos produzidos por Anna Prado aos observados por Crookes e Alexander Aksakoff.³⁷ As reuniões presenciadas por Quintão realizaram-se na casa do maestro Ettore Bosio, no bairro de Batista Campos, com grupo limitado de pessoas. O local escolhido foi um salão espaçoso que ficava no porão da casa, selecionado intencionalmente com o intuito de evitar questionamentos em relação à veracidade dos fenômenos, por parte dos detratores das atividades de ectoplasmia, que acreditavam na existência de alçapões por onde entrariam e sairiam os hipotéticos “fantasmas”. Quintão ainda incitava os incrédulos do Espiritismo, desafiando físicos e químicos a reproduzirem os fenômenos presenciados por ele ou ainda produzir moldes de parafina semelhantes aos feitos, segundo ele, por mãos ectoplásmicas, no qual acreditava ser impossível reprodução por qualquer outro processo. Conclui Manuel Quintão, que ser

³⁵ Pessoa baixa e gorda (BUARQUE DE HOLANDA, 2009, p. 1573).

³⁶ Gustavo Geley foi um dos grandes pesquisadores dos fenômenos espíritas. Foi diretor do Instituto Metapsíquico de Paris e desfrutava de renome internacional. Disponível em: <http://www.useregionaljau.com.br/biografias>. Acesso em: 28 fev. 2011.

³⁷ Cientista russo que se notabilizou pelos estudos de fenômenos espíritas no século XIX. Disponível em: http://www.nossolar.net/biografias_alexander_aksakoff.html. Acesso em: 28 fev. 2011.

espírita compreendia uma série de posturas morais e, acima de tudo, a crença na imortalidade da alma (QUINTÃO, 1921, p. 45-46).

Outro autor que discutiu os fenômenos espíritas e o caso da 'médium' Anna Prado foi o escritor Carlos Araújo, com o livro *O paranormal e seus mistérios*, publicado em 1981. Diferentemente de Raimundo de Faria, Araújo envereda pelo viés da ciência psíquica para interpretar os fenômenos espíritas, apontando como seus objetos de interesse os fenômenos paranormais, destacando-se a percepção extrasensorial, a telepatia, a profecia, a telequinesia, entre outros, ressaltando que os métodos de observação e controle desses fenômenos continuam sendo desafio para a parapsicologia, que tem como objeto de estudo os fenômenos de percepção extrassensoriais e os relativos à hipótese de existência de vida depois da morte. Araújo os desqualifica afirmando que as revelações dos fenômenos extrassensoriais, também conhecidos como paranormais ou espíritas, nada mais são que os resultados do inconsciente que acaba por se manifestar no consciente, ou seja, o inconsciente humano seria o responsável pelas manifestações paranormais que não passariam de pura imaginação.

Após tecer críticas fervorosas aos fenômenos espirituais, aos cientistas que eram referência em estudos sobre fenômenos paranormais e a alguns adeptos do Espiritismo, o autor dirige suas censuras ao Espiritismo, enquanto doutrina e alguns médiuns como Florence Cook³⁸, Otilia Diogo³⁹ e Anna Prado, que legitimavam, através da crença e prática de fenômenos de efeitos físicos, a doutrina kardecista (TOURINHO, 1993, p. 61-64).

Em relação à Anna Prado, Araújo questiona a autenticidade das manifestações mediúnicas produzidas pela médium, desqualificando os fenômenos, apontando ao leitor que as fotos dos espíritos materializados reproduzidas do livro de Nogueira de Faria, *O trabalho dos mortos*, seriam fruto de fraudes dos processos fenomênicos de

³⁸ Médium de efeitos físicos que ainda adolescente teria materializado o espírito de Katie King na Inglaterra. William Crookes, físico inglês, membro da Sociedade Real de Londres, foi estudioso dos fenômenos de materialização produzidos Florence Cook entre os anos de 1870-1874 (DOYLE, 2010, p. 201).

³⁹ Otilia Diogo foi a médium principal que esteve envolvida no caso das materializações de Uberaba - MG em 1964. A médium foi pega em fraude em 1970 e confessou que fraudava as sessões desde 1965. Mas a dúvida sobre a legitimidade da sessão realizada em Uberaba em 1964 e documentada pela revista *Cruzeiro* persiste. Essa reunião esteve sob a coordenação do doutor Waldo Vieira. Também estiveram presentes mais 13 médicos e o médium Chico Xavier. Disponível em: <http://pesquisasespiritas.blogspot.com/2010/08/otilia-diogo-estudo-de-caso.html>. Acesso em: 06 mar. 2011.

ectoplasma.⁴⁰ Contudo, vale ressaltar ainda, que o livro de Araújo apresenta informações equivocadas sobre Anna Prado. Na primeira, o autor afirma que os fenômenos produzidos pela médium datam da década de 1950, quando na realidade Anna Prado morreu em 1923. Outro erro significativo sugere que as sessões da médium eram realizadas nas galerias da União Espírita Paraense (UEP), quando na realidade todas as sessões ocorreram na casa dos Prado e de amigos próximos. Esses equívocos alimentam dúvidas acerca da seriedade das pesquisas realizadas pelo referido autor e da leitura, mais equivocada ainda, que realizou do livro de Nogueira de Faria.

Apresentando respostas às afirmações e críticas de Carlos Araújo, principalmente em relação à doutrina espírita e aos fenômenos mediúnicos, Nazareno Tourinho, conhecido dramaturgo paraense, jornalista, professor, membro desde 1969 da Academia Paraense de Letras (APL) e adepto da doutrina espírita, publicou em 1993 o livro *O trabalho dos mortos e a tolice dos vivos*⁴¹.

Em acordo mútuo com as ideias de Raymundo Nogueira de Faria, Tourinho retomou o autor para reafirmar que os fenômenos de ectoplasma produzidos por Anna Prado seriam verdadeiras provas da existência da vida pós-morte. Contrapondo Carlos Araújo a partir de trechos do seu próprio livro, sob a égide da doutrina espírita, Tourinho ressalta o “extremismo” dos negadores dos fenômenos espíritas, que evitam de qualquer maneira aceitar as verdades espíritas o que para o autor seria a “tolice dos vivos”. O dramaturgo não se furtou em questionar a qualidade do trabalho produzido por Araújo, evidenciando até erros ortográficos cometidos pelo autor e a pesquisa mal realizada.

Os três livros comentados evidenciam o alcance das atividades fenomênicas da médium que viveu em Belém, as quais não ficaram restritas a década de vinte do século passado, atravessaram o tempo e se materializaram em recentes discussões nos levando a refletir sobre a efervescência religiosa e ideológica daquele momento, anos difíceis pós-decadência da borracha, assim como sobre a mística transcendental que acompanhara a popularização do Espiritismo no Brasil, doutrina que encontrou, na evangelização através de livros e periódicos e na atuação dos médiuns, seus principais elementos de propagação. Mas na década de 1920, a capital paraense não era assombrada apenas pelos espíritos de Anita, João ou de Manuel...

⁴⁰ Em parapsicologia, uma substância impalpável emitida pelos médiuns durante o transe, resultando nas materializações (Grande Dicionário Enciclopédico Escolar, 1987, p. 546).

⁴¹ Nazareno Tourinho utiliza como epígrafe o título do livro de Raymundo Nogueira de Faria, pois o debate sobre a autenticidade dos fenômenos fundamenta-se na obra de Faria.

1.6 Belém, cidade fantasma

Após os anos áureos vividos pela capital paraense, promovidos pelas exportações de látex no final do século XIX e início do XX, que proporcionaram o processo de urbanização de Belém tendo por modelo as principais metrópoles europeias de Londres e Paris⁴², augúrio fatídico se abateu sobre a região amazônica já em “[...] 1910 a produção da Amazônia respondia por apenas 50% do consumo mundial e, quinze anos depois, por apenas 5%.” (FIGUEIREDO, 1997, p.23), a queda das exportações foi resultado da concorrência da borracha asiática produzida nas colônias holandesas do Oriente e no Ceilão, um golpe quase fatal na frágil economia da região baseada no setor extrativista.

Ainda nos anos de grande exportação, não só circulava borracha enormes riquezas pelo porto de Belém, como também grande número de imigrantes representados principalmente pelos nordestinos, portugueses, espanhóis e italianos que “[...] elevaram a população do Pará em setenta mil habitantes em 1900.” (FONTES, 2002, p. 261) fazendo de Belém uma cidade cosmopolita e muito movimentada. Passados vinte anos a situação era outra e a Belém do *boom gomífero* era só lembrança saudosa, os tempos foram difíceis e a miséria assolava os mais pobres:

Os quadros terríveis da fome, o espantinho da miséria se desenha aos olhos assombrados dos paraenses.
Escondidos na sombra, de noite, aos portões das casas burguezas batem inumeras creanças, acanhadas, timoratas que apenas pedem o que comer. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 19.02.1921, p.01)

Para amenizar a situação de infortúnio que atingia os mais pobres, o jornal *A Província do Pará* lançou em 1921 campanha filantrópica para arrecadação de recursos com intuito de ajudar os desvalidos da *terra do ouro negro* e o mesmo diário continuava a estampar as dificuldades econômicas da região e as inúmeras falências da praça, como a da firma J.M Mesquita noticiada em primeiro de abril de 1921.

Os desdobramentos da crise promoveram mudanças até mesmo na esfera familiar como nos contou o articulista do jornal *A Província do Pará* na matéria *Os*

⁴² Aos que se interessarem por uma pesquisa sobre processo de urbanização e transformação da capital paraense, ver: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912) Belém: Paka-Tatu, 2000.

efeitos da crise, onde relata a história de uma mulher que se vestia de homem, saía para trabalhar a meses no Ver-o-peso, motivada pelo fato de seu marido se encontrar desempregado. Afirma o articulista que a trabalhadora provia com seu trabalho o sustento da numerosa família. A vendedora disfarçada foi denunciada como atravessadora à fiscalização municipal, por indiscreto amigo incomodado com a concorrência, sendo desta forma descoberta sua camuflagem. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 04.05.1921, p.01)

O funcionalismo público também foi vitimado pela crise econômica, como mostra em carta enviada da Vila Americana o senhor João Ferreira Souza ao redator de *A Província do Pará* em 24 de maio de 1921. O remetente penalizado denunciava a situação de certa professora que se encontrava enferma e rogava por seus proventos que não recebia há meses, apesar de todo seu esforço e dedicação à educação de meninos, pedia o sensibilizado senhor a intercessão do diário para resolver tal problema. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 24.05.1921, p.01)

As condições econômicas na capital paraense nos anos vinte do século passado preocupavam. Não eram só os fantasmas materializados de João, Anita e tantos outros que por lá apareceram nas sessões mediúnicas de Anna Prado que assustavam os moradores de Belém, mas as falências das firmas, a miséria, a fome e a crise econômica causavam arrepios à população, que apesar de toda a situação de decadência não diminuiu, muito pelo contrário tendeu a crescer segundo Barroso (2010) “A cidade possuía 61.997 habitantes em 1872, 96.560 em 1900 e 236.402 em 1920.”⁴³Esse inchaço populacional resultou da migração do interior do Pará para a capital.

Apesar da situação exposta pelos jornais, que Belém não era uma cidade fantasma pela ausência de habitantes, mas sim pela falta de trabalho, oportunidades, desenvolvimento, circulação de riquezas, movimentação comercial, entre outros aspectos que caracterizaram o período de riquezas produzidas durante *Belle Époque*, que embora não tenha sido socializado com todos os moradores trouxe para a região efêmero desenvolvimento que nos anos vinte lhe faltava, pairava sobre a capital paraense uma atmosfera fantasmagórica no que referia a economia e ao seu futuro. Para quem vivenciou os anos idos das expressivas exportações de látex, aquela Belém dos anos vinte parecia uma cidade de outro mundo, pois é justamente neste momento de dificuldades e incertezas, dúvidas, desesperança e de busca por respostas que surgem os

⁴³ BARROSO apud IBGE. Sinopse do Recenseamento de 1920. Rio de Janeiro: Tipografia de Estatística, 1926, p.02.

fenômenos produzidos pela médium Anna Prado, representantes de nova orientação religiosa.

A luta pelo o que a historiadora Célia da Graça Arribas (2010) chamou de “competitivo mercado de bens de salvação” nos anos vinte em Belém estava em plena pujança. Essa disputa, segundo a autora, se traduziu por assinalar o fim do monopólio da Igreja Católica e a ascensão de novas alternativas religiosas que se manifestaram livremente com o advento da República, entre essas alternativas encontra-se o Espiritismo (ARRIBAS, 2010, p. 19), contudo a Igreja Católica procurou manter sua hegemonia e privilégios mesmo após o estado brasileiro ter sido declarado laico sendo outras religiões e seitas combatidas energicamente pela Santa Sé; os fenômenos mediúnicos em Belém foram alvo de acusações severas do sacerdote Florêncio Dubois, que por meio da produção intelectual na imprensa periódica, com estratégias discursivas eruditas, manifestou todas as tensões que cercavam a médium projetando um longo e polêmico debate que se estendeu durante o ano de 1920, mas o crítico católico não reinou hegemônico nas páginas dos diários belenenses, seus opositores espíritas também manifestaram seus posicionamentos. A luta acirrada pelo “mercado da salvação” em Belém é o que analisaremos a seguir.

Capítulo 2: Um Padre no meio do caminho

Como mencionado anteriormente, Anna Prado teria sido aos olhos dos kardecistas uma extraordinária médium de feitos físicos; devido a infinidade de fenômenos que a mesma teria praticado e ao “[...] assombro que causavam a quantos os assistiam” (BACELLAR apud FARIA, 1924, p. 107). Os fenômenos de efeitos físicos seriam de suma importância para a propagação do Espiritismo, pois atraía a atenção dos céticos e cientistas, sendo também importante meio de conversão ao Espiritismo. Justamente neste ponto reside o valor dos episódios que envolveram a médium, analisados a seguir.

2.1 O debate religioso

Para compreender o debate religioso travado entre espíritas, assistentes e Igreja Católica, por meio do Pe. Florêncio Dubois, no período correspondente às atividades fenomênicas de Anna Prado, Henrique Matos no livro, *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*, de 2003, oferece boa oportunidade de esclarecimento. Segundo o autor, que é membro da Congregação dos Fráteres de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia e professor da PUC de Minas Gerais, a Igreja Católica no Brasil passou por expressivas reformulações resultantes das mudanças políticas e ideológicas em curso no país e no mundo, representadas principalmente pelo avanço da modernidade e das ideias de caráter liberal, racionalistas, evolucionistas e científicistas, sendo a mais significativa dessas transformações o fim da aliança secular entre Igreja e Estado, representada pelo Regime do Padroado, que se processou com o advento do regime republicano instalado em 1889, resultando dessas mudanças o ordenamento institucional da Igreja Católica. Segundo Beozzo (1993, p.31 apud CUNHA, 2010, p.303) “[...] se não havia mais tutela do Estado, a Igreja do Brasil entrou em estreitas relações com Roma e, sob certos aspectos, substituiu uma tutela por outra”. Fortalecendo desta forma o processo de Romanização já em curso no Brasil desde a segunda metade do século XIX.

A influência positivista dos militares, que preconizava a separação entre Igreja e Estado, se fez sentir com a introdução do princípio do laicismo na ordenação político-jurídica do país. Daí em diante o catolicismo brasileiro apresentará duas tendências,

caracterizadas pelo posicionamento que assumiram quanto às relações entre Igreja e Estado:

De um lado estavam aqueles que apreciavam positivamente o novo regime, preconizando a liberdade concedida à Igreja; de outro, aqueles que lamentavam os “maus tempos” de uma “política sem Deus”, mostrando nostalgia dos privilégios que o catolicismo gozava no período imperial (MATOS, 2003, p. 19).

O principal defensor da primeira tendência foi o Padre Júlio Maria (1850-1916), católico de orientação liberal conhecido como “apóstolo da cristianização da República” defendia uma Igreja voltada para a política e para o povo. A segunda tendência teve como porta-voz dos católicos conservadores o pe. Disidério Deschand, lazarista de origem francesa nascido em 1863, desferiu profundas críticas à nova ordem política constituída. Seu posicionamento era o mesmo de muitos membros da Igreja Católica em 1910. O pe. Desidério lançou o livro “A situação atual da religião no Brasil” no qual afirma que:

[...] a República não veio do povo, mas pelas forças armadas dirigidas pela maçonaria e pela seita positivista; a Constituição foi redigida e imposta à nação por um bando de ideólogos positivistas que ilegitimamente se diziam representantes do povo. (DESCHAND, 1910, p. 19-20)

Seguindo essa linha de reestruturação, a Igreja Católica, em 1899, no Concílio Plenário dos Bispos da América Latina realizado em Roma, sob o pontificado do Papa Leão XII (1878-1903), reforçou os princípios romanizantes⁴⁴. O Papa desejava na América Latina maior organização e controle eclesiástico mais efetivo da Igreja sobre seus fiéis. Esse objetivo foi colocado em prática com o incentivo da vinda de congregações religiosas da Europa e a criação de novas dioceses. Se (re)instalaram no Brasil no início do século XX as seguintes ordens: os Beneditinos, os Capuchinhos, os Carmelitas, os Dominicanos, os Franciscanos, os Lazaristas. Chegaram ainda os Redentoristas, os Missionários do Sagrado Coração de Maria e do Verbo Divino, os Salesianos, os Irmãos Maristas, os Agostinianos, os Salvatorianos, os Missionários de Nossa Senhora da Sallette, os Padres do Sagrado Coração de Jesus e os Barnabitas, sem contar as congregações femininas (MERCÊS, 2003, p. 30).

⁴⁴ Orientações vindas diretamente de Roma objetivando ter maior controle do aparelho religioso através de um corpo de agentes religiosos mais qualificados para a direção disciplinar dos fiéis (SENA, 2005, p.28)

As congregações religiosas trouxeram em suas bagagens um modelo de catolicismo europeu de tendências romanizantes, garantindo o reforço da ação pastoral já que a implantação da república, o fim do padroado e a garantia da liberdade religiosa aos demais grupos fizeram com que o catolicismo passasse a sofrer “[...] fortes investidas do avanço do Espiritismo e do Protestantismo, credos em franca expansão, principalmente a partir da segunda metade do século XIX (SENA, 2005, p. 26).” A vinda desses religiosos causou certo desconforto ao clero nativo agredido por severas críticas, as quais respondia acusando os estrangeiros de importação de “paradigmas prontos” muito distantes da realidade brasileira. Apesar das críticas que suscitaram, os religiosos estrangeiros exerceram papel importante dentro do processo de reestruturação da Igreja Católica no Brasil por meio de suas atuações nas áreas hospitalar, da educação e da imprensa.

Os Barnabitas, congregação religiosa fundada por Santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539) em Milão, Itália, no ano de 1533, migraram para o Brasil precisamente em 1903 após terem sido expulsos da França pelo governo antieclesial da Terceira República que pregava uma maior laicização da sociedade; os religiosos dirigiram-se especificamente a dois estados: Pernambuco e Pará, desembarcando em terras brasileiras em 21 de agosto de 1903. Esses sacerdotes assim são conhecidos até hoje “[...] porque tiveram como primeira morada fixa uma igreja dedicada a São Barnabé Apóstolo (MERCÊS, 2003, p. 19-20)”. Os dez religiosos de nacionalidade belga, italiana e francesa dividiram-se em dois grupos de cinco, entre eles o jovem Padre francês de 25 anos Florêncio Dubois, que nasceu em Aix-d’Angillon, França, em 12 de novembro de 1872, vindo a falecer em Bruxelas em 11 de outubro de 1964, aos 86 anos, quando se preparava para voltar ao Brasil. De origem humilde, entrou na Ordem Barnabita aos 15 anos, formou-se em retórica na Sorbonne de Paris aos 19 anos, ordenando-se sacerdote em Bruxelas (COLOMBO, 1973, p. 7-10). Antes de se estabelecer definitivamente no Pará, atuou no interior de Pernambuco e no Distrito Federal, fixando residência no Pará em 10 de outubro de 1909, quando “[...] pe. Richert lança os alicerces da futura Basílica.” (idem, 1973, p. 19).

O Reverendo Dubois era bastante ativo, os mais idosos transformaram-no em “cabide de cargos” atribuindo-lhe inúmeros ofícios da comunidade. Foi assim nomeado capelão da Santa Casa de Misericórdia, assistente da Conferência de São Vicente de Paula, pregador de retiros. Porém suas atividades missionárias foram interrompidas em

1914 com a eclosão da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) quando convocado pelo governo francês.

Dubois presenciou o cenário catastrófico da 1ª Guerra Mundial, continuou ativo durante os quatro anos do conflito e apesar de ter permanecido tempo considerável no *Front*, nunca foi vítima de nenhum tipo de ferimento, mesmo os de natureza leve. Dizia o Reverendo a seus amigos que a providência divina sempre o protegeu, pois como padioleiro esteve próximo da morte inúmeras vezes. Ao retornar, Dubois conheceu o então professor e jornalista Paulo Maranhão, que por esta época era diretor do jornal *Folha do Norte*, impressionado com o sacerdote, o convidou para escrever em seu jornal. Iniciou-se assim uma amizade que duraria quarenta anos. O barnabita aceitou, e uniu a atividade sacerdotal com a jornalística tornando-se conhecido pela:

[...] elegância do estilo, a espiritualidade de seus contos populares, a segurança doutrinal de seus artigos apologéticos, a arte literária de seus escritos, que testemunhavam sua avantajada cultura e universal, fizeram do Padre Dubois um dos homens mais respeitados do norte do Brasil. Ante tamanho prestígio, o Arcebispado de Belém confiou-lhe a direção de seu único semanário católico, *A Palavra* (MERCÊS, 2003, p. 61).

Diante de tantos atributos intelectuais, seus confrades barnabitas chamavam-lhe de “O Comunicador” devido a sua inteligência aguçada, clareza argumentativa, maestria em reger nosso idioma e contagiante bom humor.

Fotografia 6 – Florêncio Dubois (COLOMBO, 1973, p.01)



O Padre Dubois vestia seu hábito, o respeitado articulista era um homem culto, mas, acima de tudo, religioso, seu olhar firme desafiava seus oponentes e as críticas recebidas pelo barnabita eram sempre respondidas com textos polêmicos e críticos.

Na década de 1920, em Belém do Pará, Dubois encontrou a Igreja Católica vivenciando ameaça direta da concorrência de outros credos religiosos à sua hegemonia, entre eles o Espiritismo que como citado “[...] tentou dar base científica para crenças que não eram admitidas pelo Catolicismo dominante [...]” (SENA, 2005, p. 23), sendo a doutrina muito divulgada pelos mais variados diários belenenses, ocupando espaço significativo nas colunas, geralmente em suas primeiras páginas. Embora a Igreja Católica tivesse perdido parte de sua influência e privilégio após a proclamação da República, continuava hegemônica assegurando seu espaço na disputa pelo mercado simbólico da salvação frente a outras religiões e seitas. As atividades de Anna Prado, como esclarecido, foram instrumento de divulgação e popularização do Espiritismo, portanto deveriam ser combatidas energicamente pela Igreja, sendo o reverendo Dubois o articulista que se manifestou nos jornais com vistas a manter a autonomia da Igreja.

Antes de direcionar críticas severas aos fenômenos mediúnicos, Dubois escreveu dois artigos intitulados *O perispírito* e *Os médiuns* no jornal *Folha do Norte*, respectivamente em 29 de fevereiro e 7 de março de 1920. Os textos foram direcionados aos kardecistas, a quem o Padre chamava de ocultistas, provocando-os e ridicularizando seus principais conceitos. No primeiro artigo, Pe. Dubois é chamado a atender uma senhora assombradíssima que afirmava ser perseguida pelo perispírito do esposo. Ao saber de tal fato, afirmou o Reverendo não conseguir conter uma gargalhada. Para os kardecistas perispírito seria “[...] uma substancia vaporosa para teus olhos, mas ainda bem grosseira para nós, muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e se transportar para onde queira (KARDEC, 1993, p. 74).” Ou seja, espécie de revestimento que envolve o espírito. Para Dubois, contudo, o perispírito seria algo indefinido. Segundo o Reverendo, os espíritas:

[...] ensinam do alto de seus tamancos que há no homem, bem contadinhas, nem mais nem menos, três essências: a alma, o corpo e o perispírito.

Este ultimo é um pobrezinho que não tem pae nem mãe. Não se sabe onde nasce. Não é do mar nem da terra. Não é carne nem peixe. Não é intellecto puro nem mera matéria. Fica entre essas duas series como dois couros de bode. O que é, o que não é? Com o aprumo de quem sabe respondem os occultistas que o corpo é um fluido, um imponderável, como quem diria um vapor, uma nuvem, uma espécie de ether ou sopro. (FOLHA DO NORTE, 29.02.1920, p.01)

Não satisfeito em plantar a “semente da dúvida” na cabeça de seus leitores, provando que o conceito de perispírito era algo difícil de compreender mesmo pelos kardecistas, Dubois lembrou-se de ter entrevistado em 1908 o doutor Baraduc, hábil em fotografia que apresentou ao Padre as seguintes afirmações: logo após a morte, nosso corpo é rodeado por um éter extra-cutâneo, vibrátil, com aparência corpórea, o que permite explicar duendes ou fantasmas. Esta substância sobreviveria dois ou mais dias depois da morte do corpo físico, o que explicaria também os supostos fantasmas de pessoas fotografadas em caixões ou depois de mortas. Para ratificar suas opiniões, o Padre buscava apoio de sábios renomados como o experimentador Baraduc. Depois de tais esclarecimentos, Dubois concluiu que a senhora assombrada que ele foi chamado para acudir estava enferma, vitimada pela anemia e colapso nervoso, o que a levava a ter as supostas visões do esposo falecido, nada de perispírito manifestado, tendo o Reverendo receitado para a mulher repouso e boa alimentação. Entretanto, a choupana humilde testemunhava que ali “[...] mal haveria recursos para a compra de caribezinho.” (FOLHA DO NORTE, 29.02.1920, p.01).”

No segundo artigo, as censuras do Padre foram dirigidas contra os principais intérpretes do mundo dos mortos, os médiuns, que para Dubois seriam pessoas que:

[...] toma nuvem por Juno e que confunde delírios com visões. O espírita vidente tem macaquinhos no sótão ou anda com um parafuso frouxo, e, para mim, tanto valem suas evocações como os pesadelos de quem apanhou indigestão de maniçoba.
O medium começa nevropatha... continúa sugestionando... e acaba autômato. (FOLHA DO NORTE, 07.03.1920, p.01)

Dubois procurou associar neste artigo a figura do médium à loucura e suas atividades ao sonambulismo e à hipnose. Para ele, esses videntes seriam perigosos aos demais e portadores de moléstias nervosas que poderiam desembocar na loucura, afirmando o Padre que tinham as “costas quentes”. Dubois faz referências aos cientistas franceses Pierrier, Chevillard, Lafontaine, Grasset, Janet, Charcol e Bernheim, os três últimos donos de clínicas especialistas em tratamento das doenças nervosas que, segundo Dubois, estariam cheias de praticantes do Espiritismo.

O embate religioso entre Dubois, kardecistas e assistentes expressa claramente a luta pelo “competitivo mercado de bens de salvação” tendo iniciado em 20 de maio de 1920, quando dois jornais da capital, *O Estado do Pará* e seu concorrente *Folha do Norte* publicaram fotografia de um espírito materializado por Anna Prado seguido de

extenso artigo. Abaixo cito alguns trechos da reportagem publicada pelo diário *O Estado do Pará*.

Os phenomenos espíritas há uns cinqüenta e tantos anos que entraram de se produzir simultaneamente, pode-se dizer em todas as partes do Globo [...]

Nesta Capital, o conhecido comerciante Eurípedes Prado iniciou estudos dessa natureza, na casa de sua residência, acompanhado de pessoas idôneas [...]

Uma vez conseguidas as primeiras manifestações positivas, S. S. convidou várias personalidades em destaque, nessa cidade, para assistirem aos seus trabalhos e as quais são unanimes em conffirmar a realidade dos factos observados.

Nessas sessões, segundo sabemos, ja foram observados phenômenos de nítida materialização, com emissão de voz, transporte, entre outros menos importantes, o que demonstra o alto grau de transcendentalidade a que ja chegaram aqueles phenômenos.

A photographia que damos estampa é uma nítida chapa, em que aparecem, à luz do magnésio, a medium em transe e um phantasma de um homem, que nos informam ser a reprodução fiel do falecido genitor do Sr. Eurípedes Prado (O ESTADO DO PARÁ, 20.05. 1920, p.01).”

O artigo assinado pelas iniciais I.M. nos faz intuir o interesse que os fenômenos espíritas vinham despertando nos meios científicos mundiais, atraindo cientistas como William Crookes, que buscavam investigá-los, dando-lhes explicações de caráter científico. O articulista reforça a presença de personalidades sociais e, antes de qualquer coisa, de pessoas idôneas, o que viria a reforçar a pretensa autenticidade dos fenômenos, afastando as suspeitas de fraude, já que os presentes, segundo o artigo, confirmariam a realidade dos fatos. Outro episódio que mereceu destaque nas palavras do escritor é o alto grau de transcendentalidade a que chegaram os fenômenos na capital paraense com a manifestação de espíritos materializados, geralmente de pessoas muito próximas a algum dos assistentes ou da família Prado, como o João, que em vida teria sido tio de Anna e neste artigo a manifestação do suposto pai de Eurípedes Prado.

Figura 7 – Fotografia de um espírito materializado estampada na primeira página de dois jornais belenenses *O Estado do Pará* e *Folha do Norte*. (20.05.1920, p.01)



A fotografia acima desencadeou de intenso debate religioso, mais uma vez Ettore Bosio era o único fotógrafo que tinha livre acesso as reuniões, exerceu seu ofício de retratista e, pois a procurar o melhor ângulo para captar a imagem dos habitantes do mundo pós-morte. O maestro eternizou a imagem de um espírito que supostamente seria do pai de Eurípedes Prado, sua túnica escura parece que anunciava a tempestade de críticas fundamentadas na análise que teve como ponto de partida a imagem publicada nos dois mais importantes diários matutinos belenenses, o rosto do habitante do além aparece sobreposto à imagem, bem diferente da fotografia de João (figura 3), onde as feições do fantasma foram definidas com clareza no trabalho do fotógrafo, a impressão que temos é que João vestia a túnica. Na presente imagem o espírito se acomoda atrás

da médium, materializado se apoia cuidadosamente na cadeira, porém não projeta sua sombra ao lado da sombra da médium o que abriu precedentes para análises mais detidas que vieram a suscitar a ideia de fraude dos fenômenos e da intencionalidade do fotógrafo.

2.2 Uma Pena a serviço da Igreja

A fotografia publicada deu início as polêmicas que envolveram kardecistas, assistentes e o Padre Dubois. Podemos afirmar que o uso de imagens nos estudos sobre Anna Prado pode ser considerado no mínimo estimulante, pois as fotos reveladas nos jornais foram um instrumento utilizado pelos kardecistas como uma prova definitiva da autenticidade dos fenômenos, comprovando de uma vez por todas a existência de vida após a morte e pelos opositores como elemento de manipulação e fraude dos espíritas.

A importância desse tipo de fonte no estudo dos fenômenos produzidos pela médium torna-se importante devido aos:

[...] elementos icônicos nos permitem compreender a atitude dos personagens estáticos e dos cenários congelados no tempo, assim como possíveis indícios que esclarecem quanto à atuação dos vários sujeitos que participaram da construção da imagem fotográfica, faz-se necessário uma análise conjunta e simultânea com as mais diversas fontes documentais que também informam sobre o passado.” (J. PAULA, 1997, p.57)

Os historiadores tendem a se voltar para as imagens geralmente quando outro tipo de fonte se revela escassa e, na maioria das vezes, é adotada a seguinte postura:

Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-las como meras ilustrações reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões” (BURKE, 1992, p.12)

Não há dúvida de que na academia somos preparados a lidar com documentos oficiais, preservados nos arquivos, além de outros documentos de caráter escrito. Quanto às imagens, somos habituados a vê-las como meras ilustrações de um acontecimento histórico, as quais nos levam a imaginar como poderia ter ocorrido tal evento, sendo um verdadeiro *passport* para o passado. Os estudos existentes sobre a

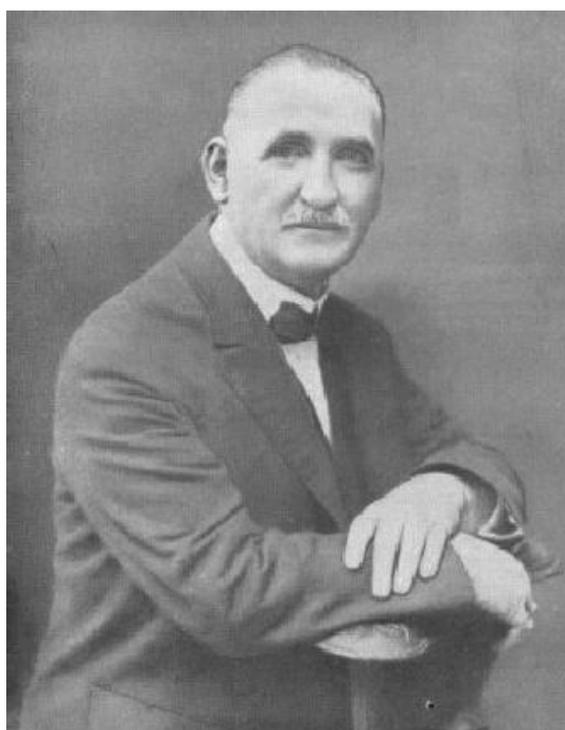
utilização de imagens para produção do conhecimento histórico concentra-se entre os historiadores da arte; muito embora nos últimos anos possamos perceber certa proliferação de publicações que abordam a temática.

Em se tratando dos fenômenos mediúnicos de Anna Prado, podemos afirmar que não existe carência de documentação convencional para sua investigação, porém temos que admitir que não foi dada maior atenção ao estudo das imagens, já que os episódios passados na casa da família Prado eram de conhecimento público e foram acompanhados pela sociedade belenense através dos jornais. Investigar o Caso Anna Prado para além dos periódicos suscita novas questões.

A primeira remete-se a intencionalidade do fotógrafo da maioria dos espíritos materializados e o que o mesmo desejava corroborar. Ettore Bosio, maestro da fundação Carlos Gomes, era considerado uma pessoa conveniente, assim como tanto outros assistentes, como nos revela Nogueira de Farias:

[...] Compositor exímio, seu temperamento e sua timidez o afastaram das glórias autorais, que lhe estavam reservadas, a julgar pelo início de sua carreira de artista, pelo êxito de seus trabalhos de moço. Uma das suas mais apreciadas óperas, quando ainda jovem, "O Duque de Vizeu", libreto de Pacheco Neto, conquistou aplauso dos mestres, a simpatia dos críticos, a consagração das platéias. (FARIA, 1943, p. 25)

Figura 8: Ettore Bosio, fotógrafo dos espíritos materializados (FARIA, 2002, p. 27)



Ettore Bosio o fotógrafo dos habitantes do mundo invísivel se deixou fotografar, o cenário que envolve a imagem deve ter sido produzida em estúdio, ou seja, a captura do retrato foi cuidadosamente arquitetada dentro de uma preocupação plástica, pois “[...] os estúdios ofereciam uma variedade de apetrechos utilizados na montagem de cenários de acordo com o desejo de auto-representação de seu público.” (BORGES, 2008, p.51) Apesar do maestro não empregar nem um terço dos acessórios disponibilizados pelos estúdios que iam desde sombrinhas, bengalas, almofadas decoradas, replicas de tapetes persas, cortinas de veludo, além do pano de fundo pintado com paisagens rurais e/ou urbanas entre outros, a parede escura ao fundo foi projetada para dar ar de sobriedade que envolve a imagem, na cadeira o músico, admirado pelos seus contemporâneos, apoia seus braços cruzados, unhas bem feitas, terno escuro, camisa branca e gravata borboleta, seus trajes de gala revelam sua posição na estrutura social, Bosio é um homem de cultura, cabelos alinhados e olhar fixo no fotógrafo, mostrando a firmeza de suas convicções e o destemor diante das críticas. Sua pele bem cuidada é fator de observação importante, para Maria Borges (2008, p. 51-52) os clientes mais humildes dos estúdios procuravam escamotear sua origem socioeconômica utilizando os apetrechos que os estúdios ofereciam, mas suas peles mal tratadas e os semblantes cansados denunciavam os lugares subalternos ocupados por essas pessoas na estrutura social. Ettore Bosio na fotografia não mostra a fisionomia cansada, pelo contrário, suas feições transmitem tranquilidade, portanto podemos deduzir que era desta forma que o maestro desejava ser visto e foi esta a imagem que eternizou de si próprio.

O maestro tinha interesse especial na doutrina e nas práticas kardecistas, sendo uma de suas preocupações, ao se propor capturar as imagens dos espíritos materializados, garantir a confiabilidade e o respeito ao seu trabalho, evitando a possibilidade de suscitar críticas e dúvidas. Para tanto Bosio, que era fotógrafo amador, realizou estudos de técnicas fotográficas utilizando o magnésio e se cercou de todos os cuidados necessários para garantir a legitimidade das fotos que historiariam aquele evento, não sendo nada fácil a tarefa do maestro, pois os supostos protagonistas das fotos não seriam paisagens ou pessoas, mas habitantes do mundo pós-morte que poderiam ou não se deixar fotografar. Assim procedeu Bosio:

Atraído por essas manifestações, o maestro Ettore Bosio que é um excelente fotógrafo amador, deliberou apanhar um clichê do Espírito manifestado,

tendo para isso realizado uma experiência estudando o processo que poderia garantir melhor êxito aos trabalhos do maestro Bosio, este, para dar um caráter de absoluta autenticidade à prova que ia realizar, convidou os Srs. Senador Virgílio de Mendonça, Dr. Antônio Chermont, diretor do “Estado do Pará”, e João Alfredo Mendonça, secretário da “Folha”, a controlarem com suas assinaturas as chapas fotográficas que iam servir à interessante experiência.

De fato, na tarde de 17 do corrente, reunidos aqueles cavalheiros no “Centro Fotográfico”, de propriedade do professor José Girard, à rua 13 de Maio, onde foram adquiridas as chapas, aí autenticaram as mesmas com as suas assinaturas, em presença dos fotógrafos José Girard e Armando Mendonça.

Assinadas as chapas e carregado o “chassis”, foi este lacrado e só entregue, à noite, ao maestro Bosio, na residência do Sr. Eurípedes Prado, onde, às 8 horas, além de outras pessoas, estavam presentes os Srs. Senador Virgílio de Mendonça, o Dr. Nogueira de Faria, 1º prefeito, deputado Apolinário Moreira, Dr. Feliciano Mendonça, farmacêutico Pedro Batista, corretor Pedro Bastos e esposa, João Alfredo de Mendonça, etc.

Feitos os preparativos, o maestro Ettore Bosio, à luz do magnésio, pois o trabalho necessitava ser em plena escuridão, apanhou uma chapa, a qual, depois de revelada, denunciou a presença de um ser estranho à assistência. Convém frisar que a chapa foi revelada poucos momentos depois da explosão do magnésio, tendo sido o maestro Bosio auxiliado nesse trabalho por um fotógrafo do “atelier” Girard.

Impressa a fotografia, com geral surpresa para todos e indizível comoção do Sr. Eurípedes Prado, declarou este que o vulto fotografado reproduzia as feições do Sr. Joaquim Prado, pai daquele cavalheiro, há anos falecido. (FOLHA DO NORTE, 20.05.1920 apud FARIA, 2002, pag. 99-101)

O excesso de cuidados não era sem motivo. Tirar fotos dos espíritos foi considerado empreendimento difícil e intrigante, já que o próprio Eurípedes Prado já havia tentado conseguir fotos sem nenhum sucesso. A assinatura de pessoas ilustres nas chapas revela a inquietação com o possível resultado.

Na fonte acima fica evidente que a apreensão maior de Bosio era produzir prova decisiva, pois o resultado de caráter prático desse ensaio viria reforçar a crença no fenômeno em si e, conseqüentemente, auxiliaria a propagandar a doutrina espírita, portanto podemos enfatizar a relevância do “papel do fotógrafo nos acontecimentos que ele descreve. Pode-se argumentar que a ideia de “olho inocente” não é mais defensável e que a câmera é sempre uma presença intrusa” (GASKELL, 1992, p. 266), revelando o fotógrafo participante intencionado, por maior que seja seu esforço em demonstrar uma pretensa imparcialidade frente aos episódios, seu testemunho não deixará de ser interpretado através de seu ponto de vista particular sendo “[...] o passado visto segundo a interpretação do fotógrafo que optou por um determinado aspecto, o qual foi objeto de manipulação, desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento técnico, até a obtenção da imagem final” (J. PAULA, 1997, p. 58).

Não devemos esquecer que, para além do olhar direcionado do fotógrafo, o historiador não pode descartar a possibilidade da falsificação da imagem fotográfica pelo fotógrafo para atingir seus objetivos. Assim, para solucionar esse problema, o historiador deve proceder ao exame de outras fontes, o que permitirá um olhar criterioso em relação à imagem, esclarecendo as possíveis dúvidas.

No evento discutido, a fotografia seria importante instrumento de comunicação de notícia. Lembremos-nos da frase, claro, posterior a esse período, mais que é pertinente ao nosso debate, “uma imagem vale mais que mil palavras”, pois “São os documentos fotográficos também insubstituível meio de informação” (KOSSOY, 2001, p.107), justamente o que os kardecistas queriam informar, tornar público tudo que ocorria de insólito na casa da família Prado. Em 1920 o alcance da imprensa escrita era limitado a determinado e restrito número de leitores, a capital paraense contava neste ano com uma população de 236.402 habitantes, sabendo ler e escrever 115.254 e não sabendo nem ler nem escrever 121.148, em um país que tinha 11,4 milhões de habitante, 64,9% da população era constituída de analfabetos.⁴⁵

A tradição oral, que ainda hoje é uma característica cultural de nosso país, encarregava-se da circulação de notícias e nada melhor para ilustrar as reuniões mediúnicas que uma imagem, pois o impacto visual da fotografia de um espírito materializado teria sido substância a mais para acirrar os debates acerca dos acontecimentos, reforçando que as fotos tiradas por Ettore Bosio vinham impressas nas primeiras páginas dos jornais. Segundo *Gaskell* (1992, p.265- 266) “Os apologistas do foto-jornalismo vão adiante, para sugerir que a informação sobre qualquer acontecimento comunicado por fotógrafo nos proporciona o conhecimento vital desse acontecimento”, denotando o poder implícito em uma imagem para comunicar algo e persuadir opiniões, podendo possibilitar ao historiador o estudo das questões sociais, religiosas, atividades políticas, econômicas e culturais, expandindo seu olhar para além das fontes escritas.

Ainda enfatizando o alcance restrito da imprensa, segundo nos informa Carlos Rocque em *História de A Província do Pará* (1978) o diário *A Província do Pará* em 1920 circulava com tiragem de 8 mil exemplares. Apenas para efeito de comparação, Marialva Barbosa em *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000* (2007) confirma

⁴⁵ BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. *Recenseamento Geral do Brasil: 1920*. Rio de Janeiro, pp.1-13, 1920. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br>, acessado 12 de fev. 2010.

que em 1920, poucos jornais cariocas conseguiam tiragens superiores a 10 mil exemplares, as exceções ficam por conta dos jornais *Correio da Manhã*, periódico de grande influência política, com 40 mil exemplares e *O Jornal*, com 35 mil exemplares, além de 25 mil assinantes. Considerando a proporção entre as duas cidades, já que o estado do Rio de Janeiro contava com uma população de 1.147.599 habitantes, a tiragem dos jornais de Belém não devia mesmo ser superior a 8 mil exemplares. O papel desempenhado pela imprensa foi fundamental para os debates envolvendo os fenômenos, pois foi justamente a imprensa que se tornou veículo cotidiano dos acontecimentos. As histórias de espíritos foram, sem dúvida, tema recorrente dos artigos publicados pelos jornais belenenses, uma vez que, para efeito de ilustração, em 1920 o diário *Folha do Norte* publicou entre fevereiro e outubro quarenta artigos cuja temática foram os fenômenos produzidos pela médium Anna Prado e o Espiritismo, sendo as imagens de espíritos materializados fator de sensacionalismo

A fotografia do habitante do além, a qual foi estampada em dois diários belenenses, deve ter importunado o barnabita. Passaram-se trinta dias, quando Dubois direcionou suas críticas diretamente aos fenômenos produzidos pela médium paraense. Explicou o Reverendo que não se posicionou antes por ter afazeres mais importantes que lhe tomavam o tempo, porém no dia 20 de junho de 1920, na *Folha do Norte*, Dubois reproduziu novamente a fotografia e em seu artigo *Retrato de sombra ou sombra de retrato?* Ironizou a imagem que lhe despertava entusiasmas gargalhadas. Duas observações importantes devem ser destacadas do longo artigo. Primeiro o Padre zomba das vestes do habitante do além-túmulo “[...] cuja a plastica, eminentemente grega embellezou, semanas idas, as columnas da imprensa e fez correr na espinha dos leitores calafrios misteriosos (FOLHA DO NORTE, 1920, p.01).” e comparou a imagem do fantasma aos espantalhos utilizados nas plantações de cereja francesas para afastar os pardais.

A lógica utilizada pelo padre é de que a fotografia era resultado de uma fraude grosseira, observando Dubois que “[...] o vulto se esconde cautelosamente atraz da medium, que lhe vela metade do corpo, como se realmente a senhora fôra fotografada numa lamina que ja trazia a fôrma do pretenso defuncto (FOLHA DO NORTE, 20.06.1920, p.01).” Nela se vê a sombra da medium mas não do desencarnado que estaria materializado, portanto o clichê teria sido alterado para produzir a suposta imagem que causara calafrios nos leitores paraenses. Dubois termina o artigo com uma

frase de Alexandre Dumas Filho: “Fico humilhado de ver que o gênio humano tem limites, e que não os tem a tolice humana.” (FOLHA DO NORTE, 20.06.1920, p.01).

Não tardou para que os assistentes se pronunciassem diante da ofensiva do representante católico. Em 21 de junho de 1920, João Alfredo de Mendonça, secretário da *Folha do Norte*, respondia ao Reverendo no artigo *Os “papalvos”⁴⁶ espíritas*, elucidando em que circunstâncias a fotografia foi produzida. Mendonça afirma que as chapas que originaram a foto foram lacradas no dia 17 de junho do corrente durante a tarde, pelo maestro Ettore Bosio, fotógrafo dos fenômenos, no “Centro Fotografico” de propriedade do professor José Girard, sendo as assinaturas dos *Chassis* do senador Virginio de Mendonça, Dr. Antônio Chermont, diretor do jornal *O Estado do Pará*, e dele João Alfredo de Mendonça, que ficou responsável pelos *chassis* até o início da sessão às 20h, tendo levado o material para a redação do jornal, sendo ele visto por várias pessoas, absolutamente lacrado, o que inviabilizaria qualquer tentativa de fraude.

Após afirmar que o Padre Dubois não tinha por hábito palestrar seriamente sobre coisas sérias, Mendonça se referia aos fenômenos de materialização, o jornalista convida o Reverendo a participar de uma das sessões levando consigo fotografos de sua inteira confiança para que não persistissem as dúvidas do Padre sobre *Retrato de sombra ou sombra de retrato?* Depois da sessão, ironiza o jornalista, Dubois fará parte da lista dos papalvos.

O articulista nos diz que os fenômenos existem, porém é algo que ele não conseguiria explicar, desconhecendo suas causas. Ao se pronunciar, afirma não ser espírita e que o Espiritismo merece dele “[...] a mesma indiferença que as missas, confissões e outros actos do mistério do reverendo (FOLHA DO NORTE, 21.06.1920, p.01).” Mendonça dava seu depoimento sobre o ocorrido. O que não admitia era serem chamados de “papalvos espíritas” os presentes à sessão “[...] recolhidos na melhor sociedade de Belém, *papalvos*, que exercem função da mais alta responsabilidade e que notabilizam, a exceção do signatario, pela cultura em várias províncias do saber humanos.” (FOLHA DO NORTE, 21.06.1920, p.01). Mendonça referencia os membros da classe médica, política e magistrados, além de comerciantes e farmacêuticos, destacando a presença do ministro japonês no Brasil Kouma Hourigoutchy.

Manifestou-se ainda contra o Padre e em defesa do casal Prado, o assumido espírita Nogueira de Faria que assim escreveu, no artigo *Ainda bem que aceitou* as

⁴⁶ Papalvo: alguém que se deixa enganar facilmente, boboca, pateta. (BUARQUE DE HOLANDA, 2009, p.1482)

seguintes afirmações: “Receba o padre Dubois, sem falsa barretada, o nosso aperto de mão, e venha, como cremos, no sincero desejo de investigar o phenomeno espirita, para desmacará-lo... se puder.” (FOLHA DO NORTE, 24.06.1920, p.01). Além de provocar o padre, Faria recomendou e exigiu respeito com a família Prado não aceitando de forma alguma que “[...] magoem aquelles que nos são caros nem gritem – é mentira – sem que examinem e observem.” Estava, desta maneira, ratificado o desafio feito ao clérigo, assim como a crença de Faria no mediunismo de Anna Prado, para Dubois o Dr. Nogueira de Faria viria a ser “[...] cavalheiro estimavel e talentoso escriptor, que apenas se excedia nos transes espiriticos.” (FOLHA DO NORTE, 30.06.1920, p.01).

O Dr. Porto de Oliveira foi outro articulista que tomara parte nas polêmicas sobre os fenômenos, depois de participar de uma das reuniões espíritas escreveu e publicou em 24 de junho de 1920 na *Folha do Norte, Carta aberta ao Sr. Padre Dubois*, na qual diz estar “[...] inclinado a acreditar na realidade dos phenomenos de materialização que assisti do que na possibilidade de truc.” (FOLHA DO NORTE, 24.06.1920, p.01). A intenção do doutor era provocar Dubois para se fazer presente a uma das sessões, sendo que este se dizia não espírita e sua presença à reunião era motivada pela curiosidade, porém saiu de lá convencido que fatos realmente extraordinários se passaram em sua presença.

Dubois de pronto aceitou o desafio, porém com algumas ressalvas que reproduzimos a seguir:

Minhas Condições

1ª – Effectuar-se-á a sessão em outro local que não seja a casa do Sr. Eurípedes Prado: por exemplo, numa casa de família, onde não haja bastidores, gabinetes, alaçapões, postigos, etc...

2ª – A sala ficará sem mobília, quadros, espelhos, cortinas, sophás: apenas cadeiras

3ª – Duas ou três senhoras revistarão a médium, de modo que não occulte, debaixo do vestuário, flores, mãos artificiaes, tubos de materias phosphorecente, tecidos finos, cabeças de espectro...

4ª – Ficará a medium num circulo formado pela assistencia de modo a ter liberdade de movimento.

5ª – Com excepção do marido nenhuma pessoa da família acompanhará a médium.

6ª – O marido sentar-se-á no meio da assistência, como expectador.

7ª – Os convidados serão metade do Sr. Euripedes Prado, metade dos meus amigos.

8ª – Interrogaremos o espirito que por ventura apparecer.

9ª – Tocál-o-emos de leve, a fim de constatar se é deste ou de outro mundo.

10^a – Levaremos photographos nossos, como o Sr. Euripedes Prado levará os seus. As chapas deverão estar nos embrulhos como vêm das casas comerciais.

11^a – Examinaremos o local antes e depois da sessão.

12^a – Pediremos a médium que evoque defunctos nossos conhecidos.

13^a – Dispensamos a execução de trechos musicaes.

14^a – Igualmente recusamos que a médium se feche na sua gaiola.

15^a – Finalmente pedimos mais de uma sessão.

Respondam, sim ou não, ao pé da letra, os cavalheiros do espiritismo, que irei ver, com muito prazer, contemplar o que nunca vi, nem verei, um defunto a falar, ou andar (A FOLHA DO NORTE, 26.06.1920, p.01).

Nas condições expostas, Dubois deixou claro que não iria se submeter aos pressupostos espíritas sem lhes mostrar um repto. Entre as várias condições, percebemos postura investigativa a fim de não deixar perguntas a serem respondidas, combatendo as supostas ações que beneficiariam o êxito das reuniões espíritas que impressionavam tanto os presentes, como a presença da mobília, a proximidade de Eurípedes Prado da médium, os expectadores formados por kardecistas, a execução de trechos musicais que favoreceriam a hipnose dos presentes fazendo-os crer nos fenômenos. A exigência da revista da médium, que não era realizada antes ou depois do término das sessões, seria elemento interessante para provar a legitimidade das reuniões e, diante da possibilidade de ser ludibriado em uma primeira sessão, o Padre pede várias, podendo assim investigar cautelosamente, concluindo o Reverendo que jamais iria sozinho ao “covil” espírita.

Entre as várias condições do Padre, a décima nos chamou atenção. Assim como Ettore Bosio garantiu a pretensa legalidade de suas fotos, cercado-se de cuidados, Dubois desejava fazer sua própria experiência com fotógrafos por ele escolhidos e outros pelo próprio Eurípedes Prado, não havendo dúvida que o interesse do Reverendo era comparar o resultado dos dois experimentos, provando a manipulação e a fraude dos *chassis* expostos no dia 20 de maio daquele ano, desacreditando os seguidores do espiritismo e Ettore Bosio. Ao testemunho das imagens seriam somadas as percepções do Padre e de seus confrades, diante da eventualidade de qualquer desatenção de sua parte, sentindo-se dessa maneira seguro.

Provavelmente o Reverendo iria alcançar seus intentos ao comparar as imagens, pois para produzir a chapa tão emblemática, Bosio reduziu a quantidade de magnésio responsável pela explosão da foto, diminuindo assim o clarão para que o excesso de luz

não viesse a ofuscar a forma materializada dos espíritos ou seu estado de formação fluídica.

A essas condições respondeu Eurípedes Prado, em carta endereçada a Nogueira de Faria e João Alfredo de Mendonça, publicada na *Folha do Norte*, em 27 de junho de 1920, sob o título de *Phenomenos espíritas*:

Li as condições sob as quaes o padre Dubois se dignará a assistir uma ou mais das sessões em se produzem os phenomenos a cuja observação me dedico.

Não disponho das modalidades do phenomeno para submetel-o a certas e detterminadas condições

Replicando proponho, por minha vez, as condições cujo critério submeto a apreciação da intelectualidade paraense.

O phenomeno será provocado dentro das modalidades habituais, pois não disponho de poder para modifica-los.

Nada de amigos, nem meus, nem do padre.

Sentar-nos-emos, eu e o padre, na fila de cadeiras destinadas a assistencia, ficando ao nosso lado oito, dez ou doze (o numero não importa) membros da Sociedade Medico-Cirurgica do Pará. Excluindo os que professarem ideias catholicas ou espíritas. Eu e o padre acceitamos previamente o laudo dessa comissão.

Entenda-se que não discuto causa do phenomeno; desejo apenas que fique verificado se ha ou não fraude.

O padre parece temer o contacto dos médicos, mas eu, que não considero os factos espirituaes uma religião, e que sou, mesmo, contrario à systemmatização religiosa, estou convencido de que os srs. Médicos ninguem pode negar a presunção de representarem uma das classes mais cultas do meio scientifico. Não argumentamos com excepções; nada de sophismas.

Quem coloca sob o gládio de homens da sciencia, não se esconde.

Repito: nada de amigos, quer meus quer do padre.

Venham os juizes esclarecidos e imparciais.

Com apreço firmo-me

De VV. SS.^a AM.^o AT.^o. Obr.^o (FOLHA DO NORTE, 27.06.1920, p.01)

A resposta de Eurípedes Prado acrescentava mais um ingrediente ao debate: a ciência. Seus partidários na visão de Prado seriam os únicos capazes de se pronunciar sem paixões religiosas ou ideológicas a respeito dos fenômenos de forma imparcial e determinante.

Antes de ser prosélito de credo religioso, Eurípedes Prado era, principalmente, um homem que buscava a ciência, observador, experimentador que acreditava ser esclarecido o suficiente para convidar os esculápios reunidos em torno da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, instituição de caráter científico, a se pronunciar. Os médicos por terem tido acesso a educação formal eram considerados por Prado homens intelectualizados e de ampla cultura, portanto, idôneos e imparciais juizes no que se

refere às questões religiosas. O laudo elaborado por esses “escolhidos” não deveria ser contestado, sendo abolido de suas explicações questões teológicas ou de atitude subjetiva, afinal tratava-se da elite científica do Estado, sendo a ciência o resultado mais importante do progresso e única capaz de produzir explicação sensata do mundo real, ou no que se refere a Anna Prado, esclarecimento do mundo invisível.

Não tardou para Dubois considerar a carta de Eurípedes Prado evasiva dos “cavalheiros do Espiritismo”, que evitavam confronto direto para não serem desmascarados. Assim respondeu Dubois:

Sr. Eurípedes Prado

O repto foi atirado a mim, não aos médicos. Ao desafiado, portanto, e não aos médicos, pertence a escolha das armas, digo, das condições. Pôde o senhor convidar quantos médicos lhe aprouver, que isto não vejo dificuldade, nem vantagem. Por segredo profissional, por discreção de cavalheiros, por desgosto de entrarem numa polemica, para não melindrarem clientes, os médicos ficarão em duvida científica, não darão laudo nenhum, abanarão a cabeça, e tudo ficará como antes no quartel de Abrantes.

Alguns médicos já deram prova de que são impressionáveis. Em taes sessões menos serve a sciencia do que o sangue. O jury, em vez de médicos, deveria ser de prestidigitadores habituados a todas as habilidades.

Não disponho, diz o senhor, das modalidades do phenomeno para submetel-lo a determinadas condições”. Minhas condições não affectam as modalidades do phenomeno. Se ha factos mediumnicos não os impedirá a mudança de casa... falta de mobília... a revista da medium... o circulo dos assistentes... o afastamento dos parentes da médium... a presença dos meus amigos... a vinda de um photografo...o exame do local... a supressão da gaiola... as perguntas a médium.

Em vez de discutir uma por uma estas condições, o senhor achou melhor repellil-as em bloco, appellando para os médicos, quando a prestímanos é que devemos recorrer. [...]

Desde alguns dias, os espíritas se sangravam na veia da saúde. Diziam que eu não devia impor condições que estorvassem a médium. Preparavam-se uma porta de sahida. Nunca acreditei que me deixassem entrar, porque o exame da photographia provou de sobejo que na sua casa, senhor, reina a fraude, uma fraude deslavada [...]

Sentar-me na sessão como simples expectador dirigindo olhares melosos ao phantasma e a boneca, é cousa. Presenciei que não me convém. Presenciei admiráveis illusionismos e nunca me foi dada a chave dos artificios do artista. A cada pergunta respondia: “É fácil, porém é preciso saber!”. Desejo muito ir ás mediumnisações, mas não quero que me impossibilitem a pesquisa. Ficar, numa cadeira, de mãos juntas, de joelhos apertados, com ares abatados, quietinho como um collegial, serviria aos planos do Sr. Eurípedes, não a minha vontade de desmascarar [...]

Não reclamei o direito de agarrar o phantasma, porque dizem os kardecistas que seria a morte da médium, e nisto tem carradas de razões. Não exigi de ficar do lado da evocadora, porque os espíritas

sustentam que seria obster aos phenomenos, e nisto tem milhares de razões.

Mostrei-me, enfim, bom rapaz,

De nada valeu. Não posso levar photografo, nem amigos. Proibidos são os médicos catholicos, por demais incultos. A sessão terá lugar na morada do Sr. Prado, porque de outro prédio não gostam as sombras, e vejo sempre toneladas de razões para esta sabia determinação[...]

Ou o Sr. Eurípedes da-me ampla liberdade de, para pegar a medium com a bocca na botija, ou lá não vou.

Se quiser, faça suas apostas.

Senão, temos conversado.

E, os espíritas ficam publicamente convencidos de fuga, de fuga immoral, de fuga vergonhosa

Tenho ditto! (FOLHA DO NORTE, 29.06.1920, p.01)

Dubois pretendeu com suas argumentações desmoralizar definitivamente os espíritas e os fenômenos por eles alardeados, no que o Reverendo chamou de “arraial do espiritismo”, enquanto Eurípedes Prado valorizou o conhecimento dos esculápios e seu pretenso olhar cientificista dando-lhes crédito para elaborar a sentença final sobre os fenômenos. Dubois considerou a classe médica desqualificada para tal tarefa. Seus saberes adquiridos nas faculdades, segundo o Sacerdote, eram importantes aos doentes, porém de nada serviriam naquela situação atípica. Como quaisquer outras pessoas eram influenciáveis, mas o fato de serem médicos não lhes dava uma couraça que os deixassem impermeabilizados de qualquer impressão externa e portanto não estavam acima de outras classes de profissionais. O Padre afirmou ainda que os esculápios não se envolveriam em polêmicas, devido a muitos interesses estarem em jogo.

Para o clérigo quem estaria habilitado a certificar como verdadeiros ou falsos os fenômenos eram os mágicos, que deveriam ser convidados a assistir as sessões, estes sim por estarem habituados aos segredos do ofício dos truques poderiam vir ajudá-lo a desmoralizar a médium. Segundo Dubois, suas exigências feitas a Eurípedes Prado não eram difíceis de serem aceitas, pois eram semelhantes às praticadas pelos cientistas europeus na observação de fenômenos mediúnicos e o Padre apesar de ser um religioso, era também um pesquisador em busca de respostas.

Ao contrariar os espíritas e assistentes em seus artigos diários, pautados na argumentação provocativa, sarcástica e depreciativa, utilizando como estratégia discursiva requintes literários que legitimariam seus textos, já que o Padre tinha por hábito fazer alusões a cientistas e estudiosos conhecidos mundialmente como Alexandre Dumas, Maestro Remy, Sócrates, Willian Marriatt, entre outros, dando voz à erudição,

Dubois cumpria seu ofício na defesa dos ideais católicos, combatendo os credos concorrentes no “mercado de bens de salvação”, em momento de reorganização institucional da Igreja Católica no Brasil. Embora essa característica do articulista tenha, até pelo caráter erudito de muitas de suas explicações, o afastado do leitor comum, o Padre procurou atingir seu objetivo maior que era desacreditar qualquer outra alternativa religiosa concorrente. Os espíritas e assistentes, por sua vez, respondiam ao Padre no mesmo tom e com tática de debate semelhante, o que comprova o círculo restrito no qual os debates foram travados.

Mas o Reverendo não tinha adversários somente no meio espírita. O Pastor da Igreja Metodista Universal, Justo H. Nelson, o parabenizou por ter desmascarado a pretensa farsa espírita com a análise da fotografia e o lançamento do desafio. O Pastor aproveitou para fazer uma sugestão ao Padre com o objetivo de elucidar outra materialização bem conhecida do ofício do reverendo:

Refiro-me á materiliazação (transubstanciação) aphenomenal de Jesus, o nazareno, que há quase dois mil annos, em Jerusalem morreu crucificado e que, em cada celebração publica da eucharistia(missa), apparece materializado em forma de bolachinha feita de farinha de trigo e água, affirmando-se ser este pão, não o retrato photographico de Jesus, mas sim Elle mesmo “tal qual Elle esta no CEO”
 Não é repto: é apenas uma suggestão amigável do vosso sincero admirador (A FOLHA DO NORTE, 03.07.1920, p.01).

A postura do Pastor metodista é reveladora para a compreensão da efervescência religiosa em Belém no início dos anos de 1920, a disputa por fiéis no competitivo mercado simbólico da salvação era acirrada, entre católicos, espíritas e evangélicos. Ao Pastor, o Padre não respondeu, o ignorou, talvez por acreditar na limitada influência de suas palavras, diferentes dos espíritas que estavam mais próximos, representando perigo maior. Contra os kardecistas continuou investindo pesadas e severas críticas polemizando através dos jornais com João Alfredo de Mendonça, Porto de Oliveira e Nogueira de Faria. Os espíritas, por sua vez, continuavam através das atividades fenomênicas de Anna Prado a propagandear o Espiritismo, fazendo sessões comemorativas da primeira aparição do João e expondo os trabalhos em parafina da médium, após a investida de Florêncio Dubois. Eurípedes Prado considerou a linguagem do Padre ofensiva e recusou-se a recebê-lo em sua casa. Para tentar dar uma resposta definitiva à polêmica em torno dos fenômenos, os médicos Renato Chaves e

Porto de Oliveira buscaram submeter a médium a uma experiência científica de caráter controlado, o resultado é o que vamos ver no próximo capítulo.

Capítulo III: Os homens de ciência desafiam fantasmas e são desafiados por “fantamas”

3.1 O cientificismo

O século XIX foi especialmente efervescente do ponto de vista ideológico. Várias teorias científicas, que contestavam as vetustas⁴⁷ explicações teológicas, filosóficas e de senso comum, assim como a tutela intelectual exercida pela Igreja Católica, foram colocadas em evidência por cientistas e pesquisadores que publicavam suas descobertas para serem avaliadas, contestando sobremaneira as escrituras sagradas, revelando que há vida no planeta existiria a muito mais tempo do que afirmavam os representantes do clero católico.

As principais correntes filosóficas de matriz científica que se destacaram neste momento foram o evolucionismo e o positivismo. Acredito que seja importante mostrar pequena análise dessas orientações filosóficas para poder problematizar a identidade dos ‘homens de ciência’ que buscaram desafiar os fantasmas submetendo a médium Anna Prado a um experimento de caráter científico.

Iniciaremos nossos debates pelo positivismo. Recebe o nome de positivismo o sistema filosófico surgido na França na década de 20 do século XIX, fundado por Auguste Comte (1798-1857). Sua filosofia teve por base “[...] *a lei dos três estados*: todas as ciências e o espírito humano como um todo desenvolvem-se através de três fases distintas: a teológica, a metafísica e positiva.” (CIVITA, 1983, p.16). Comte buscava uma explicação rigorosamente científica do mundo, rejeitando interpretações teológicas e metafísicas. O comtismo, como também é denominado o positivismo, foi marcado pela adoração à ciência e sacralização do método científico. Desse modo, de acordo com João Ribeiro Júnior (1982, p.9) o pensamento humano estaria submetido a uma lei fundamental *a Lei dos três Estados*:

[...] o estado teológico-fictício, que tem diferentes fases (fetichismo, politeísmo e monoteísmo) em que o espírito humano explica os fenômenos por meio de vontades transcendentes ou agentes sobrenaturais, o estado metafísico-abstrato, onde os fenômenos são explicados por meio de forças ou entidades ocultas e abstratas, como princípio vital, etc.; e o estado positivo-científico, no qual explicam os fenômenos, subordinando-os às leis experimentalmente demonstradas.

⁴⁷ A expressão *vetustas* é sinônimo de algo antigo, ultrapassado (BUARQUE DE HOLANDA, 2009, p. 2056)

Segundo a lei dos três estados todas as ciências e o espírito humano teriam vivenciado essas três fases distintas, hierárquica e historicamente definidas. No estado teológico a imaginação desempenharia um papel fundamental na compreensão dos fenômenos, sendo recorrente a crença em seres sobrenaturais e pessoais, o mundo torna-se compreensível apenas por meio das ideias de deuses e espíritos e, para além desses seres sobrenaturais, o homem não colocaria qualquer problema; já no estado metafísico os instrumentos utilizados pelo homem, para o entendimento do mundo, seriam as abstrações e crenças buscando soluções contemplativas para solucionar os problemas, em suma, a busca por explicações metafísicas para a compreensão do mundo já que ainda não conheciam a ciência; por fim, o estado positivo-científico representaria o término da evolução racional do homem, este estado só seria alcançado pelo método de trabalho baseado na observação e experimentação dos fatos e nas relações entre os mesmos que são estabelecidas pelo raciocínio, ou seja, o estabelecimento de conceitos e metodologia de investigação. Não interessava ao espírito humano ocupar-se da essência das coisas e sim limitar-se a sua observação e experimentação. Segundo Comte o positivismo:

[...] instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil. Nos domínios do social e do político, o estágio positivo do espírito humano marcaria a passagem do poder espiritual para as mãos dos sábios e cientistas e do poder material para o controle dos industriais. (CIVITA, 1983, p.21)

A filosofia positivista inaugura a crença no poder absoluto da razão humana como elemento para o entendimento da realidade e produção do conhecimento. Os seguidores da filosofia comtiana desejavam:

[...] estudar somente aquilo que possa ser comprovado cientificamente e que seja resultado de ações concretas e não de abstrações. Isso quer dizer, por exemplo, que para um positivista, o que interessava era resolver ou amenizar os conflitos [...]. (ALONSO, 2007apud SOUZA 2010, p.24)

Esclarece Ivan Lins no livro intitulado *História do Positivismo no Brasil* (1967) que embora as ideias de Comte estivessem associadas ao regime republicano e às figuras de Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), fundadores da Igreja e do Apostolado Positivista, em 1881, elas teriam repercutido no país ainda na segunda metade do século XIX, por volta de 1850, trazidas por brasileiros

que foram completar seus estudos na França, sendo inclusive alguns deles alunos do próprio Comte.

As teses positivistas foram ganhando espaço nas escolas politécnicas e militares, com destaque especial para a Escola Militar da Praia Vermelha, local onde o comtismo ecoava abertamente por meio “[...] de um discípulo que maior influência exerceria na propaganda de suas ideias no Brasil: Benjamin Constant Botelho de Magalhães.” (LINS, 1967, p.54). Segundo Celso Castro (1995, p.64) “Uma das características fundamental do positivismo é sua fragmentação através de muitos cismas”.

Por sua vez, o evolucionismo deve ser entendido como um conjunto de teorias gerais centradas na ideia de “[...] evolução como um caminho a ser trilhado até um ponto previamente estabelecido, o pleno desenvolvimento [...]” (STRAUSS & WAIZBORT, 1998, p. 128). Quando se pensa em evolucionismo existe uma associação imediata ao cientista inglês Charles Darwin (1809-1882) que em 1859, com a publicação *A origem das espécies* revolucionou o pensamento científico ao afirmar que a: “[...] seleção natural ou de persistência do mais capaz à preservação das diferenças e das variações individuais favoráveis à eliminação das variações nocivas.” (DARWIN, 1859/1968, p.84 *apud* SCHWARCZ, 1993, p.56). Para Darwin a evolução biológica das espécies animais ocorreria através da seleção natural que seria o mecanismo do processo evolutivo, onde apenas os seres vivos mais aptos sobreviveriam às condições postas pelo ambiente em que viviam, transformando-se continuamente com o objetivo de aperfeiçoamento e sobrevivência. As mudanças ocorridas em animais e vegetais seriam hereditárias acumulando-se em sua descendência, sendo o meio ambiente o fator determinante.

Os estudos de Darwin, que se destinavam exclusivamente às análises biológicas, não ficaram a elas restritos; suas ideias e “[...] descobrimentos científicos afetaram profundamente maneiras de viver, nenhum teve tal impacto em formas de pensar e crer... O darwinismo forneceu uma nova relação com a natureza e, aplicado a várias disciplinas sociais - antropologia, sociologia, história, teoria política e economia -, formou uma geração social-darwinista” (HOFSTADTER, 1975, p.3 *apud* SCHWARCZ, 1993, p.55). Cabe ressaltar que antes de Darwin o primeiro cientista a formular uma teoria completa sobre o mecanismo de evolução das espécies foi o francês Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, Cavaleiro de Lamarck (1744-1829), que é considerado o fundador do evolucionismo.

Entretanto, os conceitos físicos e biológicos de Darwin, como mencionado, promoveram verdadeira revolução, pondo em destaque a teoria evolucionista, sendo suas ideias transportadas à análise da sociedade. Era o *Darwinismo social*, formulado por Herbert Spencer (1820-1903) que acreditava ser possível entre os homens vigorar a lei do mais forte sobrevivendo aos mais fracos.

Segundo Spencer os homens viviam em constante competição, a qual não poderia ser cerceada por mecanismos estatais. A competitividade seria inerente à luta pela vida na qual os homens estão enganados, e qualquer tentativa de interferir nessa competição poderia alterar os resultados que seriam alcançados caso a “natureza” tivesse sido respeitada. (VELA, 1947 *apud* SOUZA, 2010, p. 27-28)

Argumenta o cientista que a seleção natural colocaria em lados opostos da sociedade os mais fracos e os mais fortes, os ricos contra os pobres em luta brutal pela sobrevivência, por meio desse processo a sociedade purgaria os indivíduos inaptos, selecionando os melhores, os mais úteis, fazendo com que a humanidade atingisse o pleno desenvolvimento, representando a passagem do estágio inferior ao superior. Com Spencer a lei do mais forte passou a ser aplicada às estruturas sociais.

O *Darwinismo social* foi amplamente utilizado no século XIX como justificativa ideológica para subjugar os povos africanos e asiáticos, que na ótica dos europeus por estarem “[...] organizadas sob princípios tais como o politeísmo, a poligamia, formas de poder tradicionais, castas sociais sem qualquer tipo de mobilidade, economia agrária de subsistência, em sua grande maioria, ou voltada para o pequeno comércio local e artesanato doméstico.” (COSTA, 1997, p.48) viveriam em estágio inferior de evolução, inclusive considerando que as nações europeias como Alemanha, França, Holanda, Inglaterra e Itália, que experimentavam o pleno desenvolvimento de suas forças produtivas através de suas indústrias, que demandavam mercados consumidores de seus produtos industrializados e fornecedores de mão de obra e matérias primas de baixíssimo custo, deveriam ‘ajudar’ essas sociedades ‘tradicionais’ e ‘atrasadas’, desta maneira os europeus ‘abraçavam’ a “Missão Civilizadora” de levar a esses povos conquistados o desenvolvimento pleno representado pelos valores da sociedade capitalista burguesa, ocultando a violência do processo de colonização desses povos.

Na virada do século XIX para o XX, foram o Darwinismo e o Darwinismo social as teorias evolucionistas que exerceram profunda influência nos meios científicos. Spencer ainda se pronunciou sobre a questão racial “[...] dizendo a existirem raças mais

aptas ao desenvolvimento que outras.” (SPENCER, 1908, p. 225 *apud* SOUZA, 2010, p.28) explicando o incremento desigual entre as sociedades.

Segundo Celso Castro (1995, p.72) “No Brasil as novas doutrinas científicas de matriz evolucionistas começaram a ser introduzidas na década de 1870, e na década de 1880 foram ganhando espaço [...]” influenciando profundamente os intelectuais brasileiros, entre eles Euclídes da Cunha (1866-1909) que em sua obra clássica *Os sertões* (1902) utiliza fartamente os conceitos spencerianos para justificar a vitória dos sertanejos nas três primeiras ofensivas das expedições militares ao arraial de Canudos (SOUZA, 2010, p.29).

Decerto, as diferenças entre positivismo e as doutrinas científicas de matriz evolucionistas são abismais, porém elas inauguraram no Brasil o culto à ciência, à razão e ao progresso, revelando um ambiente intelectual diversificado vivenciado principalmente pelas elites letradas urbanas que se opunham às explicações metafísicas e religiosas de origem católica.

Não é mera intuição que foram esses princípios científicos que influenciaram parte da elite letrada de Belém, suas posturas diante dos fenômenos mediúnicos me permite aproximá-los das ideias sistematizadas por Comte, pois sempre foi reservada a ele e não a outros cientistas “[...] a nobre posição de uma espécie de “pai fundador” do culto a ciência [...]” (CASTRO, 1995, p.72). O positivismo se tornou ferramenta de compreensão dos fatos que “[...] pretendia enfeixar no seu sólido sistema todas as realidades inorgânicas, orgânicas e superorgânicas (sociais), na esteira do mestre Auguste Comte.” (BOSI, 2005, p.158). Acredito que foram esses os motivos que levaram os escúlipos paraenses Porto de Oliveira⁴⁸, Ferreira Lemos e Renato Chaves, a submeter Anna Prado a uma experiência científica da qual buscariam ter total controle. A iniciativa foi compartilhada pelos também médicos José Teixeira Matta Barcellar⁴⁹ e Virgílio de Mendonça⁵⁰, além dos jornalistas Eustáquio de Azevedo e João Alfredo de Mendonça.

Até aquele momento havia três correntes de pensamento que tentavam dar uma explicação aos prodígios mediúnicos de Anna Prado: (a) a católica, que contestava as práticas kardecistas da família Prado, taxando-as de fraudulentas, sendo seu representante o Padre Florêncio Dubois; (b) a espírita, que defendia a autenticidade dos

⁴⁸ Médico especialista em moléstias nervosas atribuía a origem dos fenômenos causa hipnótica (FARIA, 2002, p.32)

⁴⁹ Médico homeopata e adepto do kardecismo (Idem, Ibidem, p. 34)

⁵⁰ Clínico e Senador do Estado (Idem, op. cit., p.35)

fenômenos e sua origem além-túmulo, sendo Nogueira de Faria, João e Apolinário Moreira os principais articulistas, os quais se manifestaram ratificando a veracidade das manifestações nos jornais de Belém, assumindo suas convicções espíritas publicamente; e finalmente chama atenção para o caso em estudo a terceira corrente, (c) que denominamos científica, defendida pelos que acreditavam na veracidade dos fenômenos, mas atribuíam a sua gênese a uma causa hipnótica ou desconhecida, sendo seus defensores os médicos Renato Chaves, Diógenes Ferreira Lemos e Antônio Porto de Oliveira. Os esculápios admitiram em suas ações e posicionamentos que eram tributários da atmosfera científicista que fazia parte do cotidiano das elites letradas urbanas.

O Dr. Antônio Porto de Oliveira, antes de fazer parte do ensaio científico participou de uma das sessões e seu relato está presente no artigo *O que vimos; o que pensamos* publicado no dia 28 de junho de 1920 no jornal *Folha do Norte*, onde Porto de Oliveira já revela atitude céptica e investigativa narrando sua curiosidade em assistir a sessão, assim como seu exame anterior do espaço em que iria ser realizada a reunião, nada constatando, após assistir a materialização do primeiro espírito, o de uma criança que fez a seus olhos moldes de um braço em parafina. Tendo a seu lado o também médico Jaime Aben-Athar, Porto de Oliveira inquiriu o amigo com olhar desconfiado, questionando-lhe de que forma a médium os teria ludibriado, não encontrando resposta, permaneceu na dúvida.

O segundo fantasma vestia “[...] um leve roupão branco: cabellos soltos, esbelto, alto, com formas perfeitas de mulher, destacando-se nitidamente o rosado da pelle do branco do roupão.” (FOLHA DO NORTE, 28.06.1920, p.01). Após essa materialização entendeu o médico que ali se manifestavam forças ainda desconhecidas e para dominá-las era necessário impor condições para melhor controle das manifestações; Porto de Oliveira considerava as exigências do Padre Dubois, para se fazer presente às reuniões, inteiramente naturais louvando a iniciativa, porém esclarecia a todos que tinha orientação diferente daquela do religioso, pois Oliveira não negava os fenômenos, como o Padre, mas sugeria um exame mais detido, manifesto no procedimento de ter “[...] a mão uma pera ligada a uma lampada e podermos fechar o circulo no momento da aparição.” (FOLHA DO NORTE, 28.06.1920, p.01) Desta forma, o médico desejava encurralar o fantasma que não poderia fugir e assim agarrá-lo, desejava ainda a ausência de penumbra cinematográfica, queria luz acesa, argumentando que a médium não iria sofrer qualquer dano como protestava Eurípedes

Prado, pois a mesma já havia se submetido a luz do magnésio muito mais intensa, portanto ficou a sugestão do Dr. Porto de Oliveira. Este faz outra revelação interessante quando se refere à Anna Prado que descreve como “[...] senhora de virtudes excelsas, mas de nervosismo accentuado” (FOLHA DO NORTE, 28.06.1920, p.01), seu descontrole emocional teria o ponto relevante para o sucesso ou não das experimentações abaixo relatadas.

Para resolver o embate religioso-científico, analisando a anormalidade dos fenômenos, entraram em cena os investigadores, representados pelos médicos que mais de perto se interessaram pelas sessões mediúnicas e em muitas delas se fizeram presentes. Faria (2002, p.30) enumera de memória alguns desses assistentes mais assíduos às reuniões. Dos 43 lembrados, 14 eram médicos, e estes pretendiam, através de experimento científico cercado de rigor e fiscalização, adquirir uma “prova” contundente que por fim negasse ou confirmasse a existência de espíritos, já que as fotos e os moldes de parafinas não eram suficientes para serenar todas as dúvidas que envolviam os fenômenos, os esculápios sugeriram, como exame categórica, a coleta de uma impressão datiloscópica⁵¹ de um espírito materializado, este seria o espírito de João que se manifestava com regularidade durante as reuniões espíritas. Após a coleta das impressões digitais do espírito, o que seria tarefa no mínimo incomum, estas seriam levadas para comparação com as do falecido pelo Dr. Renato Chaves, chefe do Gabinete de Identificação, desta forma os experimentadores esperavam solucionar as polêmicas e os debates acirrados que envolveram os fenômenos. Como antes mencionado, a tarefa seria insólita, mas não impossível, pois o João havia dado inúmeras vezes demonstração de sua colaboração nas reuniões mediúnicas, moldando flores e membros em parafina, conversando com a assistência, pedindo valsas, entre outras atividades.

Ora, se o João havia se mostrado tão bem disposto para produzir moldes em parafina, mergulhando sua mão materializada em um balde de cera fervente, e frequentemente realizando inúmeros fenômenos, muito menos lhe custaria produzir impressões digitais, saciando a sede dos esculápios e pondo fim a longo período de debates ora raivosos, ora apaixonados, que povoavam os diários matutinos belenenses.

Apesar dos médicos não se cognominarem positivistas, o rigor científico que envolveu o desenvolvimento da experiência nos permite relacioná-los à matriz

⁵¹ Identificação através impressões digitais.

comtiana. Os esculápios estavam repletos de indagações a serem respondidas. Para os médicos a ciência seria o instrumento de compreensão do mundo e o conhecimento científico o único legítimo, sendo os esculápios seus mais autênticos representantes.

3.2 A experiência

O ensaio científico foi marcado para 20 de agosto de 1920 e os preparativos desenvolviam-se com todo o empenho dos experimentadores e do próprio Eurípedes Prado que parecia muito à vontade na presença dos facultativos⁵². O Sr. Prado com eles foi muito solícito, atendendo todos os pedidos, inclusive o dar liberdade total para os médicos selecionarem a assistência, muito diferente foi seu comportamento em relação às reivindicações do Padre Dubois, que eram bem menos exigentes. Eurípedes Prado também se identificava com essa atmosfera científicista, a evocação de espíritos pela família foi motivada por seus interesses investigativos, muito provavelmente foi ele que introduziu os baldes de parafina para adquirir moldagem em cera à semelhança dos procedimentos adotados pelo Dr. Gustave Geley no Instituto de Metapsíquica de Paris, durante experimentos com a manifestação de espíritos. (DOYLE, 2010, p.240-241)

Os encarregados da tarefa de colher as impressões digitais do espírito foram o médico Renato Chaves juntamente com o pessoal da repartição de identificação, que procederiam à coleta, objetivando a verossimilhança e o êxito da experiência. Os doutores Chaves e Ferreira Lemos buscavam:

[...] tonar mais rigorosas as provas para a conclusão absoluta, e, assim mandaram construir uma gaiola de ferro dentro da qual sera fechada a médium por ocasião dos trabalhos de materialização [...] a gaiola foi mandada construir por Ferreira Lemos. (O ESTADO DO PARÁ, 04.08.1920, p.01)

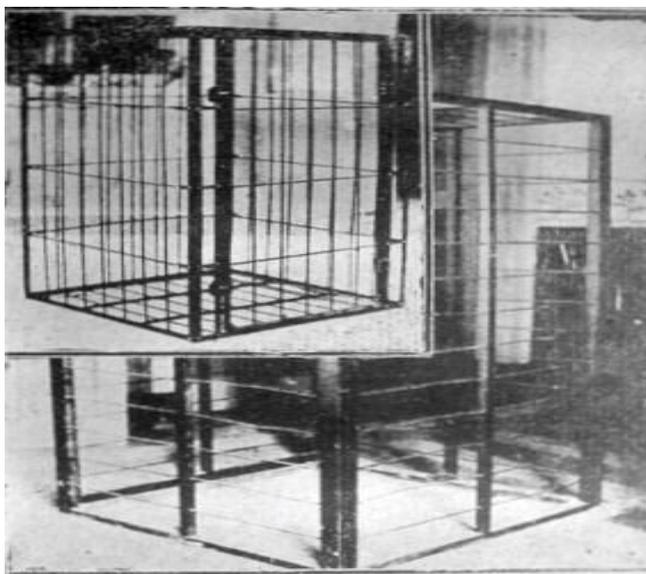
A construção da gaiola foi o elemento aplicado pelos experimentadores com vistas a controlar a experiência, seria a forma encontrada para evitar qualquer espécie de comunicação entre a médium, a assistência e/ou membros de sua família que alguns acreditavam, a exemplo de Dubois, auxiliar Anna Prado na farsa, ou seja, isolando a médium os esculápios já diminuiriam parcialmente a eventualidade do engodo. Embora a gaiola e o isolamento já viesse ocorrendo, os investigadores não se satisfizeram. Observem na fotografia 10 abaixo que a grade já usada nas sessões não tinha isolamento

⁵² Aquele que exerce a medicina (BUARQUE DE HOLANDA, 2009, p. 866)

em seu fundo e sendo o processo de materialização iniciado dentro da gaiola, a forma fluídica atravessava a grade para em seguida graciosamente locomover-se no salão falando com aqueles que testemunhavam as reuniões e realizando os demais fenômenos. Esse encaminhamento abria precedentes para desconfianças, incrédulos dos fenômenos davam por certo a existência de alçapões por debaixo do assoalho dos quais brotavam pretensos espíritos ao lado da intercessora do mundo dos mortos. Com a construção da nova gaiola toda de ferro com isolamento ao fundo, os observadores desterravam o eventual proveito de portas feitas no assoalho.

O diário *Folha do Norte* estampava em sua primeira página no dia 06 de agosto de 1920, a fotografia de dois gabinetes mediúnicos com o título *Phenomenos Espiritas*, que acompanhado de pequeno informativo elucidava que a grade maior da imagem já era utilizada nas reuniões durante algum tempo, construída em arame de ferro e cantoneiras de madeira, já o que se encontra no alto da foto foi mandado produzir pelo Dr. Ferreira de Lemos, esta muito mais segura toda em ferro, onde a médium seria encerrada para a realização da experiência.

Fotografia 9 – Grade onde a médium seria encerrada por ocasião da experiência (FOLHA DO NORTE, 06.08.1920, p.01)



Finalmente havia chegado o dia da propagandeada experiência e os preparativos para garantir o resultado positivo começaram com a construção da grade e tiveram prosseguimento com o Dr. Renato Chaves, que muito cuidadoso, transportou com o

peçoal da repartição de identificação todo o material necessário para a coleta das provas datiloscópicas, assim como decorreu a autenticação das papeletas, onde seriam implantadas as impressões digitais de todos os presentes, por Eurípedes Prado, Porto de Oliveira e Auzier Bentes, nomeando o mesmo esculápio outra comissão para assistir o lacramento das portas (O ESTADO DO PARÁ, 21.08.1920, p.01), o que deixa transparecer a preocupação com o rigor científico experimentado naquela noite. Por outro lado, a médium, que concordou muito contrariada participar do experimento e, apesar de seus protestos, procederam os encaminhamentos:

[...] As 7 horas da noite davam entrada na residencia, do senhor Prado dr. Renato Chaves [...]

Em seguida chegava o dr. Ferreira Lemos conductor da grade.

A Sra. Anna Prado demonstrava estar presa de grande emoção nervosa [...]

Foi collocada em seguida, num canto da sala um biombo de fazenda preta dentro desta grade.

Isto feito, foi evacuada a sala, entrando, em seguida um a um, cada qual entregando ao dr. Renato Chaves as impressões digitaes, que haviam tirado. Essas papeletas foram lacradas em envelope.

A Sra. Prado e seu marido sentaram-se a mezinha afastada e ahi conversaram um em frente, por tres minutos, mais ou menos. Em seguida levantou-se ella, soluçando e demonstrando excitação nervosa e aproximou-se da porta da grade. Antes de entrar, entre soluções proferiu:

- Esta é a ultima grade que entro [...]

Approximou-se então o dr. Porto de Oliveira e trancou os cadeados de campainha, em número de dois.

Apagaram-se as luzes, a mando do Sr. Prado

Penumbra. Expectativa. 10 minutos de espera e ouve-se o soluço da médium.

Dentro da grade começa a se formar uma pequena mancha branca, vai se desenvolvendo pouco a pouco, aumentando e diminuindo [...] o vulto não tinha forma definida [...] demoraram seguramente 20 minutos essas tentativas [...] de vez em quando escuta-se o soluço da Sra.Prado [...]

Com relativa rapidez a forma branca foi desaparecendo e logo ouviu-se o bater nervoso da Sra.Prado [...]

– Quero sair [...] (O ESTADO DO PARÁ, 21.08.1920, p.01)

Construção de nova grade fortificada, autorização e consentimento de Eurípedes Prado, que também se identificava com a atmosfera cientificista, preparativos cuidadosos, rigorosa fiscalização, nada dessas atitudes foram suficientes para garantir o sucesso do empreendimento. Apesar de todas as precauções tomadas pelos experimentadores, eles não se derem conta do elemento mais importante para o sucesso de seu intento que era a figura de Anna Prado. Segundo Nogueira de Faria (2002, p.147), a médium encontrava-se desgastada fisicamente e com a saúde debilitada pelas várias materializações que supostamente produzia diariamente, além de outros

fenômenos de efeitos físicos, somados a essa situação a família Prado vinha sofrendo moralmente com os ataques dos artigos do Padre Florêncio Dubois, explicava o confesso kardecista Nogueira de Faria justificando o fracasso da experimentação.

No dia 22 de agosto de 1920, um representante do jornal *O Estado do Pará* procurou um dos médicos experimentadores para se pronunciar a respeito do resultado negativo da noite anterior. Renato Chaves preferiu o silêncio, enquanto que Ferreira Lemos concluiu que se tratava de:

[...] um caso mellindroso esse em que se teria talvez commetter uma imprudencia expondo commentarios desairosos o nome de uma senhora. Nada posso referir quanto a autenticidade dos fenômenos, porque se não realizaram as experiencias projectadas, fôram nullas as pesquisas. E' inoportuno cuidar do assunto com prioridade sem incorrer num grave erro, por isso julgo acertado aguardar occasião propicia as observações que se pretende affetuar e a consequente critica insofismavel, então, a luz dos factos.

A verdade, porém é que o caso de materialização é anormal. (O ESTADO DO PARÁ, 22.08.1920, p. 01)

Percebemos no posicionamento do Dr. Ferreira Lemos, com mais clareza, o ideário positivista dialogando com a sociedade paraense da época e com os fenômenos supostamente produzidos por Anna Prado, quando diz o médico que, sem as necessárias observações e experimentações, não haveria pronunciamento científico. Contudo, embora o mesmo admita a anormalidade dos fatos, em nenhum momento na fala dos experimentadores esteve presente a postura de acusação de fraude, ao contrário, os ‘homens de ciência’ mantinham uma postura racional em seus comportamentos e falas.

Não satisfeito com o resultado negativo da alardeada experimentação, Nogueira de Faria narra no capítulo XXI de seu livro *O trabalho dos Mortos* (2002, p.149-155) seu empenho em vir a público ratificando a autenticidade dos fenômenos. Dias após o fracassado ensaio Faria procurou o médico legista Renato Chaves e lhe entregou para análise duas fichas, uma contendo as impressões digitais do espírito de João e outra as impressões da médium obtidas em uma das sessões preparatórias para a experiência, o resultado da avaliação é narrado pelo próprio médico avaliador Renato Chaves e suas palavras foram reproduzidas por Faria, ele diz: “[...] cheguei a conclusão que a ficha deixada pelo “fantasma”, naquela ocasião, é inteiramente idêntica à da médium, isto é, ambas são, não há que duvidar, procedentes das mesmas mãos.” (FARIA, 2002, p. 149).

Figura 10- Impressões digitais de Anna Prado (FARIA, 2002, p.151)

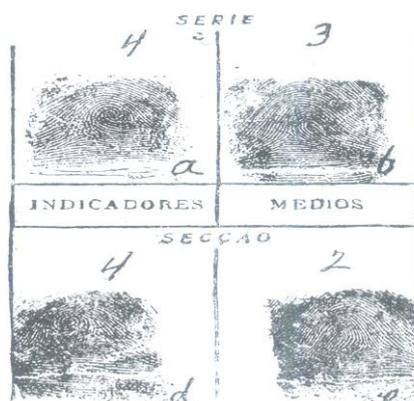
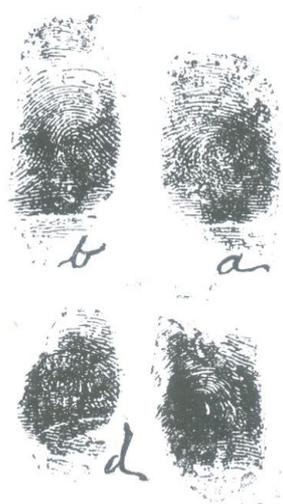


Figura 11- Impressões digitais dos dedos do Fantasma (FARIA, 2002, p.152)



As conclusões do esculápio foram publicadas na imprensa de Belém, muito provavelmente no jornal *Imparcial*, o qual não tivemos acesso e que Faria reproduz em seu livro. Esclarecemos, contudo, que Nogueira de Faria em todos os artigos reproduzidos em seu trabalho foi inteiramente fiel às palavras dos articulistas dos jornais. Finaliza Chaves:

[...] afastada a possibilidade inverossímil de fraude consciente e premeditada da médium, o fato poderá, talvez, encontrar solução nos problemas menos complexos e mais naturais do hipnotismo.

E fica assim encerrada a minha missão. (FARIA, 2002, p. 150)

Mais uma vez a atitude de um homem de ciência procura ser cautelosa. Chaves não acusa em nenhum momento os kardecistas de charlatões ou a família Prado de promotora de engodos, muito pelo contrário, ao aceitar realizar a experiência

Eurípedes Prado teria dado testemunho de boa fé e confiança, Chaves não os ofende, apenas apresenta suas conclusões à luz da ciência de forma educada e não agressiva, deixando para os leitores tirarem suas conclusões. Em se tratando das materializações à semelhança de Ferreira Lemos e Porto de Oliveira, Chaves estava convencido da hipótese hipnótica.

Para contestar as conclusões a que chegou Renato Chaves, Nogueira de Faria e Apolinário Moreira⁵³, espíritas convictos, apresentam duas explicações. Primeiro Faria diz ter se enganado e levado para o doutor Chaves duas fichas da médium no lugar da do fantasma, explicação natural, poderia tratar-se de um engano.

Apolinário Moreira aponta, baseado na obra *Animismo e Espiritismo* (1890) de Alexandre Aksakof, a existência de dois tipos de fenômenos espíritas: (a) o *animismo* que consistiria no desdobramento do próprio espírito da médium, ou seja, um espírito duplo da médium, o que já comprovaria a existência da imortalidade da alma e (b) os fenômenos espíritas que consistiriam na manifestação de habitantes de outro mundo demonstrando irrefutável independência, sendo o médium seu veículo de comunicação com o mundo dos vivos. Moreira afirma ser fácil estabelecer nas sessões da Sra. Prado essa diferença. Ora, se os fenômenos *animistas* estariam acontecendo na casa dos Prado nada mais comum do que a impressão da médium no lugar da do fantasma, o que explicaria as conclusões de Renato Chaves, que decerto nada abalariam a fé no espiritismo. (FARIA, 2002, 157-158)

Os experimentadores paraenses, assim como os antagonistas espíritas assumiam postura semelhante à desenvolvida na Europa, desde o século XIX, especialmente na Inglaterra, por um respeitado grupo de cientistas reunidos em torno da Sociedade de Pesquisas Psíquicas fundada em 1882, que lançou sobre as manifestações mediúnicas um olhar muito mais investigador que religioso, submetendo os chamados médiuns a exaustivas experiências as quais posteriormente eram partilhadas com outros cientistas. Longe da postura condenadora da Igreja Católica, os ensaios com médiuns se proliferaram em solo inglês, embora como afirma Conan Doyle⁵⁴, autor de *História do Espiritismo* (1926), a respeitável sociedade científica que tinha em seus quadros estudiosos como sir William Crookes, Charles Richet, William Barrett, Gustave Geley, Edmund Gurney, entre outros tenha cometido:

⁵³ Diretor em 1920 da Fazenda Pública e deputado estadual. (FARIA, 2002, p. 156)

⁵⁴ Sir Arthur Conan Doyle foi criador do famoso personagem Sherlock Homes e de novelas policiais. É um dos autores mais lidos da literatura universal moderna inglesa. Doyle se converteu ao espiritismo em 1887, tornando-se um dos seus maiores propagandistas (FILHO *apud* DOYLE, 2010, pp. 21-28)

[...] um erro capital ao assumir um certo ar carrancudo contra o Espiritismo, o que teve como efeito alienar em certo número de homens que poderiam ser valiosos e seu conselho e, acima de tudo, de ofender àqueles médiuns, sem cujo a boa vontade e cooperação, o trabalho da sociedade não se teria fanado. (DOYLE, 2010, p.313)

A vivência da Sociedade de Pesquisas Psíquicas inglesa mostra que os médiuns passavam por longos períodos de investigação, por exemplo, Willian Crookes estudioso de manifestações mediúnicas, investigou-as por três anos para depois se pronunciar na obra *Notes of an Enquiry into the Phenomena called Spiritual during the Years 1870-1873* (Notas de uma Investigação sobre os Fenômenos Denominados Espíritas durante os Anos de 1870 a 1872) de 1874, o que mostra que não seria em única sessão que se dissipariam as dúvidas ou coletariam provas, por vezes as expectativas não eram correspondidas.

Voltemos ao Padre Dubois. Ele foi atento a essa questão e pediu mais de uma sessão para investigar o fenômeno; os esculápios por sua vez estavam bem mais preocupados com o aparato material da experiência e a exibição na imprensa do que com a necessidade de um maior número de sessões para a realização das devidas investigações e posteriores pronunciamentos.

Depois da malfada reunião do dia 20 de agosto de 1920, a ‘médium’ Anna Prado não se submeteu a nenhuma outra experiência de cunho científico, embora continuasse a produzir os fenômenos até de volta de 1921, quando as notícias sobre as reuniões na casa dos Prado passam a escassear nos jornais paraenses, por sua vez os esculápios não insistiram e o objetivo dos experimentadores não foi alcançados, e hoje 92 anos passados do evento amplamente noticiado que envolveu a médium Anna Prado:

A ciência ainda avalia os fenômenos de ectoplasmia (materialização) sob desconfiança. Como todo fenômeno Psi-Theta, não pode ser controlado de acordo com as diretrizes e vontade do pesquisador. Essa fenomenologia, em que os agentes Psi-Theta (espíritos) participam, é quase sempre fugaz, de difícil abordagem e controle se desenvolvem em dimensão diversa daquela que a metodologia científica pode avaliar e controlar. (ANDREA, 1990, p.196)

A intenção dos experimentadores foi dissipar toda a atmosfera de mistério que rondava a médium, não conseguiram. Mesmo atualmente, com todos os avanços tecnológico-científicos, não é possível submeter às pretensas materializações a métodos rigorosamente controlados e as dúvidas persistem, porém o relacionamento da médium

Anna Prado com o corpo médico-científico não se limitou a mentalidade positivista, estendendo-se para um campo muito mais delicado e não menos conflituoso: o da prática ilegal da medicina.

3.3 Os fantasmas desafiam os ‘homens de ciência’: a médium Anna Prado e as práticas de cura

Além da infinidade de fenômenos produzidos pela médium Anna Prado esta, também realizava sessões de cura através de operações mediúnicas. As duas primeiras que se tem conhecimento foram noticiadas pelo *Jornal do Comércio*, de Manaus, sendo o artigo publicado em Belém pelo diário *A Província do Pará*. Segundo os jornais os ‘espíritos materializados’ conduziram os trabalhos na cidade de Parintins em junho de 1921, onde a médium e sua família se dirigiram a passeio com objetivo de visitar parentes, pois como já foi mencionado Anna Prado era amazonense. Apesar de a família Prado estar longe de seu domicílio, a sessão mediúnica em Parintins seguiu o comportamento rotineiro, conquanto em Parintins essa reunião apresentasse um diferencial, pois a médium iria realizar uma sessão de cura, prática incomum nas reuniões espíritas em Belém. O Sr. Alexandre Carvalho Leal, advogado residente em Parintins e a Sra. Nicota Prado, prima da médium, manifestaram o desejo de serem medicados pelos espíritos aproveitando a estada do casal na cidade amazonense. A seguir vou resumir alguns trechos da extensa reportagem publicada no jornal *A Província do Pará*:

No dia dezesete deste mês o Sr. Eurípedes Prado realizou em sua casa uma sessão espírita, com o fim demonstrar às pessoas em evidencia na sociedade parintinense que é um facto a revelação dos espíritos e a proficiencia da cura de certas moléstias que affectam a vida da humanidade. (A PROVINCIA DO PARÁ, 10.06.1921, p.01)

O Sr. Alexandre Carvalho Leal há muito sofria com incômodos na garganta e sem encontrar cura para seu pesar resolveu recorrer à intercessão dos espíritos. A Sra. Nicota Prado, por sua vez, desejava ser operada de um abscesso na boca. Assim, os dois ‘pacientes’ não seriam operados pela médium e sim por espíritos materializados que, através de Anna Prado, executariam as práticas de cura. Antes de iniciada a sessão foram selecionados objetos que os ‘espíritos materializados’ precisariam no momento das cirurgias, e depois foram colocados em “[...] uma pequena

mesa com flores, pastas de algodão, pires, tímpanos e outros apetrechos.” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 10.06.1921, p.01). Seguindo os ritos das reuniões espíritas dos Prado, os habitantes do além túmulo, supostamente, materializavam-se na frente da assistência. Em Parintins, para perplexidade geral, o espírito que se manifestou essa noite, além do espírito do João, identificou-se como médico e logo exerceu seus “ofícios profissionais” a:

[...] “médium” fez um gesto com a mão para o Dr. Leal, que, ato contínuo, tomou assento numa cadeira isolada, a três passos da mesa. Nesse momento o espírito, que se dizia de um médico, tirou a pasta de algodão da mesa, aproximou-se do Dr. Leal e o medicou por espaço de alguns minutos dando repetidas fricções no pescoço. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 10.06.1921, p.01).

Logo após a primeira ‘intervenção cirúrgica’ o espírito do médico continuou suas atividades naquela noite e dirigiu-se a Sra. Nicota Prado.

[...] Ai no decurso de quarenta e cinco minutos, praticou a operação, ouvindo-se nesse intervalo como que um rumor de pinças a tocar nos dentes da operada. De vez quando. D. Nicota Prado soltava gemidos abafados, mas sempre imóvel a hirta como uma pessoa atacada por catalepsia. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 10.06.1921, p.01)

Terminada a sessão, Anna Prado acordou do transe mediúnico. Passaram-se dias e dizia à missiva que os dois ‘pacientes’ melhoraram sensivelmente.

A outra operação mediúnica que se tem conhecimento foi realizada por Anna Prado em Belém e é relatada pelo nosso interlocutor Raymundo Nogueira de Faria, no livro *A Renascença da alma* (1924, pp. 107-111), fruto do depoimento de um dos assistentes, o médico José Teixeira Matta Bacellar, que se fez presente a casa da família Prado no dia 7 de outubro de 1922 e lá afirma ter visto o garoto de 11 anos, João Andrade, ser operado por ‘cirurgião do espaço’. João Andrade estava doente, sofria com “[...] um tumor do tamanho de um ovo regular localizado na axila esquerda”. (FARIA, 1924, p.108). Às 9 horas teve início a sessão e dentro de meia hora materializaram-se dois vultos, um logo reconhecido, era o de João, e o outro desconhecido, este fantasma incógnito foi logo examinar o enfermo, aproximou-se do menino que estava sentado em uma cadeira próximo aos assistentes e começou a operá-lo, daí decorridos meia hora deu por terminada a cirurgia, apesar da pouca luz afirma Matta Bacellar puderam os presentes distinguir muito bem os dois habitantes do mundo invisível. Eis o que disse pela boca da médium o ‘cirurgião do espaço’: “[...] que não dilatou mais largamente o

tumor para não fazer sofrer o menino, mas que a dilatação feita era o bastante para cura rápida; e que o doente não mais sentiria as dores que o importunavam.” (FARIA, 1924, p. 110).

Após o fim da operação aproximou-se Matta Bacelar do menino e constatou:

[...] com grande admiração, verifiquei que na mão do paciente havia um pano com sangue e puz, ao tempo que os presente se aproximavam e notavam a abertura do tumor por onde escorria puz e sangue!
Indaguei o menino se sentira dor forte. E a resposta que me deu foi que: “emquanto estavam furando o tumor sentiu uma dôr, mas não muito forte”, o que esta de accordo com o facto de nenhum dos presentes te-lo ouvido gemer durante essa meia hora. (FARIA, 1924, p.111).

Terminada a sessão o ‘cirurgião do espaço’ foi embora depois de ter ‘curado’ o ‘paciente’ João Andrade. No restante do livro não existem relatos sobre o estado de saúde do garoto após a cirurgia, o que ficou claro é que o fantasma operador desta vez não se identificou como médico, pois diferente do que aconteceu em Parintins, simplesmente materializou-se, realizou a intervenção acompanhado de perto pelo fantasma de João e depois esclareceu o procedimento realizado através da médium, encerrando a sessão.

As três cirurgias de caráter mediúnico, possivelmente realizadas por Anna Prado, deram-se em momento delicado. A ciência médica lutava contra curandeiros e espíritas para solidificar sua posição enquanto a única qualificada para curar e avaliar as doenças do corpo. Já durante o século XIX, por todo o país os conflitos entre as práticas de curas não oficiais e a medicina intensificaram-se e no início do século XX não era diferente:

A medicina, apesar da autoridade que detinha, apresentava baixo poder de resolubilidade. A concorrência com outras práticas de cura, não reconhecidas pela ciência da época, era grande. Por trás da imagem, do lado de fora daquele ambiente, é possível imaginar que médiuns, espíritas, bruxas, curandeiros, herbanários e todos os praticantes de outras formas de cura aguardavam o momento da convocação. (PEREIRA NETO, 2001, pp. 20-1)

Percebi ao longo dos estudos que a médium teve noticiada as supostas cirurgias que aconteceram Parintins, porém a ocorrida em Belém não foi divulgada na imprensa, sendo conhecida do público só após sua morte. A reunião na capital foi bem mais discreta e contou apenas com 12 assistentes, incluindo a médium e seu esposo, possivelmente a família Prado tinha conhecimento que as práticas de cura não oficiais em Belém eram tratadas neste momento como caso de polícia:

A pajelança sempre esteve, até onde as nossas vistas alcançam entre a perseguição policial e dos órgãos governamentais de promoção das políticas sanitárias e a enorme presença e atuação entre os mais diferentes grupos sociais. Nas primeiras décadas do século XX, a perseguição policial foi bastante intensa, com estabelecimento de constantes diligências policiais nas moradas dos pajés e casas de “feitiçaria”, muitas vezes nas regiões centrais da cidade, nas proximidades de respeitadas e civilizadas residências de eminentes políticos e comerciantes enriquecidos nos tempos da borracha. (FIGUEIREDO, 2003, pp. 277-8)

Além das perseguições policiais a lei penal não era branda com quem ousasse praticar a medicina ilegalmente:

O Código Penal de 1890 [...] condenava a prisão de seis meses até um ano quem “ministrasse ou prescrevesse uma substância de qualquer dos reinos da natureza”. Se a prescrição resultasse em morte do paciente, o curandeiro seria condenado a uma pena que poderia chegar a 24 anos de prisão” (PEREIRA NETO, 2001, p.90)

Após a publicação dos fenômenos na imprensa, a família Prado ficou exposta a críticas ferrenhas de seus opositores. Os Prado não desejavam uma diligência policial à sua porta sob acusação de exercício ilegal da medicina, o que provavelmente teria motivado a realização de uma sessão mediúnicamente com práticas de cura em Parintins, uma cidade do interior da Amazônia, bem distante do olhar atencioso da capital e outra sessão de cura realizada em Belém de forma bastante restrita e provavelmente sigilosa, contando com a presença de apenas 12 assistentes, quando a média normal ficava entre 25 a 30 expectadores.

A procura por curandeiros, pajés, sonâmbulos, feiticeiros, homeopatas, benzedeiros, parteiras, barbeiros sangradores e espíritas, no lugar de médicos, era atitude corriqueira entre a população, motivada por vários fatores entre os quais se destacam: a falta de médicos profissionais cujo número era muito reduzido nas capitais e quase inexistentes no interior; o preço cobrado por suas consultas, o que tornava os esculápios inacessíveis a maioria da população; acrescido da tradição popular de procurar outros agentes da cura em um momento em que os procedimentos médicos científicos ainda eram vistos com desconfiança pela maioria da população, os “[...] doutores não tinham muita legitimidade e prestígio junto a muitos pacientes” (SAMPAIO, 2001, p.145); fossem eles de origem humilde ou abastada, sem citar que a maioria dos seus métodos em pouco diferia dos utilizados pelos demais agentes de cura.

“Ignorantes ou gente classificada. Pouco importa. Ambos os segmentos sociais recorriam a curandeiros.” (PEREIRA NETO, 2001, p. 89). Podemos citar como exemplo o Dr. Alexandre Carvalho Leal, que mesmo sendo um letrado, pois exercia o ofício de advogado “[...] manifestou o desejo de ser medicado pelos espíritos” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 10.06.1921, p.01.).

Outro aspecto importante de se perceber é o caráter que se atribui a um possível comportamento natural dos homens mediante determinadas situações, “[...] apontando sua essência imutável e atemporal” (HORTA, 2005, p. 78) que seriam compartilhadas levando-os, por exemplo, a ter curiosidade mediante a realização de uma sessão mediúnica e sua natural propensão em procurar curandeiros diante da demora de um resultado eficaz e rápido por parte dos tratamentos médicos científicos. As terapias utilizadas por facultativos e agentes de cura eram mediadas pelos três reinos da natureza: o animal, o vegetal e o mineral, destacando-se “[...] os processos terapêuticos da alopatia, homeopatia, hidropatia, dosimetria, cada um tendo os seus partidários.” (WEBER, 1999, p.115). Para os médicos “[...] o método curativo teria, assim, obedecido a um teste ou uma prova das leis científicas” (FIGUEIREDO, 2003, p. 282).

As perseguições aos curandeiros, pajés, espíritas e toda a sorte dos que praticavam a ilegalidade médica intensificou-se “[...] quando começaram a se formar os primeiros grupos de médicos nacionais, ainda na primeira metade do século XIX, começaram também as intenções de eliminar a vasta concorrência.” (SAMPAIO, 2001, p. 24). No caso dos pajés, além da receita de remédios “[...] terapêuticos dos nossos vegetais, por eles largamente aplicados” (BEM, 1905, p.147 apud WEBER, 1999, p.114) soma-se, semelhante à Anna Prado, os “[...] contatos que faziam com o desacreditado mundo sobrenatural.” (FIGUEIREDO, 2003, p. 287). Em se tratando dos pajés havia uma íntima relação com o mundo vegetal, pois os remédios produzidos a partir de plantas constituíam parte integrante de suas estratégias de cura, valorizando os conhecimentos indígenas dos quais se diziam portadores.

As práticas médicas legais e o choque com os curandeiros acabaram expondo dois mundos que se opunham:

O mundo natural, de domínio dos doutores formados nas faculdades de ciências cuja natureza era entendida “[...] como um imperativo moral, ou seja, um ditame, um dever, uma ordem decorrente de uma verdade mais profunda e anterior. Assim falar de algo natural é apresentá-lo como inquestionável, inato, inegociável, fora de discussão e, principalmente positivo.” (DUARTE, 2005, p. 79), em um momento em que a “[...]”

filosofia positivista influía sobre a prática médica, transformando-a em verdade incontestável.” (PEREIRA NETO, 2001, p. 21). Para os médicos o saber acadêmico era resultado do exame experimental da natureza e o conhecimento proveniente dele, saber incontestável.

E o mundo sobrenatural, invisível, não tangível, habitado por espíritos e entidades espirituais, forças sobrenaturais, que agiam através dos médiuns, fossem eles espíritas, pajés ou pertencentes à outra religião, atuavam no mundo natural com vistas a amenizar o sofrimento dos doentes através de suas intervenções cirúrgicas, como no caso de Anna Prado e de outras práticas de curandeiros, bruxas e feiticeiros que se comunicavam com seres ou entidades espirituais para receitar remédios que viriam amenizar as dores do corpo e do espírito. Segundo Kardec (2003), os médicos não tinham sucesso em seus trabalhos porque tratavam apenas do corpo e não da alma e para o corpo atingir a saúde plena haveria que se conjugar esses dois elementos, procedimento que era muito comum entre os agentes da medicina ilegal.

As intervenções cirúrgicas de caráter mediúnico realizadas por Anna Prado em Parintins e Belém consolidaram-se como mais um elemento das práticas de cura a ser combatido pelos médicos, um espírito materializado mostrava a intercepção de dois mundos, o espírito teoricamente agia em nome da cura, transformando sua forma fluídica em algo tangível a ser apreendido pelo mundo natural, sua materialidade o inseria no mundo da natureza afastando-o do mundo sobrenatural do qual ele era originário. Para os espíritas “[...] a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal, ele no-lo mostra, não mais uma coisa sobrenatural, mas ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Natureza” (KARDEC, 2003, p. 36).

Os kardecistas viam nessas práticas posturas totalmente naturais, pois partilhavam uma relação de familiaridade com o mundo dos espíritos.

Os conflitos entre o exercício médico e outras práticas de cura nos levam a perceber o importante papel que a natureza ocupava nas atividades dos diferentes sujeitos envolvidos. Em algumas situações a natureza era percebida como um bem comercial manipulável, que tinha por finalidade a produção de remédios indicados para os mais variados tratamentos terapêuticos. A hidroterapia, terapia de cura através da água, por exemplo, era muito recomendada pelos médicos no início do século XX, porém para ter acesso a esse tratamento, era necessário ter situação financeira definida e

confortável para se deslocar e se manter em estâncias hidrominerais, onde era muito conhecido o poder curativo das *thermas* com águas quentes e frias.

A utilização da ideia de natureza como legitimadora de diversificadas práticas de cura, também fazia parte do quadro dos conflitos ensejados por médicos e curandeiros. Para os doutores o exercício da medicina estava ligado ao domínio e estudo dos três reinos naturais.

Os curandeiros de uma maneira geral viam na natureza um elemento essencial para realizar seus ofícios, principalmente no que concerne a seus receituários envoltos em unguentos, chás e beberagens, onde as plantas forneciam os essenciais princípios ativos dos remédios indicados para os mais diversos males. Por fim, os espíritas davam à natureza um caráter sagrado no momento em que entendiam o mundo sobrenatural, onde habitavam os espíritos, como componente do mundo natural, portanto passível de ser utilizado mediante as necessidades de saúde.

As intervenções cirúrgicas, supostamente realizadas por Anna Prado, nos permitiram adentrar nas complexas relações entre médicos e curandeiros, desvendando conflitos, percepções de mundo e os sentidos atribuídos à natureza. Esta era elemento integrante das práticas de cura, formando com elas um hibridismo presente nas atividades de todos os agentes da cura no início do século XX.

Decerto que os conflitos entre esculápios e os espíritas especificamente não se limitaram aos aspectos relativos aos sentidos atribuídos à natureza. No artigo *Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais* (1997), o sociólogo Emerson Giumbelli nos mostra como discursos produzidos por médicos e cientistas sociais implicaram em cada período em certa forma de entendimento do espiritismo. Nos deteremos nas análises do autor sobre os discursos produzidos pelos médicos no período de 1890 a 1940. Na periodização assinalada, o espiritismo se tornou alvo das preocupações dos esculápios que produziram discursos desqualificando as práticas espíritas acusando-as de “charlatanismo” ou “curandeirismo”, tendo por base dos discursos teorias e acusações. A teoria mais divulgada na imprensa foi aquela que associou o espiritismo à loucura, pois ser frequentador de reunião espírita poderia acarretar graves conseqüências à saúde podendo desencadear a loucura nos assistentes.

A associação entre loucura e espiritismo feita pelos esculápios não passou despercebida pelo Padre Dubois, que no artigo já citado, *Os médiuns* afirmou que: “[...] quem desejar amalucar ou hysterisar os filhos e, sobretudo, as filhas pode alistá-los

numa escola de mediumnidade (FOLHA DO NORTE, 07.03.1920, p.01).” Ao apontar “sobretudo as filhas” o Padre acreditava que as mulheres eram mais suscetíveis a se deixar influenciar pelo Espiritismo. Em outras palavras, o Reverendo se apropriou do discurso médico amplamente divulgado para afirmar seus posicionamentos diante da crença ameaçadora.

Este assunto, que tinha sido coadjuvante, passa a ter a atenção dispensada em livros inteiros, teses e artigos. Nas décadas de 20 e 30 do século passado, o espiritismo passa a ser associado à ideia de doença mental, tendo como campos de sua condenação a medicina legal e a psiquiatria. As práticas espíritas eram vistas como a terceira causa de alienação mental.

Dando continuidade ao debate, na virada dos séculos XIX para o XX, os discursos sobre o espiritismo deixam de lado seu conteúdo religioso e põem em pauta as consequências de suas práticas para os seus confrades e a sociedade em geral, o espiritismo passará a ser ‘psicologizado’, ou seja, analisado através dos conhecimentos da psiquiatria, seus fenômenos serão vistos segundo o médico Francisco Farjado, em sua obra intitulada *Tratado de Hipnotismo*, de 1896, como “[...] um estado de consciência secundária ou inferior”, produto do “automatismo cerebral” e de “sugestões” operadas por um terceiro ou pelo próprio indivíduo” (FARJADO apud GIUMBELLI, 1997, p.42.). Os fenômenos espíritas não seriam fraudulentos e nem teriam sua origem no mundo dos mortos, seriam manifestações da própria mente humana através de categorias como o “hipnotismo”, cujos benefícios terapêuticos eram conhecidos pela medicina e somente pelos médicos deveriam ser praticados. Esse discurso dos médicos cariocas foi apropriado pelos médicos paraenses Ferreira Lemos, Renato Chaves e Porto de Oliveira na avaliação das atividades da médium Anna Prado depois do fracasso da experiência de agosto de 1920.

A psiquiatria considerava o espiritismo perigoso, se o indivíduo já tinha uma doença mental passaria a incorporar “motivos espíritas” a sua enfermidade, caso contrário, as práticas espíritas poderiam desencadear estado de anomalia mental. O médium seria um doente mental por definição e a assistência “[...] uma espécie de microcosmos da sociedade brasileira em que predominam pessoas “ignorantes”, “analfabetas”, de “inteligência inferior” – a um só tempo sujeitas às influências psiquicamente deletérias, proporcionadas pelo ambiente da “sessão” e exploradas pecuniariamente pelo diretor do “centro” (GIUMBELLI, 1997, p.51). Essa era a opinião dos médicos do Rio de Janeiro sobre o espiritismo e seus frequentadores. Esqueceram-

se os doutores em seu diagnóstico da patologia incluir os elementos sociais componentes do espiritismo, ligados a grupos intelectualizados da sociedade, como seus próprios pares que se declaravam abertamente como espíritas.

Mas, afinal, como trabalhavam esses médicos que tanto contribuíram para a condenação do espiritismo e das práticas de cura?

O perfil dos profissionais de saúde foi analisado por André Pereira Neto, em *Ser médico no Brasil: passado e presente* (2001) que nos revela a caracterização das atividades profissionais dos médicos que atuavam no Brasil no final do século XIX e início do XX entre as quais podemos destacar: (a) a ausência de especialidades médicas tão comuns na atualidade, os médicos viam o corpo do paciente como um todo; (b) o baixo poder de resolubilidade das moléstias; (c) a influência da filosofia positivista na prática médica que daria ao conhecimento dos esculápios valor incontestável; (d) a plenitude da autonomia econômica desfrutada pelos médicos que determinavam o preço das consultas e a duração dos tratamentos; (e) autonomia técnica, eram os esculápios que decidiam o tempo de atendimento dos pacientes não havendo nenhum tipo de regulamentação das autoridades e finalizando (f) a prática da filantropia que se dava quando os médicos prestavam assistência em hospitais de caridade, não existindo nenhum tipo de obrigatoriedade, os médicos apareciam quando queriam e atendiam quantos pacientes desejassem, essas atividades traziam em contrapartida a ampliação de sua experiência profissional dando-lhes prestígio junto a clientela mais abastada, o que tornava a atividade um exercício moral. (PEREIRA NETO, 2001, p.21-28)

Em Belém do Pará não percebemos por parte dos médicos esta postura aguerrida em relação às práticas de cura de Anna Prado e outros espíritas especificamente, muito pelo contrário, a fúria combativa dos órgãos governamentais e a pressão dos discursos dos facultativos recaíram sobre os pajés, agentes de cura abundantes “[...] nas regiões centrais da cidade, nas proximidades de respeitadas e civilizadas residências de eminentes políticos e comerciantes [...]” (FIGUEIREDO, 2003, p.282). A atuação dos pajés, concorrentes diretos dos esculápios na Amazônia, fez com que esses se mobilizassem e cobrassem das autoridades mais empenho em coibir tais práticas, o que gerou uma produção de discursos diferenciados sobre a pajelança, os quais envolviam a opinião não só de médicos mais de juristas, jornalistas, políticos, elite intelectualizada e os próprios pajés que não se esquivaram dessa contenda.

A perseguição aos pajés na virada do século XIX para o XX era realidade estampada nos diários paraenses, os médicos que seriam os mais interessados na

repressão aos famigerados ofícios dos pajés, contavam com o apoio da Junta de Higiene Pública do Pará assim como com o aparato policial e a colaboração da imprensa. Os articulistas dos jornais teimavam em desqualificar os curandeiros e seus pares em nome da sociedade que deveria evoluir tornando-se “moderna” e “civilizada”, explanavam suas opiniões pessoais assim como também reproduziam os discursos médicos. Apesar da perseguição desmedida que se intensificou nos primeiros anos do século passado, a população continuava recorrendo aos pajés que diante desse contexto forjaram alternativas de cura defendendo suas práticas, mesmo que elas não fossem consideradas oficiais, pois eram corriqueiras, valorizadas, legitimadas e aceitas pela população que mantinha com essas práticas longa intimidade.

Enquanto os pajés eram caçados sem tréguas, nem a cirurgia de um ‘médico do balém’ em Parintins, amplamente noticiada, foi suficiente para provocar qualquer tipo de reação dos esculápios em relação à Anna Prado, eles não pronunciaram uma única palavra de crítica, desagravo ou especulação. Se a médium tinha realizado práticas de cura no Amazonas, o que a impedira de realizá-las em Belém? Seria ela procurada pela população sendo mais um concorrente a ser combatido? Qual o motivo de tamanho silêncio?

Tentarei responder as questões propostas acima esclarecendo inicialmente que qualquer reação dos facultativos no que diz respeito à médium seria embaraçosa pelo fato de Anna Rebello Prado ocupar uma posição social respeitável e financeiramente confortável, seu marido era comerciante “[...] abastado e conceituadíssimo, pelas suas qualidades de espírito e de coração, acatado e estimado no seio da sociedade belenense”. (FARIA, 2002, p.21) tinha negócios tanto na capital quanto no interior administrando com competência a firma Albuquerque e Cia, em época que a praça econômica de Belém atravessava séria crise, em outras palavras, a família Prado tinha ‘capital financeiro e social’. A casa dos Prado era frequentada pela “fina flor” política e econômica do estado, ressaltando-se que se fizeram presentes às disputadas sessões mediúnicas desembargadores, políticos do alto escalão dos poderes Executivo e Legislativo, como o governador Lauro Sodré e o ex-governador João Coelho, o Senador Justo Chermont, além do prefeito da capital paraense Nogueira de Faria e do Deputado estadual Apolinário Moreira, além de jornalistas, engenheiros, comerciantes, farmacêuticos, agrimensores, artistas, advogados, diplomatas e muitos, muitos médicos. Essas seriam razões suficientes para fazê-los refletir, mas não satisfatório o bastante

para fazê-los calar. Acusar os Prado de exercício ilegal da medicina não seria tão fácil como denunciar os pajés, cujo exercício ilegal da medicina era recorrente.

Acredito que os motivos que levaram os ‘homens de ciência’ a ficarem silenciados estariam inteiramente relacionados a seu ceticismo em relação aos fenômenos, eles não acreditavam nas materializações, muito menos que o espírito de ‘seus iguais’ teriam abandonado o mundo invisível para operar ‘pacientes’ acometidos de enfermidades. Mesmo não acreditando nas materializações, seria muito difícil provar que houve duas intervenções cirúrgicas em Parintins, o que deixava os médicos paraenses sem argumentos contestadores; os pajés, por exemplo, eram surpreendidos cotidianamente exercendo sessões de cura promovidas nas cercanias de Belém. Para denunciar Anna Prado era necessário ter provas materiais ou o flagrante dos exercícios de cura e neste caso era impossível consegui-las. Outra observação curiosa, diz respeito aos médicos, que na década de vinte ainda não eram um grupo coeso e corporativista na defesa de seus interesses, assim sendo, se as operações tinham ocorrido em outro estado, o protesto caberia aos médicos amazonenses e não aos esculápios paraenses.

Outra análise que merece nossa atenção diz respeito à pretensa cirurgia realizada em Belém, pois como mencionado foi facultada a reduzido número de pessoas, provavelmente do círculo de confiança do casal Prado, esta sessão de cura na época não era de conhecimento público, talvez nem dos médicos, se a situação fosse inversa. Pergunta-se: será que alguém estaria disposto a testemunhar mediante autoridade sanitária ou policial? Acredito que não. E para concluir nosso debate pergunto: a quem responsabilizar pelas operações? ‘Os cirurgiões do mundo invisível’ ou a médium que se encontrava em transe mediúnico em algum canto da sala sentada em uma cadeira em estado letárgico quando as prováveis cirurgias foram realizadas?

O fato é que, em todas as práticas de cura recorrentes, os médiuns espíritas ‘curavam’ através de receitas, preces, passes e remédios. A crença em seus poderes ilimitados e sua relação com o mundo dos desencarnados transformou a busca pela cura em importante fator de crescimento do espiritismo. No Brasil e na região amazônica era totalmente incomum uma cirurgia mediúnica realizada por um espírito materializado, portanto como culpar e/ou responsabilizar Anna Prado por seus atos ou os dos fantasmas? Tarefa indigesta.

Além das explicações acima citadas, para desvendar o silêncio dos médicos paraenses em relação ao episódio isolado de Parintins, cabe ressaltar que os médiuns não se contrapunham aos “[...] médicos e outros “cientistas” afinal defendiam uma

doutrina que também se dizia “científica” (WEBER, 1999, p.205). Os espíritas sempre buscaram associar suas orientações filosóficas aos princípios científicos em destaque no início do século XX, talvez por este motivo vários desses profissionais mantivessem em relação aos espíritas postura menos rígida em relação a seus ofícios de cura.

Os esculápios paraenses não viram na médium Anna Prado concorrente a ser desmoralizada ou combatida, médicos conceituados da capital paraense que se declaravam abertamente kardecistas como Matta Bacellar, que contava 70 anos de idade e mais de 40 de profissão, se fizeram presentes com frequência às sessões mediúnicas, entre tantos outros que se diziam descrentes. Os kardecistas “[...] compuseram um universo articulado, com publicações teóricas e um corpo doutrinário defendido por seus membros.” (WEBER, 1999, p.188), fazendo com que a doutrina espírita viesse a ser ‘abraçada’, por vários médicos brasileiros que anunciavam publicamente suas conversões geralmente impressionados com as ‘curas extraordinárias’ obtidas pelos médiuns. Entre os convertidos, sem dúvida, o caso mais conhecido foi de Adolfo Bezerra de Menezes (1830-1900). (GIUMBELLI, 2008, p.15) Sem constrangimento podemos afirmar que na ‘constelação’ de agentes de cura, os médiuns eram vistos de forma diferenciada pelos esculápios.

A intervenção cirúrgica, supostamente realizada por Anna Prado em Parintins, nos permitiu adentrar nas complexas relações entre médicos e curandeiros, desvendando conflitos, percepções de mundo e os sentidos atribuídos à natureza. Esta era o elemento integrante das práticas de cura, formando com elas um hibridismo presente nas atividades de todos os agentes da cura no início do século XX.

A curta, porém significativa trajetória da médium Anna Rebello Prado foi interrompida em 23 de abril de 1923 quando ela foi vitimada pela explosão de um fogão a álcool ao aquecer leite, segundo notícia do jornal *A Província do Pará*, intitulada *Um doloroso infortúnio* Anna Prado ficou gravemente enferma com queimaduras de 3º grau no tórax e nos rins. Chamado às pressas para socorrê-la o médico Camilo Salgado⁵⁵ aplicou-lhe os primeiros socorros, porém não deu esperança a família Prado, já que o estado da médium era gravíssimo; apesar do acidente, Anna Prado estava lúcida e ainda conversou animadamente com suas duas filhas na noite do infortúnio, queixando-se apenas de dores provenientes das queimaduras. Eurípedes Prado encontrava-se em

⁵⁵ Camilo Salgado (1874-1938), médico muito conhecido em Belém por suas práticas caridosas em relação aos enfermos, hoje é cultuado no cemitério de Santa Izabel por ser considerado milagreiro (MORAES, 2004 p. 15-25)

Igarapé-Açu tratando de negócios, através de telegrama soube do desastre e retornou à Belém imediatamente, ao chegar pela manhã recebeu a notícia, sua esposa não resistiu aos ferimentos e falecera naquela manhã, Eurípedes Prado teria ficado inconsolável vindo a ser amparado pela filha Eurides Prado. O corpo da médium seria sepultado naquela manhã, às 9h do dia 24 de abril de 1923, no Cemitério de Santa Izabel. (A PROVÍNCIA DO PARA, 24.04.1923, p.2)

Antes de falecer, no mês de maio de 1921, Anna Prado teria materializado o espírito de Raquel Figner, jovem que falecera aos 21 anos, em 30 de março de 1920. Seus pais Frederico Figner⁵⁶ e Esther Figner vieram do Rio de Janeiro atraídos pelas notícias dos fenômenos espíritas de materialização, em busca de consolo para sua dor. A visita deste casal comprova que os prodígios espíritas de efeitos físicos produzidos por Anna Prado haviam atravessado as fronteiras do Pará. Após as materializações de Raquel Figner, respectivamente nos dias 1,2,4 e 6 de maio, Frederico Figner doou a médium como forma de agradecimento, uma vultosa quantia que a família Prado repassou à União Espírita Paraense, que com esse dinheiro, somado a outras arrecadações de campanhas promovidas pelos kardecistas, a entidade comprou o prédio da atual sede na rua Osvaldo Cruz, 45, bairro da Campina, Belém, Pará.

O empenho da família Prado e as controvérsias as quais se envolveram convergiram para propósitos bem maiores que podem ser traduzidos por meio do fortalecimento do movimento espírita no estado do Pará a partir da atuação da médium Anna Prado que tornou a doutrina popular e acessível através da imprensa, antes da médium o kardecismo em Belém não havia alcançado tamanha repercussão apesar do empenho de seus seguidores. Se Eurípedes Prado nada desejava ao permitir a divulgação na imprensa dos eventos ocorridos em seu lar, conseguiu muito mais, atravessou o tempo fazendo com que ainda hoje Anna Prado seja tema discussões.

Atualmente existem mais de 15 sites dedicados a médium que continua sendo destacada pelos espíritas devido às numerosas habilidades mediúnicas que seria portadora, ratificando, para os espíritas a existência da vida após a morte.

⁵⁶ Frederico Figner (1866-1947), imigrante tcheco fundador de ascendência judaica, dono da Casa Edison que se dedicava a vender aparelhos sonoros (máquinas falantes), cilindros e chapas. Em 1901, Figner se associou à indústria de discos alemã Zon-O-Phone, pertencente ao conglomerado Carl Lindström, para lançar e gravar discos com exclusividade. Não se sabe ao certo quando se deu essa conversão, mas, em 1903, já se encontram vestígios das atividades espíritas de Figner na Federação Espírita Brasileira. Disponível em <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/fredericofigner.html>. Acessado em 25 abr. 2012.

Anna Prado é tão atual que no segundo semestre de 2013 será lançada uma peça teatral intitulada *Lapidários: fenômenos além da carne* que continuará a discutir o alcance de seus supostos prodígios.

CONCLUSÃO

A maior preocupação deste trabalho foi analisar as controvérsias promovidas pelas atividades fenomênicas de Anna Rebello Prado, médium singular por congregar tantas habilidades mediúnicas. Mulher rica, de formação católica, esposa de um espírita bem relacionado na sociedade belenense e bem sucedido nos negócios em momento que o estado amargava profunda crise econômica. A posição de Eurípedes Prado na estrutura social me permitiu entender a presença constante dos grupos de letrados paraenses nas reuniões mediúnicas povoadas por “fantasmas” materializados. A elite intelectualizada era representada principalmente pelos médicos que buscaram desvendar os mistérios dos fenômenos embriagados pela atmosfera cientificista que ecoava da Europa orientando seus passos aqui em Belém.

Os seguidores de Kardec tinham em Anna Prado sua maior propagandista, seus dotes mediúnicos davam a certeza a esses crentes que a vida continuava após a morte e que neste mundo visível não estavam sozinhos.

A postura combativa da Igreja Católica revela uma instituição fragilizada que na década de 20 do século passado procurava ampliar sua área de atuação religiosa, buscando reviver o monopólio religioso que outrora vivenciou.

A pesquisa procurou analisar a forma como os fenômenos supostamente produzidos pela médium insuflaram paixões que contribuíram para a construção de uma memória sobre a Anna Prado que ajudou a tornar público e popular à doutrina espírita por meio de sua atuação, de seu esposo Eurípedes Albuquerque Prado e seu amigo e fiel defensor da doutrina kardecista e dos fenômenos Raymundo Nogueira de Faria que “Não quis que o tempo que tudo diminui, quando não destroe, diluísse no esquecimento a memória dos fenômenos observados nas recentes e famosas materializações dos espíritos nesta capital.” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 21.02.1922, p.01).

Uma das conclusões deste trabalho é de que a construção de determinada memória sobre a médium só foi possível pelo empenho de Faria em documentar tais fatos tão detalhadamente não se furtando de explicitar o posicionamento de seus opositores reproduzindo fielmente e na íntegra todos os artigos que julgou importante para o debate proposto em seus dois trabalhos, *O trabalho dos Mortos* (1922) e *A Renascença da alma* (1924) o que realça que o referido autor se identificava com a atmosfera científica que o cercava.

Somado a isso, esse trabalho levantou e pretendeu revelar o envolvimento da elite culta belenense, entre os quais se destacavam os médicos Matta Bacellar, Renato Chaves, Porto de Oliveira, Ferreira Lemos, os articulista João Alfredo de Mendonça, Nogueira de Faria e o Padre Florêncio Dubois que além de polemizarem por meio da imprensa demonstraram que muito os envolvia as atividades fenomênicas ao mesmo tempo que os incomodava. Considero que o esforço dos sujeitos históricos estudados estava relacionado ao projeto de valorização de suas convicções fossem elas de orientação religiosa ou científica tendo Anna Prado como epicentro de seus debates, uma mulher de posição social privilegiada que foi exposta a avaliação pública devido suas habilidades mediúnicas. Por sinal, pouco descobri sobre essa mulher incomum, seu humor, sua vida pregressa aos fenômenos, o cotidiano em família, sua relação com os amigos, ela nada fala, é silenciada por interlocutores, sua opinião e atitudes tem como porta voz seu esposo e as demais as informações que estariam além dos detalhes de seus exercícios mediúnicos são filtradas pelos articulista o que a torna um mistério ainda a ser desvendado.

Mais que saber quem foi essa mulher na intimidade ou quem venceu a batalha, importa a este trabalho ressaltar a efervescência científica e religiosa de Belém nos idos anos vinte do século passado através do questionamento sobre a veracidade ou não dos fenômenos de materialização indicando o avanço do Espiritismo no estado do Pará.

REFERÊNCIAS: BIBLIOGRAFIAS E FONTES

- ANDRÉA, Jorge. *Dinâmica Psi*. 2. ed. Petrópolis: Editora Espiritualista FV Lorenz, 1990.
- ARRIBAS, Célia da Graça Amaral. *Afinal, Espiritismo é religião?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro : Vício de Leitura, 2000.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo horizonte: Autêntica, 2008.
- BLOCH, Marc Leopoldo Benjamin. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio*, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. Belém: CEJUP, 1986.
- BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. *Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império*. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, bbb1992.
- CANUTO, Abreu. *Bezerra de Menezes - Subsídios para a história do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895*. 4. ed. São Paulo: Edições FEESP, 1991.
- CARNEIRO, Victor Ribas. *ABC do Espiritismo*. 5a. ed.. Curitiba (PR): Federação Espírita do Paraná, 1996.
- CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.
- CIVITA, Victor (Edit). *Os pensadores: Auguste Comte*. 2 ed. São Paulo: ABRIL CULTURAL, 1983.
- COELHO, Alan Watrin. *A ciência do governar: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré*. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal do Pará. Belém: 2006.
- COLOMBO, Pe. Giancarlo. *Pe. Florêncio Dubois*. Rio de Janeiro, 1973.
- COSTA, Éden Moraes da. *Médico de ontem e de hoje: ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará. Belém; 2004.
- DE PAULA, J. A fotografia como fonte histórica. *Cadernos de História Social*, Campinas, n. 5, 1997.
- DESCHAND, Desiderio, Pe. *A situação atual da religião no Brazil*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. 16. ed. São Paulo: Pensamento – Cultrix, 2010.
- EVANGELISTA, Sheila Izoete Mendes. *O caso Ana Prado: espíritas, católicos e positivistas em Belém de 1919-1921*. Monografia (Centro de Ciências Humanas) – Departamento de História, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.
- FARIA, Nogueira de. *O trabalho dos mortos (O livro do João)*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- _____. *A renascença da alma*. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré - Escola Profissional do Estado, 1924.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed., Curitiba: Positivo; 2009.
- FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX*. In: CHALHOUB, Sidney et al. (orgs.). *Artes e*

- ofícios de curar no Brasil*. Capítulos de História Social. Campinas: UNICAMP, 2003. p.273-304.
- FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *No tempo dos seringais: o cotidiano e a sociedade da borracha*. Belém: Atual, 1997.
- FONTES, Edilza. *O Paraíso Chama-se Pará: O álbum "Pará em 1900" e a propaganda para atrair imigrantes*". In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar (Org.). **Terra Matura: Historiografia e História Social na Amazônia**. Belém : Paka-Tatu, 2002,p. 257-272.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 237-271.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- _____. *A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, 2008.
- _____. Kardec nos Trópicos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 3, nº 33, p.14-19, junho, 2008.
- _____. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP,1997.
- GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ESCOLAR. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1987.
- JORNAIS PARAOARAS: *Catálogo*. Belém: SECULT, 1995.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. São Paulo: IDE, 2003.
- _____. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Lake, 1998.
- _____. *O livro dos espíritos*. Araras: IDE, 1993.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LINS, Ivan Monteiro de Barros Lins. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 2010.
- MACHADO, Ubiratan. *Chico Xavier, uma vida de amor*. Araras: IDE, 1992.
- MATOS, Cristiano José Henrique. *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MAUÉS, R. Heraldo. 1995. *Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesial*. Belém: CEJUP, 1995.
- MOREIRA, Eidorfe. *Obras Reunidas*. Belém: CEJUP, 1998. v. 8
- NEVES, Guilherme Pereira das. *A religião do Império e a Igreja*. In: GRINBERG et al. (orgs.). *O Brasil Imperial: 1803-1831*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. v. 1. p. 377-428.
- PEREIRA NETO, André de Faria. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- QUINTÃO, Manuel. *Phenomenos de materialização*. Rio de Janeiro: FEB, 1921.
- RIBEIRO JR, João. *O que é positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- RODRIGUES, Silvio Ferreira. *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- ROQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL, 1968.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Campinas: Unicamp, 2001.
- SANTANA, Verônica Neuma Ferreira. *A história do Espiritismo no Pará: 100 anos de União Espírita Paraense*. Belém: UEP, 2006.
- SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo: uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997.

- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1890-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SIQUEIRA, Paulo. *A vida de Arigó*. Piracicaba: Ed. Nautilus, 1971.
- SOUZA, Natália Peixoto Bravo de Souza. *A militância em torno da glorificação de Euclides da Cunha: um projeto político-ideológico*. Dissertação de Mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: USP; Curitiba: Editora Orion, 2003.
- _____. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 52, n. 18, p. 181-199, 2004.
- TOURINHO, Nazareno. *O trabalho dos mortos e a tolice dos vivos*. São Paulo: Edições Feesp, 1993.
- WEBER, Beatriz. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense, 1889-1928*. Santa Maria: Edusc, Editora da UFSM, 1999.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

- <http://www.garotonervoso.com/2009/10/espírito-de-rapaz-morto-aparece-em.html>, Acesso em: 25 nov. 2010.
- <http://www.youtube.com/watch?v=cciVM9IKSCA>. Acesso em: 25 nov. 2010.
- <http://www.useregionaljau.com.br/Biografias>. Acesso em: 28 fev. 2011
- http://www.nossolar.net/biografias_alexander_aksakoff.html. acesso em 28.02.2011
- <http://www.traca.com.br/clipping/exibir/9635/a-onda-espírita-nos-cinemas>. Acesso em: 20.01.2011.
- BARROSO, Daniel Souza. *Família e imigração: o casamento, em Belém, no início do século XX*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG –Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_1/abep2010_2165.pdf, acessado 20 de mar 2012.
- BOSI, Alfredo. *O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração*. Revista Brasileira, Fase IV, Ano XI, Nº 43, Abril-Maio-Junho, 2005. p.157-182. Disponível <http://www.academia.org.br/abl/media/editorial43.pdf>, Acessado em 15/03/2012.
- <http://cid851d806c78110ebb.skydrive.live.com/self.aspx//Arquivos%20de%20Hist%C3%B3ria%20do%20Direito%20no%20Brasil/C%C3%B3digo%20Penal%20de%201890%20Completo.c>. Acesso em: 15 mar. 2011. Código Penal.
- BEOZZO, José Oscar. “As Igrejas e a imigração”. In CUNHA, Tiago Donizette da. *A igreja e a política durante a Primeira República: O caso do Cônego José Valois de Castro*. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/13Tiago.pdf>. Acessado 15 fev. 2012.
- LOVISOLO, Hugo. *Positivismo na Argentina e no Brasil*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais 2009. Disponível em: <http://www.napocs.org.br/portal/content/vien/123/54/> :Acesso em 12 mar. 2012.
- SENA, Patrícia Mota. *Episódios dos perdões e Católica na Bahia*. Dissertação de Mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2005. Disponível em http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/O_Episodio_dos_Perdoes.pdf. Acesso: 25 mar 2012.

STRAUSS, André & WAIZBORT, Ricardo. *Sob o signo de Darwin: sobre o mau uso da quimera*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23, Nº 28. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-6909&script=sci_serial. Acesso 12 mai de 2012.

PERIÓDICOS

- Folha do Norte, Belém, *Sessões espíritas*, 16.11.1918, p.01
 Folha do Norte, Belém, *O perispírito*, 29.02.1920, p.01
 A Palavra, Belém, *O João voltou*, 21.10.1919
 Folha do Norte, *Espiritismo*, 30.03.1920, p.01
 Folha do Norte, Belém, *Phenomenos espíritas*, 20.05.1920, p.01
 Folha do Norte Belém, *Retrato de sombra ou sombra de retrato?* 20.06.1920, p.01
 Folha do Norte, Belém, *Os papalvos espíritas*, 21.06.1920, p.01
 Folha do Norte, Belém, *Ainda bem que aceitou*, 24.06.1920, p.01
 Folha do Norte, Belém, *Minhas condições*, 26.06.1920, p.01
 Folha do Norte, Belém, *Recuo estratégico*, 29.06.1920, p.01
 Folha do Norte, Belém, *Ultima pa de cal*, 03.07.1920, p.01
 O Estado do Pará, Belém, *Phenomenos espíritas*, 04.08.1920, p 01.
 O Estado do Pará, Belém, *As materializações do João*, 21.08.1920, p.01.
 O Estado do Pará, Belém, *As materializações do João*, 22.08.1920, p.01.
 O Estado do Pará, Belém, *As materializações do João*, 24.08.1920, p. 01.
 A Província do Pará, Belém, *Aparições estranha: será o João?* 04.02.1921, p.01
 A Província do Pará, Belém, *Aparições estranha: Aparições estranhas: não era o João... era o Manuel*, 12.02.1921, p.01
 A Província do Pará, Belém, *Os misterios de além-tumulo*, 10.06.1921, p.01
 A Província do Pará, Belém, *Pajelança*, 20.08.1921, p.02
 A Província do Pará, Belém, *Um doloroso infortúnio*, 24.04.1923, p.02
 Diário do Pará, 12.08.2010, p. 2-3. Coleção Personalidades Históricas do Pará – 2ª Fase